

1879



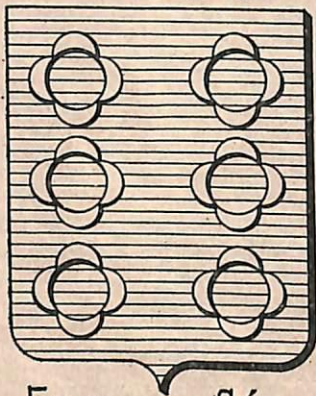
CARVALHO
JUNIOR

PARISINA

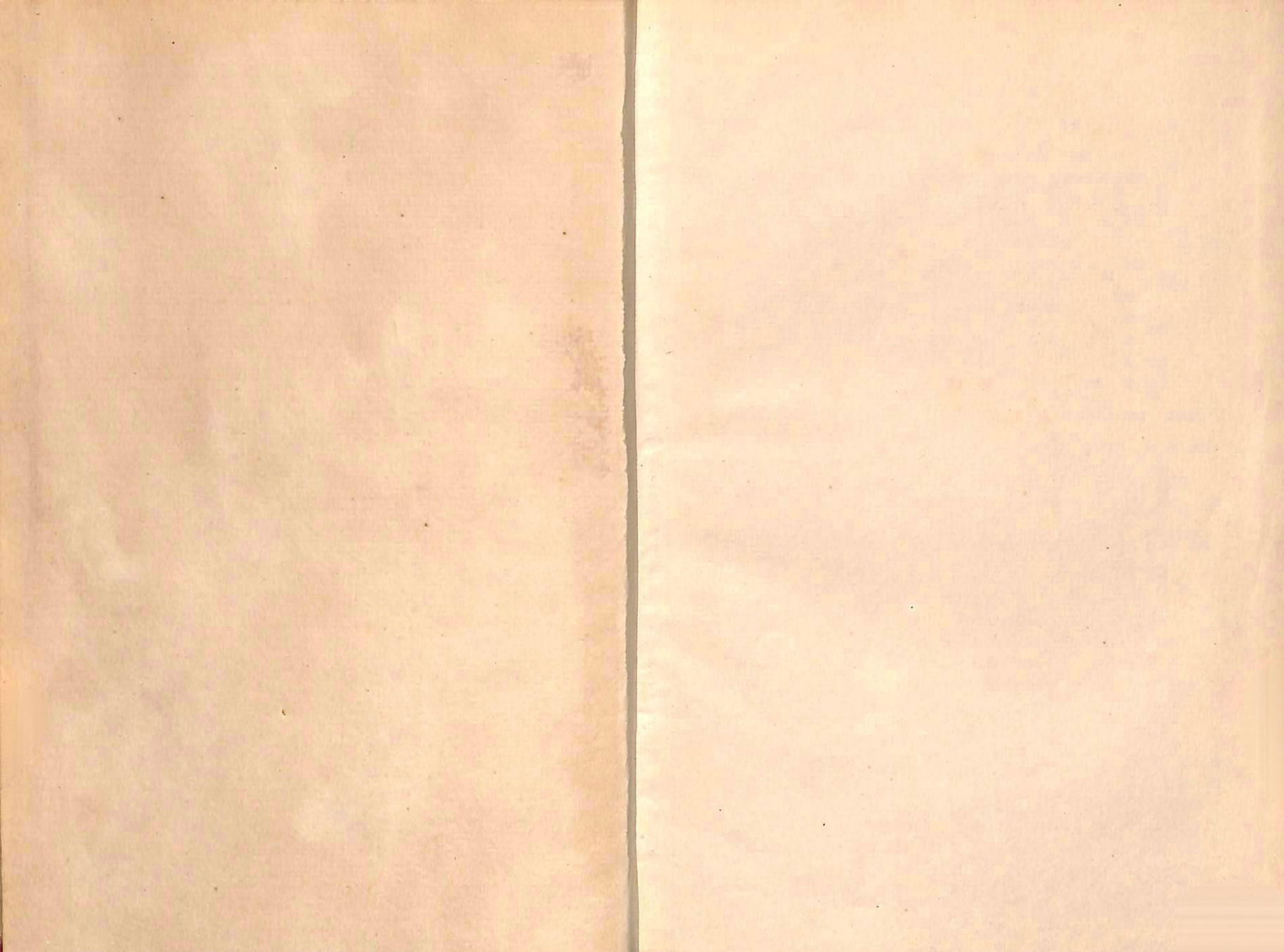


1879





FERNANDO GÓES



F. A. DE CARVALHO JUNIOR

PARISINA

PREFACIO DE ARTHUR BARREIROS

Theatro. — Versos.

Folhetins. — Critica litteraria.

Escriptos politicos.

RIO DE JANEIRO


Typ. de Agostinho Gonçalves Guimarães & C.

22—Rua do General Camara—22

1879

*Reservados os direitos de representação do drama
e reimpressão do livro.*

Não se transplantam para este livro os numerosos artigos publicados por ocasião da morte do auctor, unicamente por falta de espaço.



A meus paes



CARVALHO JUNIOR

A biographia do auctor deste formoso livro da *Parisina* escreve-se em pouco mais de meia duzia de linhas singelas e corridas, simples e despida, como é, das grandes desordens das paixões publicas e das luctas porfiosas travadas entre o character do escriptor e os enthusiasmos do dia.

Francisco Antonio de Carvalho Junior era filho legitimo do sr major Francisco Antonio de Carvalho e da exma sra D. Rosa Filgueiras Carvalho, modelos de paes amantissimos: nasceu em 6 de maio de 1855, nesta cidade do Rio de Janeiro, que tantos talentos olympicos tem devorado ás primeiras explosões ruidosas e engrandecido tantissimos outros bons espiritos, com o que mais se acrescenta a gloria das nossas lettras e o bom nome desta ametade esplendida da America.

Aos dezoito annos de idade, depois de approvado em humanidades, matriculou-se na Academia de S.

Paulo, que lhe conferiu o gráu de bacharel pelos fins de 1877.

O terceiro e quarto annos, estudou-os o infeliz moço e poeta correctissimo na Faculdade do Recife.

Durante o curso do baccalaureato, collaborou, quer como folhetinista, quer como poeta, quer como critico, em varios periodicos de rapazes, e nomeadamente na *Republica*, de S. Paulo, excellentemente dirigida pelo estimado poeta e prosador de vulto, o sr Lucio de Mendonça.

Em principios de 1878, nomeado promotor publico de Angra dos Reis, casou nessa cidade com a exma sra D. Carlota Peixoto.

Aggravando-se-lhe singularmente os padecimentos do coração, que o perseguiram como assassinos ferozes durante todo o periodo academico, veio para esta côrte, onde colheu-o a nomeação de juiz municipal e a morte.

Falleceu em 3 de maio de 1879, contando apenas vinte e quatro annos de idade.

Eis quanto nos cabe referir ácerca da minguada, e não obstante trabalhada vida deste espirito de eleição e um dos engenhos mais originaes da geração d'hoje.

Estudemol-o agora muito pela rama, nas suas composições em prosa e verso, que mais e melhores seriam, si tão cedo a desgraça lhe não entenebrece a phantasia e os dias.

O talento flexivel de Carvalho Junior accentuou-se com egual brilhantismo no theatro, na tribuna e na imprensa das academias.

Como dramaturgo, deixa um drama realista em tres actos, escripto quasi de um folego, para satisfazer os desejos de uma actriz.

Como orador, logrou fama de elegante, de rara fluencia e de aproveitada lição: das suas concorridissimas conferencias, no Club Republicano Academico de S. Paulo, apenas nos restam fragmentos e notas da que versava sobre a liberdade de cultos.

Como poeta e como jornalista, finalmente, ali estão os seus artigos de critica, os seus versos tão caracteristicos e tão bem cinzelados, os seus folhetins finamente espirituosos, leves, facéis, de uma alegria communicativa, irresistivel, boa.

É isto sem fallar no que morreu com elle, na affabilidade e alteza do seu character, nos seus copiosos bons ditos, no seu limpido riso chrystallino de moço, na profunda bondade da sua alma de forte.

Nas poucas paginas admiraveis que traçou para prefaciá o drama *Parisina*, advoga o auctor, com sobejidão de argumentos, a excellencia da eschola realista sobre as demais escholas litterarias e explica os motivos que o levaram a dramatisar *aquella enorme catastrophe de familia*, já tão superiormente decantada pelo poeta inglez.

A alguém parecerá que dest'arte fica prejudicada a composição no que toda a composição deve ter de primario—a originalidade; mas uma das mais bem dotadas organizações litterarias destes tempos, Alexandre Dumas filho, a quem ninguém recusará justificada competencia em materia de Ar-

te, opina que não ha idéas originaes em litteratura, em litteratura dramatica principalmente: ha sómente pontos de vista novos.

Os objectos e os individuos são sempre os mesmos.

O meio, os usos, os costumes, em uma palavra só se modificam as superficies.

Resta agora saber si effectivamente é novo o ponto de vista escolhido pelo dramaturgo.

Byron pintou com mais genio aquelle espantoso incesto; mas acceitou o desastre tal como lh'o poderia deparar a natureza, sem curar das causas, pela novidade e horror do thema: cantou-o como poeta extraordinario, abandonando-o ao philosopho para que o fundamentasse.

Carvalho Junior, transplantando este factio das paginas do poema para o taboado da scena, baseou-o nos casamentos deseguaes pelas edades: pelo conseguinte elegeu um ponto de vista muito outro do de Byron e de Emilio Zola, no maravilhoso livro *La curée*.

A *Parisina*, posta no papel em menos de tres semanas, lida a uma roda de amigos, atirada para o fundo de uma gaveta, sem maior correcção, sem ficar tirada a limpo siquer, conserva ainda no estylo todas as incertezas, todas as hesitações, todas as demasias naturaes ao improvisio de escripta, que já hoje se não pod-m desbatar nem mondar, sob pena de offender gravemente a feição e a poderosa pessoalidade litteraria do auctor.

Nada obstante, o drama, que se tece em tres horas, na mesma sala, entre cinco personagens, n'uma provincia qualquer, cresce gradativamente

e em bem combinada proporção no interesse e na belleza, de acto para acto, de scena para scena, desta para aquella falla, desde as pequeninas insinuações do dr Cicero até a catastrophe final, que traz a desunião dos esposos e o suicidio do filho.

Os caracteres das personagens são verosimeis, bem sustentados e originaes, salvante o da viuva Almeida, que é evidentemente uma copia perfeita de egual typo do *Supplicio de uma mulher*.

Alexandre é rhetorico e *poseur*; vale-se do seu infortunio para tomar a mão e fazer discursos á familia.

Isto porém, que á primeira vista é lançado á conta de desprimor, si considerarmos bem, veremos que é, pelo contrario, subtilissima satyra de um vicio da actualidade, e que a propria posição da personagem justifica:—Alexandre é deputado.

Outro tanto me não succede com aquelle afflictivo grito de Davina—“*Perdão... perdão por meu filho... sería um duplo assassinato!*”

Este grito será verdadeiro, estará na natureza, estará na maternidade?

Não será antes ululado pelo medo ao castigo, pelo temor da justiça?

Não ficará sendo um meio facil de salvação para as aduleras que gravidam?

Pois o amor de mãe, esse prolongamento de uma vida em duas vidas, essa consubstanciação de duas almas n'uma só alma; esse sublime olhar choroso que atravessa os mares, seguindo piedosamente o filho ausente; esse infinito oceano de ternura ideal, que mundifica todas as culpas, que

perdôa todos os crimes; esse amor que fixa no peito em vez de um coração um sol (e aí de quem perdeu para sempre a doce luz dos seus raios!) pois o amor de mãe, essa coisa divina, essa grandiosa vibração da alma da mulher, não desabrochará com os primeiros vagidos da creança, com as primeiras dores da maternidade?

Compõem a segunda parte dos *Escriptos posthumos* os primorosos sonetos, escriptos ao geito dos de Baudelaire e modificados ao mesmo passo pelo temperamento e pela individualidade do poeta.

Assim, ganharam um tom menos satânico e mais quente que o do modelo.

E' a poesia da febre, da sensualidade, do prazer levado até á dôr, do beijo que fere, do amor que rasga as veias, n'um deslumbramento e n'um delirio, para beber o proprio sangue.

Neste descompassado amor á carne, certo deve de haver o seu tanto quanto de artificial; mas, como observa Th. Gautier nos versos das *Flores do mal*, e eu nóto nestes, a poesia póde ser má; commum nunca o é.

Pelo que respeita propriamente á versificação, Carvalho Junior metrifica correctamente e sem custo.

Das *Hesperides*, que teem versos de uma belleza incomparavel, como, por exemplo, esta onomatopéa moderna, de um genero novo,

Esguias e subtis sobre os tapetes lisos,

dão logo nos olhos á gente *Nemesis*, *Anthropopha-*

gia, *O perfume*, *Lusco-fusco*, *Simia*, *Plastica*, *Esboço*, *Après le combat*, *Idolo negro*, *For ever* e *En attendant*, bem que derivada esta ultima de outra eschola, mas ainda assim subordinada ao mesm:o pensamento dominante.

A's *Hesperides* seguem-se os folhetins, compostos em varias epochas, sob impressões de sentimentos diferentes, as mais das vezes para que se compaginasse o periodico ou a revista, sem outro intuito que o de encher espaço e desenfastiar o leitor.

Eis porque o estylo é frouxo, descurado e, tal qual vez, banal; todavia salvam-se ou pela graça, ou pela naturalidade, ou por ambas as coisas a um tempo, *Necrologio de um...* e *Um amor philosopho*.

O primeiro, rebaixado propositalmente até a trivialidade chôcha dos elogios funebres, é a bôa risada victoriosa com que mandamos para a cova o amor que em nossos braços se finou de tédio, de impotencia e de saciado.

O segundo, bohemio, indifferente, chão, tem a nota maliciosa dos contos de Boccacio.

Dos artigos, reunidos sob o titulo geral de *Critica*, importa destacar o que se occupa com o romance e sua influencia nos espiritos, e outro sobre a *Morgadinha de Val-flór*.

Este, que evidencia por egual o senso critico do

escriptor e desmonta da popularidade que tem obtido até hoje a obra de Pinheiro Chagas, prova que a *Morgadinha de Val-flôr* não é, como cuidava toda a gente, imitada do *Romance de um rapaz pobre*, mas sim trasladada para peor da *Morgada de Lyon*.

Pouco é o que já agora temos de summariar. Na ultima parte incluíram-se os artigos referentes á politica—*A evolução democratica*, *A legenda republicana* e *A liberdade de cultos*.

O primeiro estabelece um parallelo entre o systema monarchico-constitucional e a fórma republicana, por amor da qual o nosso auctor combateu sempre.

A *Legenda republicana* lembra-nos um Enjolas de vinte annos, formoso e loiro, creança na cidade, homem na coragem e na convicção, de pé no alto de uma barricada, sereno e grande, que vemos cair logo apoz, varado por uma bala, aos gritos de —Viva a republica! e aos rufos dos tambores.

A *Liberdade de cultos*, emfim, a que já aludi, põe a claro a erudição e a tolerancia do moço orador em materia religiosa.

Pena é que se não houvessem colleccionado muitos outros artigos, que andam esparsos por alguns jornaes de Pernambuco e Bahia, ou que param em mãos menos diligentes e discretas.

Desses cumpre especialisar os publicados em polemica litteraria com um escriptor bahiano, cujo nome nos escapa.

Consoante juizos insuspeitos, a victoria esteve sempre do lado de Carvalho Junior.

Honra lhe seja!

A parte anedoctica deste esboço biographico cabia de direito a qualquer dos seus contemporaneos de academia, dos que viveram com elle a vida do estudante, livre, sem pêas, generosa e doida, fortemente banhada do claro sol da alegria.

Eu, não; que o vim a conhecer já homem feito, com a pesada responsabilidade da vida publica, nas redacções mal pagas de uns jornaes impossiveis, mais tarde enveredado na despoetizada e dura carreira da magistratura e logo recolhido á doce serenidade e ampla quietação da familia.

Todavia lembro-me de um caso de infinita graça, que posso contar sem algum prejuizo para o poeta fluminense.

Estava no Recife, em setembro de 1876, approximadamente, uma companhia dramatica, que daqui fôra: subira á scena, com declarada má fortuna, o drama *Apostolos do mal*.

A posição dos artistas, como bem se pôde calcular, era apertada: de dia para dia, e n'uma desproporção assustadora, escasseava o publico e cresciam os embaraços.

Carvalho Junior, com o fito unico de salvar-os, e de concerto com um seu collega, Pedro Amaral, que inda hoje possui o superior condão de captivar quantos o tractam,—escreveu, em nome de Victor Hugo, (perdoemos-lhe isto por amor ao intento

com que o fez) uma carta de parabem ao auctor dos *Apostolos do mal*.

Mas tal cuidado e arte pozeram no imitar a poderosa concisão mathematica daquelle estylo immorttal, que a imprensa de Pernambuco reproduziu a carta como extrahida dos jornaes francezes, e o publico, para logo desentorpecido pela falsa palavra do mestre, começou a affluir ao theatro e a applaudir com uma ingenua convicção, com um entusiasmo bulhento, crescente, unico!

O drama obteve um successo extraordinario.

A pilheria porém não ficou só nisso; teve maior pico e move a mais riso: depois de percorrer o jornalismo do imperio, a carta — ora imaginem! — foi transcripta pela *Independencia belga*, e sempre attribuida a Victor Hugo.

Descança, pois, em paz, ó poeta! tu que não soubeste nunca o que são odios, que não tiveste nunca desencadeadas sobre a tua cabeça as coleras asininas dos ulcerosos e a compaixão muito peior dos nescios, afortunado!

Afortunado, sim, que morreste, no dizer do poeta, como um rei do Oriente, levando contigo a tua potente mocidade colorida de riso, os thesouros maravilhosos da tua alma honesta, as preciosas riquezas da tua alevantada intelligencia.

Que Sua Magestade o Publico, ao voltar a ultima pagina de teu livro, exclame comigo:
Vive!

I

THEATRO

PARISINA

DRAMA EM TRES ACTOS

PREFACIO

Foi concebido este drama durante os curtos la-
zeres do meu ultimo anno de vida academica. Sus-
citou-m'o a leitura do poema desse mesmo titulo,
devido á penna de Byron, o mais inspirado e des-
ditoso cantor deste seculo.

Ao lê-lo, para logo julguei aproveitavel aquella
enorme catastrophe de familia, onde avultam tan-
tos e tão eminentes lances dramaticos. Era um as-
sumpto novo, ainda não explorado no theatro.
Apossando-me, portanto, meramente, do facto, de-
terminei vasal-o nas formulas dramaticas, imprimin-
do-lhe o cunho realista, que hoje constitue como
que a essencia de todas as producções litterarias
contemporaneas.

Nem podia deixar de ser assim.

Byron escrevera no tempo em que o romantismo
estava precisamente no seu apogeu. Hoje, porém,
a litteratura e as artes apresentam uma feição nova,
fatalmente determinada pelo *meio* social.

As continuas evoluções sociologicas emprestam
um caracter de instabilidade ás instituições e ás

idéas. Dahi as variantes. As artes e as letras participam dessas modalidades. Cada época, cada civilização tem uma litteratura, que nada mais é do que um reflexo da sua economia.

E' assim que nos tempos actuaes seria de todo irrepresentavel qualquer das tragedias de Eschylo ou de Sophocles, porque em todo o theatro grego preside a fatalidade, essencia das religiões anthropomorphicas. Racine, procurando adaptal-o á França no seculo XVII, teve de modificall-o, methamorphoseando-o á luz da philosophia do mundo christão. Comtudo a gloria desse escriptor, e mesmo de Corneille, seu contemporaneo, nem de longe consegue disputar o passo a Shakespeare. E porque? Porque este ultimo foi o verdadeiro Colombo do theatro moderno. Identificou-se com o seu tempo e conseguiu photographar os sentimentos dominantes.

O romantismo só devia penetrar em França mais tarde — com Hugo, Dumas pae e Vigny. Hoje, porém, essa mesma eschola, bem como outr'ora a eschola classica, perdeu sua razão de ser, apezar dos primores que conta e dos louros immurchessiveis dos seus apostolos prestigiosos.

Dá-se na litteratura o mesmo que nas instituições perante a história. A escravidão foi um beneficio, si a confrontarmos com o uso de matar os prisioneiros de guerra; o feudalismo justifica-se porque deve-se-lhe a origem das nacionalidades; o absolutismo foi um progresso porque aboliu as olygarchias; mas nenhuma dessas instituições pôde ser accéita e pôde vigorar no seculo XIX.

O seculo XIX é um seculo de reconstrucções, por isso que o XVIII foi o de demolições.

Os problemas politicos, sociaes, moraes, religiosos, scientificos, são geralmente investigados e a sua solução é a preocupação constante dos espiritos.

São outras tantas sphynxes, assentadas ás portas da civilização, em torno ás quaes se agita, n'uma actividade insana, o grupo dos pensadores e legislattas para sorprehender-lhes o segredo e communi-call-o ás massas avidas de sciencia.

Nestas condicções, a litteratura não pôde deixar de co-participar dessa tendencia.

Dominada pela *vis cognoscendi*, apresenta um não sei que de scientifico, de positivo, de pratico, de utilitario, emfim.

O nivel do ideal baixa consideravelmente e o bello funde-se na verdade.

Foi assim que o theatro, com Dumas filho principalmente, começou de exhibir, aos fulgores da ribalta, animados, corporisados, varios problemas sociaes, varias theses philosophicas, cujo ensino proveitoso dirige-se universalmente ás multidões e propaga-se de um modo facil e deleitavel.

Os philosophos, no remanso dos gabinetes de estudo, escrevem o producto de suas investigações reiteradas e de seus raciocinios complicados.

São lidos; mas tão sómente por aquelles que podem entendel-os. O dramaturgo trava da penna, imagina um acontecimento, põe em lucta meia duzia de caracteres e paixões, philosopha a proposito e faz resaltar do factu a idéa. As multidões escutam, sentem e aprendem. A idéa encarna-se, pôde ser vista, pôde ser apanhada; move-se nas taboas radiantes do proscenio de um lado para o outro;

chora, ri, soluça, cae, levanta-se, lucta, succumbe ou triumpha.

Si o theatro entre os gregos era um templo, hoje entre nós é uma eschola, e pena é que o não tenha sido ha mais tempo.

Procurar paixões violentas para collocar em lucta e produzir simplesmente effeito pelos antagonismos; crear monstruosidades, aberrações, bem como prototypos de virtude e santidade, para fazer com que estes supplantem aquelles, para ter occasião de premiar o bem e castigar o mal, representando assim o actor o papel de um Deus de cordel, é coisa que se não coaduna com os tempos que atravessamos, e pôr consequencia com a missão do theatro.

Tudo isso é falso, artificial e balôfo.

“O drama é a verdade.”

Os typos, os caracteres devem ser fieis. O drama tem por objecto a vida real.

Sei que a moral de cartilha condemna essa opinião.

Pouco importa. O medico para extirpar os caneros, precisa vê-los. O spectaculo do vicio não é immoral; quando muito é repugnante; o que é immoral é a sua impunidade. Não se pôde applicar o remedio sem conhecer o mal. E' preciso exhibil-o para que se possa apontar o curativo. Não se pôde justificar a necessidade de uma reforma sem provar, sem dar a conhecer que é mau o estado das coisas.

Não se pôde bem sustentar uma these sem provar todos os inconvenientes das theses contrarias.

Imbuído destas idéas, escrevi o meu drama, no qual tive por fito combater os casamentos dese-

gues pelas edades. Para a demonstração, lancei mão do que podia resultar de peor n'um desses casamentos.

Byron, com um factio identico, só julgou conveniente aproveitar-se da violencia das paixões e não procurou explical-o, nem siquer commental-o philosophicamente. Não estudou, não determinou causas, não deduziu illações; cantou apenas em tristes e divinas estrophes aquella tragedia intima.

E' bem natural que, si o auctor do *Dom Juan* escrevesse hoje esse poema, tivesse o mesmo intuito que eu tive escrevendo este drama.

Esse intuito, não sei si o consegui. A' critica compete dizel-o.

Discutir uma questão n'um drama é por certo bem difficil. O raciocinio rigoroso e a dissertação scientifica prejudicam o effeito artistico. Só se pôde argumentar com o factio vertente, fazendo uma exposição intencional, insinuando proposições, fallando ao sentimento, que é o ponto de partida para a analytica do espirito.

Eis o que fiz, ou, melhor, o que tive a pretensão de fazer.

Como fosse esta a minha primeira composição dramatica, e entendendo que nesse genero de produção a forma é quasi tudo, procurei observar rigorosamente todas as regras da arte.

Mantive as tres unidades do theatro grego, recommendadas por Aristoteles:— a unidade de tempo, de logar e de acção.

Posto . que a critica moderna tenha prescindido dellas, sob o pretexto de que para seguil-as á risea conjunctamente é quasi impossivel deixar de ficar

prejudicada a idéa e a inspiração do escriptor, é incontestavel comtudo que ha não pequena belleza na sua observancia.

Convenho, com Shchelegel, que não seja absolutamente necessaria sinão a unidade de acção, ou unidade de interesse; que é simplesmente um *tour de force* a realisação das tres; comprehendo, porém, por outro lado, que essa difficuldade não é insuperavel, nem tão pouco inconciliavel com a liberdade da *inspiração poetica*.

Na quasi totalidade das peças de Dumas filho, que eu reputo o primeiro compositor dramatico contemporaneo, esses preceitos classicos se acham consignados, o que dá um relevo apuradissimo ao seu theatro.

Foi esse mesmo theatro que me serviu de modelo.

O *Supplicio de uma mulher* foi o meu *typo*.

A *ordonance*, o urdimento das scenas desse drama, foi por mim seguida.

A estructura material é perfeitamente identica, já na marcha do dialogo, já nas situações.

Assim, prestei homenagem ao primeiro monumento, na ordem chronologica, da eschola realista; bem como ao poeta da *Parisina*, adoptando esse mesmo nome para titulo do drama. Não poderia encontral-o mais expressivo.

Quem conhecer o poema, *ipso facto* conhece o enredo do drama só pelo titulo.

O auctor não tem um nome que o recomende.

Abalançou-se a escrevel-o pelo contagio dos enthusiasmos dessa mocidade cheia de fé e de talentos,

cujos estimulos, e cuja actividade communicaram-se-lhe.

Ao deixal-a, para transpôr o limiar da vida publica, faz-lhe este legado.

Si não tiver merecimento, essa mocidade em particular e o publico em geral reconhecerão pelo menos que houve bôa vontade e algum trabalho em prol das letras patrias.

No mais a critica rotineira, systematica, convencional, encontrará ahi campo vasto para aggressões por amor da eschola a que me filiei.

Da verdadeira critica aproveitarei as emendas, os conselhos e as licções.

Não temo, portanto, comparêcer diante della, porque si não fôr indulgente, com certeza não será injusta.

S. Paulo, outubro de 1877.

PERSONAGENS

ALEXANDRE
RAUL
DR CICERO
DAVINA
VIUVA
UM CREADO

ACTUALIDADE.

PARISINA

ACTO PRIMEIRO

Uma sala.

SCENA PRIMEIRA

RAUL, DR CICERO.

CICERO.

Na ultima carta noticia-me elle a sua proxima vinda.

RAUL.

Ainda bem.

CICERO.

Imagino com que prazer não voltará ao seio da familia, depois de uma campanha parlamentar, em que representou um importante papel.

RAUL.

Tem razão. A politica para os homens conscienciosos, como meu pae, é uma fonte constante de labores e desgostos....

CICERO.

Que elle vem agora suavisar juncto a uma esposa moça e dedicada e em companhia de um filho extremoso.

RAUL.

Agradeço-lhe o cumprimento.

CICERO.

Pelo amor de Deus! diga antes que eu fiz-lhe justiça. Realmente é muito feliz aquelle velho amigo! Colocado n'uma bonita posição, rodeado da estima e da confiança do paiz, grangeada pelos seus talentos e qualidades, nada lhe falta como homem publico...

RAUL.

E não obstante não lhe faltam inimigos e detractores....

CICERO.

Isso é o que ha de mais natural neste mundo, e esses mesmos inimigos são a prova mais cabal do seu valimento... Deus, como ia dizendo, a par de toda essa gloria, deu-lhe um filho como o sr...

RAUL.

Mas... é.... que...

CICERO.

Não me interrompa. Sei bem que a sua modestia priva-o de concordar comigo; mas por outro lado ninguem deixará de invejar tão feliz pae, que possui um filho de uma educação aprimorada pelo estudo e pelas viagens e que depois de graduado por uma das mais notaveis universidades europeas, voltou finalmente á sua patria e ao lar paterno, onde veio encontrar uma segunda mãe, porquanto durante a sua ausencia seu pae havia contrahido um segundo matrimonio com uma menina adoravel, uma perola, cuja guarda lhe está hoje

confiada, o que prova a confiança que seu pae deposita no sr....

RAUL.

Perdão....

CICERO.

E que incontestavelmente o sr merece. Bem sabe que sua madrastra é muito creança ainda. Alexandre, tendo de partir para a camara, vio-se obrigado a leval-a para a côrte, não porque ella não podesse ficar sosinha, mas para poupar-lhe a maldicencia do mundo sempre aguçada contra os individuos de tal ou qual importancia. Assim, a sua chegada da Europa, poucos dias antes da partida, foi providencial. A madrastra podia ficar com o filho de seu marido.... não acha?

RAUL.

Sem duvida.

CICERO.

De facto: quem melhor póde zelar pela honra de seu pai que o proprio filho? O mundo, pois, nada tinha a notar. Elle partiu tranquillo e socegado para representar os sagrados direitos do povo e em breves dias temol-o de volta ápoz não pequena separação, para refazer-se das luctas da politica juncto á familia estremecida, que aguarda-o anciosamente, não é verdade?

RAUL.

Parece-lhe que não?

CICERO.

E o mais é que vem contaar tudo ás mil ma-

ravilhas. Digo isso porque é geral na nossa sociedade o preconceito de que os enteados não se dão bem com as madrastas e vice versa. Não encontro, porém, o fundamento disso.

RAUL.

Não posso sabel-o.

CICERO.

Talvez porque os filhos de ordinario levam a mal que os paes traíam a memoria de suas mães. Por excesso de amor entendem que ellas não são substitutíveis e consideram sempre a posição da madrasta como de usurpadora. A seu turno as madrastas descobrem nos enteados vestígios daquella que primeiro occupou o coração do marido e deixam-se tomar de um certo ciúme de além-túmulo. Dahi as desintelligencias. Até nisso Alexandre é feliz, porque, segundo creio, o sr tem-se dado muito, bem com sua madrasta?

RAUL.

Respeito-a e estimo-a como a mulher de meu pae...

CICERO.

Nem poderia ser de outro modo. Tem-lhe então muita afeição?

RAUL.

Creio que é digna....

CICERO.

Si o é! Seria difficilissimo encontrar uma esposa assim. Moça, bonita, virtuosa, tem todas as condições para fazer a felicidade de um marido. Ale-

xandre foi, porém, muito censurado por ter dado esse passo á vista da madureza dos seus annos. Ha effectivamente um grande desequilibrio nas edades. Um homem de 47 annos casado com uma menina de 19! O coração de uma moça é sempre cheio de phantasias e chimeras, que se não coadunam bem com uma frente enrugada e uns cabellos já grisalhos. Por certo que esse não póde ser o ideal de uma alma exuberante de sentimentos e paixões e está muito longe de satisfazer as aspirações douradas de uma existencia ainda em botão. Mas seu pae tinha a seu favor o prestigio de um nome respeitavel e, si não era um Romeu, podia inspirar uma dessas afeições que são como que um tributo de admiração e de respeito, tanto mais profundas e sincaras quanto são de ordinario emanadas exclusivamente do coração, sem os deslumbramentos fugazes, emprestados pela imaginação e que tendem mais tarde a dissipar-se com a assiduidade de tracto, sinão a perecer diante do prosaismo da vida real. E assim foi. Demais, a situação precaria de uma menina sem bens de fortuna, de uma familia obscura, juncto de um homem que lhe offerecia o seu nome e com elle uma posição eminente, um futuro melhor do que lhe era dado esperar, deu origem a um laço de gratidão tão solido que tornou-se um verdadeiro penhor, no qual Alexandre tem rasão em confiar e que com certeza é maior do que o mundo póde pensar. Todos os reclamos da juventude, todas as exigencias da natureza por mais imperiosas, podem sempre ser dominadas pela virtude e pelo dever. Alexandre tinha, pois, tudo a esperar de sua esposa. Até hoje

pelo menos não tem motivo para arrepende-se, nem terá. Não concorda comigo?

RAUL.

Deve comprehender que sou suspeito, e que na minha posição nem quero pensar na possibilidade de uma suspeita sequer sobre a honra de minha familia.

CICERO.

E' justo. Confesso a minha imprudencia em falar-lhe de assumptos tão melindrosos e sagrados. Esquecia-me que as pessoas da familia não têm a mesma izempção que os amigos. Creio, porém, que não levará isso a mal, attendendo ás minhas boas intenções?

RAUL.

Não me assiste esse direito.

CICERO.

Não teria mesmo razão si o fizesse. Sou amigo de seu pae, o que tenho provado de sobra. Somos estreitamente ligados, até em crenças politicas, e apezar da pequena differença de edades existe entre nós a mais illimitada confiança. Sobre esse mesmo casamento fui por elle consultado e pronunciei com franqueza o meu juizo.

RAUL.

Favoravel?

CICERO.

E porque não ? Apezar de ser solteiro, comprehendo e admiro a vida conjugal.

RAUL.

Não obstante....

CICERO.

Tenho-me conservado solteiro, é verdade. Mas é porque descubro em mim falta absoluta de vocação para o matrimonio. Com seu pae o caso era outro. Tinha pelo contrario necessidade de uma segunda esposa, que o consolasse da perda da primeira e lhe suaviasse ao mesmo tempo a solidão e o isolamento. E' verdade que tinha um filho, o senhor; mas os filhos, depois de crescidos e educados, pertencem mais á sociedade do que aos paes, do mesmo modo que as filhas aos maridos. E' a lei do mundo.

RAUL.

Pelo que vejo, ha muito tempo que conhece meu pae; comtudo não me lembro de tel-o visto em nossa casa.

CICERO.

Eu lhe digo: quando o sr partiu para a Europa, afim de completar seus estudos, ha oito annos, apenas conheciamo-nos de vista; mas ao depois a politica aproximou-nos; accresce ainda que fui chamado algumas vezes para prestar-lhe os meus serviços medicos, consegui uma vez salvar-o de uma grave molestia....

RAUL.

Sim... sei.

CICERO.

Dahi em diante estreitámos as nossas relações e

hoje sabe bem a que ponto chega a nossa intimidade.

RAUL.

Vejo-o, e com prazer, porque os amigos de meu pae, costume tel-os como meus proprios.

CICERO.

Ainda bem.

Aperta-lhe a mão.

SCENA II

OS MESMOS E DAVINA.

CICERO.

Chega a proposito, minha senhora. Conversavamos sobre assumpto que lhe diz respeito.

DAVINA.

Naturalmente fallavam da proxima chegada de meu marido.

CICERO.

E' verdade. O sr dispensava-me a sua attenção, emquanto eu tagarellava sobre o nosso Alexandre, aquelle bom amigo.

DAVINA.

Algumas occupações de dona de casa não me permittiram vir recebê-lo immediatamente, mas estou certa que não foi muito sensível a minha demora.

CICERO.

Confesso-lhe que a amabilidade de quem a substituiu...

RAUL.

Agradeço-lhe, sr dr, e lamento não poder gozar por mais tempo de tão agradável companhia...

DAVINA.

Vae sair?

RAUL.

Não. Tenho algumas cartas a escrever para Europa e como a mala está prestes a fechar-se, é preciso....

CICERO.

Sem cerimonia.

RAUL.

Então, até já.

SCENA III

CICERO E DAVINA.

CICERO.

O que me traz hoje aqui é uma comunicação reservada, que tenho de fazer a V. Ex.

DAVINA.

A mim?

CICERO.

Sim, á senhora. Tracta-se de Alexandre.

DAVINA.

De meu marido?

CICERO.

Precisamente. Oh! mas não se assuste. Trago-lhe uma surpresa agradável.

DAVINA.

Uma surpresa! Como?

CICERO.

Posso dizer-lh'a immediatamente, embora infrinja com isso o absoluto segredo que elle me ordenou. Seu marido deve chegar hoje mesmo.

DAVINA.

Oh! mas é impossivel! Não creio....

CICERO.

Todavia é verdade.

DAVINA.

Não, não pôde ser. Porque então não me pre-
viniu?...

CICERO.

Naturalmente para gosar da alegria e da surpresa, que deveria causar-lhe a sua chegada imprevista.

DAVINA.

Está gracejando, dr?

CICERO.

Persiste então na duvida? Compreendo. E' que o jubilo é tal que não pôde acreditar assim tão facilmente.

DAVINA.

Na verdade....

CICERO.

Não obstante, aqui tem uma prova cabal nesta carta delle, da mais recente data.

Entrega a carta.

DAVINA, lendo.

“Conto poder dar-te um abraço o mais cedo possivel, no dia 15 talvez. As saudades da familia fizeram-me precipitar a viagem. E's o unico a quem previno da minha proxima chegada e espero guardarás inviolavel sygillo, afim de que eu possa cair de improviso entre os meus e saborear as delicias da surpresa que lhes preparo. O que queres? Vaidade de velho namorado, que tenciona lisongear-se ainda uma vez pelo testemunho de um prazer inesperado da parte de uma esposa adora-
vel.”

CICERO.

Póde acaso duvidar ainda?

DAVINA, restituindo a carta.

Por certo que não.

CICERO.

Dir-se-ia que essa noticia veio de algum modo contrarial-a?

DAVINA.

E porque ousa dizer tal?

CICERO.

E' uma ousadia, tem razão; mas auctorisada pelo seu proprio procedimento. Os seus modos acabam de trahir-a completamente...

DAVINA.

De trahir-me!

CICERO.

Sim!... embora eu não carecesse dessa ultima prova.

DAVINA.

E', pois, uma accusação que levanta á minha honra?

CICERO.

E'.

DAVINA.

E com que fundamento?

CICERO.

Seria mais curioso si me perguntasse com que direito!

DAVINA.

Nesse caso responder-me-ia talvez: com o direito de amigo. Como amigo intimo de meu marido, deve zelar pela sua honra, embora não se lembre que com uma suspeita ignominiosa é o primeiro a desrespeital-a.

CICERO.

Prouvera a Deus que fosse uma suspeita. Infelizmente para elle e para a senhora eu tenho certeza.

DAVINA.

Mas isso é indigno! O sr insulta-me cobardemente, porque não é capaz de adduzir uma só prova.

CICERO.

Não a insulto, não. Apenas peço-lhe contas da honra daquelle que lhe deu o nome.

DAVINA.

Tenho sabido respeital-o sempre e desafio-o a que apresente as provas do que affirma.

CICERO.

Pois bem. As provas, tral-as a senhora palpaveis, rrefragaveis, em suas proprias entranhas.

DAVINA.

Meu Deus!

CICERO.

Oh! não se illude a sciencia e a senhora é mãe! affirmo-o eu.

DAVINA.

Estou perdida!

CICERO.

Quem sabe! póde de um momento para o outro fazer desapparecer essas provas... Depois do adultério, o infanticidio...

DAVINA.

Assassinar meu filho! oh! nunca, nunca! Que mulher então pensa o sr que eu sou?

CICERO.

Ainda bem que desafivelou a mascara!

DAVINA.

E' verdade. Sou culpada; não posso negal-o mais. Mas tenho bastante coragem para entregar-me á punição de meu crime.

CICERO.

E não obstante ainda ha pouco não queria confessional-o.

DAVINA.

Para não revelar a um estranho a minha vergonha e a deshonra de meu marido, a quem d'ora avante nada poderei occultar. Sinto estremecer nas entranhas o fructo do meu crime... meu filho... por cuja vida me sacrificarei. Si uma paixão desvairada me arrastou ao adultério, si não pude resistir aos impulsos de meu coração, si não pude suffocar o meu amor criminoso, mais difficil me seria agora suffocar o sentimento da maternidade !

CICERO.

A carreira do crime é um despenhadeiro : quem nella se precipita não retrocede, ha de rolar fatalmente até abaixo. A quem pratica um crime é bem facil praticar segundo para occultar o primeiro. A mulher, que esqueceu os sagrados deveres de esposa, commettendo a mais negra das ingratidões para com o homem que a adora, é capaz de commetter um novo crime para destruir a unica prova, que pôde restar contra ella. Mas attenda bem, senhora, que eu vélo e no dia em que fizer a minima tentativa, denuncial-a-hei perante os tribunaes.

DAVINA.

Tem razão em me suppôr capaz de tudo..... mas engana-se, juro-lhe. Sou culpada.... muito culpada... mas tambem não sou menos desgraçada, Isolada, abandonada aos meus proprios sentimentos, sem um braço que me amparasse, tendo por inimiga a minha propria mocidade com todos os seus desejos loucos e insaciados, a imaginação a tentar-me, a seduzir-me, o coração a reclamar n'uma sede in-

finita um desses affectos vulcanicos que lhe povoaassem o vacuo..., tudo, tudo isso rojou-me ao abysmo em que me acho. Deus sabe por quanto tempo luctei... mas afinal a razão, a virtude, o dever, que sei eu ! foram todos impotentes. Eis a minha desculpa. Sei bem que não dirime a enorme falta. A mulher adultera é sempre uma criminosa ; mas a infanticida é um monstro. Engana-se, pois, sr : aquella que não soube ser esposa, talvez saiba ser mãe. Aceitarei todas as consequencias de meu crime, o desprezo de meu marido, a vergonha mais publica, todas as provações, a miseria emfim, comtanto que guarde esse penhor sagrado, que será o unico consolo em meio á minha propria degradação. Estou resolvida a tudo affrontar por meu filho, que me condemna e me salva ao mesmo tempo.

CICERO.

Mas porque havia de collocar-se nessa triste e irremediavel situação ?

DAVINA.

O coração humano é cheio de mysterios. Em certas circumstancias a virtude é impossivel ou pelo menos bem difficil.

CICERO.

Não o duvido. E' nessa difficuldade que está o seu valor ; mas a senhora tinha um esposo extremoso, confiante e bom. Como pôde descer tão baixo ? Devia-lhe, quando menos, muita gratidão e muito respeito para não fazel-o.

DAVINA.

Mas não lhe tinha amor, porque si o tivesse não teria caído. Fiz por adquiril-o, por sentil-o; mas o sentimento não se impõe ao coração. A desigualdade das nossas edades era uma barreira insuperavel.

CICERO.

Preferiu então deshonral-o, não é assim?

DAVINA.

Eu nada preferi, senhor; succumbi á fatalidade de uma paixão, tanto mais violenta, quanto era uma necessidade para o coração e o espirito, que tem exigencias imperiosas, tanto mais inevitavel quanto eu não podia oppôr-lhe um sentimento equivalente. Não julgue, porém, que com isso pretendo defender-me; explico apenas as razões da minha queda. No mais tenciono eu propria entregar-me á justiça do meu juiz.

CICERO.

Ha de permittir-me que não acredite...

DAVINA.

Vel-o-ha. Alexandre deve chegar hoje; juro-lhe que hoje mesmo ha de saber tudo.

Sac.

SCENA IV

CICERO, só.

Pobre amigo! o que te espera! Não merecias por certo o golpe que te desfecham precisamente aquel-

les que tudo te devem! Desgraçado! foste procurar no seio de uma companheira um refrigerio, um allivio para as tuas constantes agitações de patriota e ahí tens a tua felicidade envenenada para sempre!.. e por quem... E por quem? Oh! é horrivel! Perdôame! eu nunca teria coragem para revelar-te a verdade inteira... Calei-a, porque faltava-me o animo... Mas agora? Voltas presuroso, cheio de alegrias, para... para abraçar os teus proprios algozes!... Vaes tudo saber finalmente... Oh! mas que não seja já, tão depressa... Si o deixassem entrever ainda por um momento siquer a miragem da ventura... não... que ella não se desfaça tão cedo... poupem-n'o ainda um pouco!

SCENA V

O MESMO e ALEXANDRE.

ALEXANDRE.

Emfim!

Abraça-o.

CICERO.

Alexandre!

ALEXANDRE.

Apósto que não guardaste segredo?

CICERO.

Fielmente, como podes verificar.

ALEXANDRE.

Então Davina e meu filho não me esperam?

CICERO.

Não.

ALEXANDRE.

Ah! sinto-me outro aqui. Si soubesses com que soffreguidão atravessei esses mares... Como me pareceu demorada a viagem! Mas... mas como vão todos? Sem novidade. Ainda bem. E tu?

CICERO.

Como vês!

ALEXANDRE.

Saude de ferro! Não ha mal que te chegue! Não sabes como fôlgo por encontrar-te aqui!

CICERO.

Esperava-te.

ALEXANDRE.

Agradeço-te. E's um excellente amigo. Estamos sós! Davina e Raul onde estão?

CICERO.

Raul está escrevendo no seu quarto, segundo me disse.

ALEXANDRE.

E minha mulher?

CICERO.

Estava agora mesmo comigo; foi talvez dar algumas ordens. Naturalmente ainda não sabe que chegaste, que estás aqui. Mas, dize lá, como vamos de politica?

ALEXANDRE.

Mal, muito mal. O nivel das virtudes civicas baixa consideravelmente. O sentimento do patriotismo dos nossos homens politicos parece ter sido completamente eclypsado pelas ambições pessoas,

pelas pequeninas paixões menos confessaveis e o movel de todas as acções não é o amor da patria, mas a conveniencia propria de cada um. Creio irremediavel a triste situação do paiz. Luctei, tenho luctado e luctarei; mas, confesso, já começo a descerêr.

CICERO.

Neste caso...

ALEXANDRE.

Só temos a appellar para a logica formidavel e sanguinaria das revoluções.

CICERO.

Nem talvez para isso mesmo! Quando os espiritos cultos e fortes descreem, o povo a seu turno faz mais do que isso: si entorpece, faz-se cada-ver, faz-se machina.

ALEXANDRE.

Sempre havemos de encontrar um punhado de irmãos para acordal-o do somno criminoso, para arrancar-o ao lethargo inconsciente, estúpido e profundo em que jaz.

CICERO.

Fecharam-se as camaras?

ALEXANDRE.

Ainda não.

CICERO.

Mas não deve demorar muito?

ALEXANDRE.

Devem fechar-se por estes dias. E, como sempre, quasi nada se fez durante uma legislatura inteira. Apressei a partida, porque nada mais podíamos fazer. Apertaram-me as saudades dos charos penâtes. A gente sempre paga os seu tributos de coração. A familia reclamava a sua parte...

CICERO.

A par do cidadão o pae e o marido!

ALEXANDRE.

Por certo. E olha que não ha incompatibilidades nem antimonias. Pelo contrario, completam-se. A familia é um oasis, que nos refaz apóz as longas viagens atravez dos desertos da vida publica.

CICERO.

Quando não é a origem de novas apprehensões.

ALEXANDRE.

Apprehensões que se compensam perfeitamente pelos gosos que ella nos fornece. Sempre as mesmas idéas de celibatario!

CICERO.

Teucionas converter-me?

ALEXANDRE.

Tu és a creatura mais profundamente egoista que o céu cobre! Ahi vem Davina.

SCENA VI

OS MESMOS e DAVINA.

ALEXANDRE.

Tardaste muito!

Abraça-a.

DAVINA.

Só agora fui prevenida de sua chegada.

ALEXANDRE.

Ainda bem. Acho-te mais pallida... mais desfeita.. Estás doente?

CICERO.

Qual! E' naturalmente a commoção da surpresa.

ALEXANDRE.

Abraça-me outra vez... e tu fecha os olhos para que não te rias das nossas expansões.

CICERO.

Sempre fui muito indulgente para os namorados

ALEXANDRE.

Acceito o epigramma.

CICERO.

Que remedio!

ALEXANDRE.

Tu o que estás é com inveja! (A Davina.) Não achas?

DAVINA.

Não ha de que ter inveja e caso houvesse... po-

deria achar facilmente com quem fazer outro tanto, e talvez em melhores condições.

ALEXANDRE.

Alto lá ! Mulheres ha muitas, bem sei; mas como tu, são raras... os thesouros são difficeis de encontrar, mórmente nestes tempos em que está tudo explorado... olha... trago-te muitas curiosidades da côrte... entre outras esta.

Dá-lhe uma caixinha com uma joia.

DAVINA.

E' bonita...

CICERO.

Faz honra ao gosto do comprador...

ALEXANDRE.

Si te parece !... (A Davina.) Agrada-te?

DAVINA.

Muito...

ALEXANDRE.

Comtudo não estás satisfeita... Desejavas que fosse mais rica ?...

DAVINA.

Ainda mais ?

ALEXANDRE.

E porque não ? Por ventura não és digna ? Si eu pudesse, iria descobrir tudo o que ha de mais precioso por este mundo fóra para adornar-te ; e, acredita, nem assim ficaria satisfeito, porque nada existe que te valha....

DAVINA.

Ha. O sr, por exemplo, vale muito mais do que eu!

ALEXANDRE.

Lisonjeira !

DAVINA.

Não sou lisonjeira... creia-me. Quando o vejo assim generoso e bom, sinto-me indigna do sr, embora tenha-o querido sempre... embora tenha feito esforços inauditos para pagar-lhe tanta dedicação.

ALEXANDRE.

Que melhor paga poderia eu desejar do que a que me tens dado até hoje!

DAVINA.

Quando me lembro que eu era uma pobre orphan, desamparada, sem bens de fortuna, que o sr não trepidou em offerecer-me a sua mão de esposo, o seu nome illustre, quando me lembro da generosidade desse procedimento...

ALEXANDRE.

Bôa generosidade ! Não tem duvida ! dize antes que foi o egoismo, o interesse, porque amava-te e nesse caso o luero foi todo meu. Mas a que proposito vem isso agora ? Acaso exigi de ti mais alguma coisa do que tens sido até hoje para mim ? Não percebes que cada vez sinto-me mais feliz comtigo ? Não sejas má ! Acaba com essas apprehensões sem fundamento e que dizem muito mal com a alegria, que hoje deve reinar nesta casa.

CICERO.

E da qual has de permittir-me que tome uma parte insignificante...

ALEXANDRE.

Insignificante ! o que dizes tu ? Uma bôa parte, asseguro-te eu ! O Raul onde está que não veio abraçar-me ainda ?

DAVINA.

Creio que está no seu gabinete.

ALEXANDRE, chamando á porta.

Raul ! Raul !

SCENA VII

OS MESMOS e RAUL.

RAUL.

Aqui me tem, meu pae.

ALEXANDRE, abraçando-o.

Foi-me preciso chamal-o. Pelo que vejo, é um pessimo systema o de mandar educar os filhos á Europa, porque habituam-se ás separações e...

RAUL.

Bem sabe que não o esperavamos.

ALEXANDRE.

Tens razão, tens. Agora está completo o quadro da familia.

CICERO.

Fazendo abstracção do intruso.

ALEXANDRE.

Pelo amor de Deus ! Tu és da familia. Jantarás hoje connosco.

CICERO.

A que horas é o jantar ?

ALEXANDRE.

Pergunta á dona da casa.

DAVINA.

Dentro em duas horas no maximo.

CICERO.

Basta-me uma hora. Preciso vêr ainda um doente aqui perto.

ALEXANDRE.

Vae. Os medicos são escravos da clinica. Não te demores.

Cicero sac.

SCENA VIII

OS MESMOS, MENOS CICERO.

RAUL.

Que resolução foi essa então ? O parlamento ainda não se fechou, ninguem o esperava....

ALEXANDRE.

Foram as saudades..... Nada mais havia de importante a fazer.

RAUL.

Ah!

ALEXANDRE.

E tu? Estás convencido de que tua madrasta é um anjo, como eu te dizia quando parti?

DAVINA, confusa.

Senhor!

ALEXANDRE.

Viveram como dous irmãos, apósto?

RAUL.

E' verdade.....

ALEXANDRE.

Ainda bem... Agora estamos junctos os tres. As minhas malas já subiram para o meu quarto?

DAVINA.

Já lá devem estar.

ALEXANDRE.

Preciso ir até lá para arranjar-me. Trago o fato em misero estado. Esperem-me aqui. Dentro em um quarto de hora estou de volta. E então conversaremos á vontade. Que jantar alegre havemos de ter! Não te esqueças de pôr o teu bracelete: quero vêr-te com elle! Meu filho, has de contar-nos algumas coisas interessantes, que viste lá pela Europa.....

Sae.

SCENA IX

RAUL e DAVINA.

RAUL.

Esta vinda inesperada! suspeitará elle alguma coisa?

DAVINA.

Nada! Mas dentro em breve ha de vir a saber tudo.

ACTO SEGUNDO

A mesma decoração.

SCENA PRIMEIRA

DAVINA e RAUL.

Ao subir o panno os personagens devem estar rigorosamente na mesma attitude do acto anterior.

RAUL.

Ha de vir a saber tudo ! Como ?

DAVINA.

O segredo do nosso amor não póde ser guardado por mais tempo.

RAUL.

Porque ?

DAVINA.

Porque sou mãe.

RAUL.

Oh ! que felicidade, meu Deus !

DAVINA.

Que desgraça, deves dizer. No egoismo das paixões, esquece que estamos perdidos !

RAUL.

Perdôa-me !

ACTO SEGUNDO

39

DAVINA.

Sim..... Mas o que tenciona fazer ?

RAUL.

Não sei !.....

DAVINA.

Não sabe ! nunca previu então que havíamos de chegar ao fundo do abysmo em que nos despenhámos ambos ? Nunca lhe passou pela mente que um dia havíamos de despertar do sonho criminoso e sacrilego para acordar diante da realidade ignominiosa, para comparecer perante o juiz inflexivel, com as faces rubras de vergonha e a consciencia negra de remorsos ?

RAUL.

Nunca. Escuta-me, Davina. Quando voltei da Europa e vim conhecer-te aqui, trazia um profundo desgosto pelo novo casamento de meu pae. Ao vêr-te, porém, captivaram-me as irradiações de tua belleza, os perfumes de tua alma de anjo. Eu não sei que attracção irresistivel exercias sobre mim ! Admirava-te e respeitava-te ! Insensivelmente essa affeição ia crescendo mais e mais, sem que eu mesmo percebesse. A principio era uma sympathia profunda, uma amizade pura e sem macula ; ao depois o tracto constante, sem interrupção, a convivencia, o facto de vêr-te a todas as horas, a todos os momentos, debaixo do mesmo tecto, participando das mesmas alegrias, das mesmas impressões, com a mesma esphera de acção, os mesmos cuidados, os mesmos pensamentos até, tudo isso contribuiu para a degeneração gradativa e inconsciente dos meus

sentimentos. Por outro lado as attentões que me dispensavas, attentões que suppunhas te impozesse já o papel de madrastra, já o dever de gratidão para com o pae na pessoa do filho, os teus carinhos, os teus desvellos, a confiança com que te entregavas, eram outros tantos incentivos a esse amor, que laborava-me surdamente no fundo do coração. Finalmente, lembras-te bem o que aconteceu... ficamos sós, em plena liberdade... nem a mais fragil barreira, a não ser a consciencia... cuja voz era abafada pelos impetos da paixão; e as occasiões faceis, a tentação perpetua, renitente, desastrosamente triumphou... Caminhavamos descuidosamente á beira do precipicio, tomou-nos a vertigem. Assim consummou-se o nosso crime!

DAVINA.

Crime sem resgate... imperdoavel...

RAUL.

O que direi eu então? O filho maldicto que não trepidou em deshonrar seu proprio pae?

DAVINA.

Oh! é horrivel!

RAUL.

Sim, tudo isso é horrivel, mas é nada diante do supplicio que me espera. Como terei eu coragem agora para encaral-o! Quando elle me estender a mão affectuosa com que remorso hei de apertal-a, como hei de supportar o seu olhar sem trahir-me, como hei de vél-o affagar-te, desvelar-se por ti.... eu que estou habituado a considerar-te como ex-

sivamente minha! Oh! que inferno! Seria capaz de odiar esse homem, si não fôra meu pae!

DAVINA.

Raul! o que dizes!

RAUL.

E' monstruoso, bem sei! mas si eu te amo acima de tudo! As paixões criminosas têm esse caracteristico. O amor é uma lei universal. O bello, o bom e o justo constituem-lhe como que a propria essencia e por isso mesmo fazem-n'o brando, suave e natural, sanctificam-n'o emfim; mas quando uma paixão condemnada nos domina, uma vez que é aberração das leis naturaes, moraes e sociaes, deve ter por essa razão, e tem sempre, uma violencia, uma força centuplicada, porque tem de arcar contra tudo que se lhe antolhe, desde o mundo até Deus! Porque peccámos nós? Porque amámo-nos e não por simples amor ao peccado... seria então degradante, perverso mesmo, o nosso proceder. Pois bem: si não podemos sopitar, calcar bem no fundo do peito esse amor fatal, fazermol-o neste momento daria a suppôr que anteriormente podiamos tê-lo feito. O crime tem tambem a sua coherencia. E' uma cadeia de ferro!

DAVINA.

Desgraçadamente é uma verdade! E nenhuma taboa de salvação! Estamos irremediavelmente perdidos!

RAUL.

Retroceder é impossivel!

DAVINA.

E meu filho, o que será d'elle ?

RAUL.

Meu filho ! oh ! mas cumpre a todo o transe tomar uma resolução.

DAVINA.

Qual ?

RAUL.

Queres que eu me sacrifique ? Queres a minha morte ? talvez meu pae te perdoasse...

DAVINA, vivamente.

Nunca, nunca, Raul !

RAUL.

Porque ?

DAVINA.

Não sei... mas parece-me que si tu morresses eu não poderia sobreviver-te.

RAUL.

Alma de sancta cuja pureza ennodoci ! Porque havia de existir entre nós esse abysmo ? Foramos felizes e sería bemdicto o nosso amor. Porém o que fazer ? De um dia para outro elle póde vir a saber tudo... E' capaz de matar-te, de matar meu filho !

DAVINA.

Talvez mesmo venha a sabel-o já hoje.

RAUL.

Porque ? suspeita alguma coisa ? surpreendeu algum indicio ?

DAVINA.

Não, mas o dr Cicero tudo percebeu, sabe tudo.

RAUL.

Sim, ainda ha pouco aqui mesmo atirou-me algumas indirectas frizantes.

DAVINA.

Fez-me mais a mim ! Declarou-me positivamente que o sabia, e, suspeitando que eu fizesse qualquer tentativa para abortar, ameaçou-me até com a justiça.

RAUL.

E tu ?

DAVINA.

Confessei, assegurando-lhe que tinha coragem para acarretar com as consequencias da minha falta, entregando-me á justiça de meu marido.

RAUL.

Mas não o farás !

DAVINA.

E porque ?

RAUL.

Porque ? e então meu filho ?

DAVINA.

Si elle tem de vir forçosamente a saber !... sería peor.

RAUL.

Não, tu não farás isso ! Olha, uma idéa. Si tu pretextasses uma molestia qualquer, si allegasses uma necessidade de mudança de ares e partisses para fôra, para o campo e lá te demorasses até.....

DAVINA.

Elle acompanhar-me-ia com certeza. Bem sabes como é extremoso. Isso ser-lhe-ia muito facil, porque presentemente não tem negocio algum que o retenha por aqui. Pelo menos, sabendo onde eu estava, ir-me-ia visitar algumas vezes...

RAUL.

Tens razão. Escuta. Si conseguissemos afastal-o daqui durante o tempo necessario, sob pretexto de negocio de advocacia ou de politica...

DAVINA.

Mas como?

RAUL.

Improvisando qualquer coisa... fazendo-o tomar alguma causa, que eu indirectamente me encarregaria de arranjar-lhe.

DAVINA.

Mas onde irias descobrir essa causa?... E depois inda que arranjasses elle recusaria... não precisa, é rico... para que se havia de incommodar?...

RAUL.

Talvez acceitasse com as minhas suggestões, com a intervenção do dr Cicero!

DAVINA.

O dr Cicero! Pois acreditas que elle se prestasse a isso para salvar-nos?... Não seria fazer-se nosso cumplice... elle o amigo sincero de Alexandre! Estás doudo!

RAUL.

Só vejo então um ultimo recurso!

DAVINA.

Dize dize.

RAUL.

Fugir!

DAVINA.

Fugir!

RAUL.

Sim... fugirmos junctos! Ficaremos irremediavelmente perdidos no conceito da sociedade, mas viveremos do nosso amor.

DAVINA.

A vergonha, a infamia, o desprezo de todos.

RAUL.

Por ventura não nos espera isso mais dia menos dia?... Fugir... é sempre melhor do que accetar a vida que me aguarda, partilhada entre o ciume, o remorso e o temor. Todos os dias sempre imminente sobre nossas cabeças a espada do castigo. Vida de hypocrisia, vida de mentira. Dize: não temes acaso, alguma noite, no leito nupcial, ao seu lado, balbuciar em sonhos o meu nome de envolta com palavras de amor? Fugamos, sim; ha nisso mais lealdade e mais nobreza. Salvamos nosso filho, viveremos por elle e para elle... que nos importa o resto? que nos importa o mundo?

DAVINA.

Sim... fôra talvez melhor.

RAUL.

Acceitas ? (Ouve-se o toque de uma campainha). Quem será o importuno ?

DAVINA, chegando á porta.

E' a viuva Almeida.

RAUL.

Retira-te; é prudente que ella não nos veja junctos. E' a maledicencia em pessoa. Pensarei nos meios da fuga e logo dir-t'os-ei. E' preciso realisal-a o mais breve possivel. Não ha tempo a perder.

Davina sac.

SCENA II

RAUL e VIUVA

VIUVA.

Ora muito boas tardes. Disse-me o creado que viria enconral-o aqui com Davina.

RAUL.

E enganou-se de certo, minha senhora.

VIUVA.

Talvez. Acabo de saber da chegada do sr seu pae, e como boa amiga, mesmo de passagem entrei um bocadinho para comprimental-o, e ao mesmo tempo felicital-os, ao sr e a Davina, por esse inesperado acontecimento. Mas onde está seu pae ?

RAUL.

Chegou agora mesmo e está no seu aposento.

VIUVA.

E' o mesmo. Mas então foi uma verdadeira surpresa que veio causar-lhes ?

RAUL.

Effectivamente.

VIUVA.

Necessariamente teve algum motivo poderoso para voltar assim antes do tempo ?

RAUL.

Absolutamente nenhum. Entendeu que assim devia fazer e como era uma coisa facilima, que em nada o prejudicaria e que pelo contrario dava-lhe immenso prazer...

VIUVA.

Ah ! Fez bem. Agora é natural que Davina appareça mais vezes. Vivia tão reclusa, não frequentava theatros e reuniões, nem sequer visitava as pessoas de amizade. Nem tão pouco o sr : fazia outro tanto. Creio que a mania da solidão foi contagiosa para os dous. Olhe, durante este tempo todo, só uma vez tivemos-o em nossa casa. Não sei que mal lhe fizemos, para que se portasse assim com essa ingratição... eu que tanto aprecio a sua companhia.

RAUL.

Realmente V. Ex. está hoje com veia de amabilidade.

VIUVA.

Asseguro-lhe que nunca fallei mais sinceramente em minha vida.

RAUL.

Não duvido.

VIUVA.

Póde ter a certeza. O sr sabe captivar pelo espirito e pela distincção de suas maneiras. Faz uma differença profunda de todos os moços da nossa sociedade provinciana. Coitados! nunca viram os grandes modelos da elegancia, nem tão pouco tiveram occasião de frequentar reuniões escolhidas. Em todo o Brasil, apenas no Rio de Janeiro vive-se; ali mesmo que differença não ha de haver das grandes capitaes do velho mundo! Como o sr é feliz por ter viajado tanto! Como eu o invejo por tudo quanto viu, por tudo quanto gozou! Aqui na provincia é pena que o sr não se queira aproveitar de tudo isso...

RAUL.

Para fazer juz ao desprezo de mim proprio por tanta frivolidade!

VIUVA.

Qual! para fazer morrer de ciumes quem estiver apaixonada pelo sr, apesar de sua austeridade.

RAUL.

Não conheço ninguém nessas condições.

VIUVA.

Porque não quer conhecer. Vive tão concentrado!
(Com intenção.) Reune suas attentões na familia.

RAUL.

Tenho meu pae, que bem o merece!

VIUVA.

E uma madrasta...

RAUL.

Naturalmente...

VIUVA.

Por fallar nella... desejaria tambem vê-la, mas tenho tanta pressa! O Luizinho... tem andado adoentado, de modo que não posso demorar-me muito fóra de casa. Filho unico... sem pae, bem vê que tem razão o coitado para ser muito agarrado á mãe. E' tão viva, tão intelligente aquella creança, que tenho medo de perdê-la... Enfim, ficará para outra vez... amanha... tambem esta foi uma visitinha feita sem resolução previa... quasi sem intenção... passava pela porta... soube da noticia e entrei.

RAUL.

Queira esperar mais um pouco... Olhe, chega o dr Cicero... entretenha-se um minuto com elle, enquanto eu vou prevenir pessoalmente minha madrasta.

Sae.

SCENA III

CICERO e VIUVA.

CICERO.

Será um *tête-à-tête* que apenas me desagrada porque tem de ser curto.

VIUVA.

Pois ninguém seria capaz de dizer tal, porque de

certo tempo a esta parte o sr dr parece até que me evita.

CICERO.

Como se evita uma serpente.

VIUVA.

Uma serpente !

CICERO.

Sim... Sirvo-me da metaphora biblica para exprimir a tentação.

VIUVA.

E' pena que tenha tanto espirito, sr dr !

CICERO.

E porque ?

VIUVA.

Porque si tivesse menos espirito, talvez tivesse mais coração.

CICERO.

Falta-me acaso coração ?

VIUVA.

Si falta !

CICERO.

Pois asseguro-lhe que nunca tinha dado por isso.

VIUVA.

E o mais é que deve ser feliz assim ! Eximiuse dos impostos do sentimento, constituiu para si uma philosophia egoista e utilitaria e pouco se lhe dá do soffrimentos alheio, que, quando muito, podem servir-lhe de diversão ! Nunca conheceu o amor, após to ?

CICERO.

De vista.

VIUVA.

Talvez tenha-o observado em muitas victimas suas.

CICERO.

Não as tenho, nem as faço. As que assim se consideram são mais victimas do seu amor proprio do que minhas.

VIUVA.

Engana-se. Talvez tenha inspirado muitas paixões sinceras.

CICERO.

Si assim fosse, outro teria sido o meu destino. Nunca encontrei sinão a moeda falsa do amor ; as aventuras faceis, os caprichos elegantes, a perversão do sentimento e o requinte da vaidade. Ora por fraqueza, ora por condescendencia, ora por prazer mesmo, tenho entretido e cultivado este genero de relações passageiras e ficticias, já que não espero mais encontrar outras. Deliberei acceitar as mulheres taes quaes se me apresentam e não exigir mais do que ellas podem dar-me. Desilludido, não as procuro, mas tambem não as recuso. Não sou capaz de seduzir uma mulher honesta, como tambem não levo a minha sanctidade a ponto de respeitar uma mulher que não quer ser respeitada. No mais, sou sempre discreto, no meu interesse e no dellas. Nunca lhes fico a dever nada nem tão pouco ellas a mim. Quando aborreço-me, deixo-as, e concedo-lhes igual direito.

VIUVA.

Esquece que ás vezes as mulheres não podem uzar desse direito.

CICERO.

E quem as mpe de ?

VIUVA.

O coração.

CICERO.

Não creio que o tenham ; era preciso que eu não as conhecesse.

VIUVA.

Pois bem, si não acredita no coração, acreditará na maledic-ncia do mundo ; e si não tem victimas pelo sentimento, poderá tê-las pelo escandalo social e nesse caso deve-lhes uma reparação. Fallemos com franqueza: a consciencia não o accusa de uma grande divida para comigo ?

CICERO.

Mais baixo, sra dona Amelia ; as paredes têm ouvidos !

VIUVA.

Pensa por acaso que todos os desta casa e, o que é mais, o publico, não perceberam e não murmuram das nossas relações ? Realmente é de uma simplicidade ! Não ha uma só das minhas amigas que não me fustigue com frequentes epigrammas a proposito do sr ; e eu que até então, do alto da pureza de minha consciencia e dos meus actos, era a primeira a aggre-dil-as, vejo-me agora desarmada e obrigada a corar diante dellas !

CICERO.

E antes de ser por minha causa, a sra não se via obrigada a corar ?

VIUVA.

Levanta uma accusação ao meu passado ? E' injusta, affirmo-lhe. Si alguém ousava fallar, o que não duvido, era pura calumnia. Faziam-me a côrte, como de ordinario fazem-n'a a uma senhora que é livre, e, o que é peor, que não tem por si uma pessoa que a faça respeitar. Muitas vezes, é verdade, consenti nisso ; mas eram galanteios sem consequencia.... O sr, porém, adiantou-se... arriscou a minha reputação e agora comprehendo que procure evitar-me...

CICERO.

Para não arriscar-lhe mais a reputação.

VIUVA.

E' tarde... Tenho uma posição na sociedade, a memoria de um homem a respeitar e um filho de onze annos, a quem não posso legar a deshonra ou o descredito... Confesse que me deve uma reparação.

CICERO.

Estaria prompto a dal-a, si por acaso me dedicasse uma affeição sincera e desinteressada.

VIUVA.

Duvida, por ventura ?

CICERO.

Duvido, ou, melhor, tenho certeza do contrario. Não poderia estabelecer entre nós um laço intimo e duradouro com o casamento, sem grave prejuizo para mim. A sra tem um amor desordenado pelo luxo, é *coquette*, elegantemente maledicente e

vaidosa. Perdôe-me a franqueza. E' uma bôa amante; mas seria uma pessima mulher.

VIUVA.

Talvez um pouco melhor do que a do seu amigo Alexandre, a quem o sr tanto respeita. Pelo menos, não desceria até o incesto!

CICERO.

Nem mais uma palavra, senhora. Eu bem previa que esta discussão seria sobremaneira imprudente nesta occasião e neste logar.

VIUVA.

Neste caso terá a bondade de acompanhar-me até á minha casa.

CICERO.

Não posso. Estou convidado a jantar com Alexandre.

VIUVA.

E' alli, tão perto... e demais Luizinho está doente; é preciso que me preste os seus serviços.

CICERO.

Isso, sim. Mas a conferencia effectuar-se-á mais tarde, logo á noite, porque ha de ser um tanto séria.

VIUVA.

A que horas então?

CICERO.

A' meia-noite. Tenho a chave do jardim, afaste os creados e espere-me.

SCENA IV

OS MESMOS e DAVINA.

VIUVA, beijando-a.

Minha bôa amiga! Vim só fazer-lhe os meus cumprimentos e já me demorei mais do que devia... não posso vêr seu marido... vim em má occasião. Ficaré para amanhã. Agora preciso voltar para casa, estou com cuidado no menino. Vamos, dr?

DAVINA.

O sr tambem vae?

CICERO.

Estou de volta daqui a pouco.

VIUVA.

Vae vêr o Luizinho.

DAVINA.

O que tem elle? está doente?

VIUVA.

Está, mas desconfio que não é coisa de cuidado... quem é mãe sempre se afflige... Desculpa-nos, não é assim?... Foi uma felicidade encontrar-o aqui... chegando á casa, ia mandar chamal-o, dr. Até amanhã, minha amiguinha.

SCENA V

DAVINA, só.

Até amanhã! Onde estarei eu amanhã? O que será de mim? Sim, é preciso fugir. E' o unico re-

curso! Abandonar esta casa, onde estranha fui acolhida como verdadeira dona e senhora, onde passei os dias mais felizes de minha vida entre as alegrias da familia, que eu, pobre orphan, não conhecia ainda, alegrias que a Providencia me negára e que a generosidade de um homem concedeu-me! E eu, a perfida, a miseravel, tive coragem de trair, de deshonrar esse homem, que me deu um nome, uma posição, o bem estar! Oh! é infamia demais! Como pude esquecer tudo isso? A fatalidade do sentimento! Mas então o dever, a virtude, a consciencia não existem? Por que se abateram diante da vehemencia da paixão? Porque não bradaram mais alto dentro em mim? Sou por ventura culpada por que fui vencida? Ouço uma voz terrivel que me diz: "Sim"! Chama-se a isto o remorso? Parece-me! Que importa? Seguirei o meu destino fatidico! Como devem ser infelizes as mulheres que peccaram! O desprezo de todos e o desprezo de si proprias! Nos momentos mais apraziveis, nas horas mais ditosas, em meio ás febres do prazer, ás expansões do amor criminoso, sempre uma sombra a escurecer a téla radiante da ventura! Ah! a nostalgia da honra, a saudade das sanctas affeições do lar, devem ser bem penosas, bem agudas! Agora, porém, é tarde para estas reflexões. Acabemos com isto! Escrevo-lhe uma carta, preciso supplicar o meu perdão, dizer-lhe emfim que foi uma loucura... mas que o respeito, que o prézo, pedir que não me amaldiçõe nem me odeie porque sou digna de compaixão. E' isto, é. (Senta-se á mesa e escreve.— Depois de uma longa pausa.) Não, é melhor partir sem dizer nada. Que descul-

pa posso eu allegar? Fujo com meu amanté e para salvar meu filho... Para salvar-me meu filho?... não será antes para salvar-me a mim mesma e a Raul? O movel que me impelle não será ainda essa paixão? Em que estado estou, que não sei o que se passa em mim! O coração da mulher é uma esphynge... um labyrintho... um mysterio para ella mesma. Seja qual fôr a razão, é forçoso fugir. Fugir com o filho de meu marido, isto é, arrastar na lama das ruas o nome de um esposo e de um pae! A mulher que deshonra aquelle que a salvou da miseria e deu-lhe o seu nome só devia ter por cumplice o filho desse homem para corôar a perversidade! Não, não ha perdão, não ha desculpa possivel. Está tudo acabado. Uma carta, uma palavra, seria tudo inutil; serviria apenas para augmentar-lhe a afflicção. Vamos, estou prompta, cumpra-se a minha sina. Raul a esta hora deve ter determinado tudo. Rasguemos esta carta.

SCENA VI

A MESMA e ALEXANDRE.

ALEXANDRE, ind -lhe ao encontro e tomando-lhe as mãos.

Ainda bem que te encontro sosinha. E a viuva Almeida? Disseram-me que tinha vindo visitar-me?

DAVINA.

Já foi.

ALEXANDRE.

Como! sem vêr-me. E' o mesmo, viria perturbar as nossas intimidades. Mas o que tens? Estás

tremula? De que provém essa commoção tão violenta?

DAVINA.

Não é nada.

ALEXANDRE.

O que estavas fazendo aqui sósinha? (Olhando para a mesa.) Estavas escrevendo?

Toma o papel.

DAVINA.

Oh! não leia, não leia!

ALEXANDRE.

Porque? Que segredo contém então esta carta?

DAVINA.

Nenhum... é um papel sem importancia.

ALEXANDRE.

E no entanto... tu empallideces cada vez mais. Vejamos a quem é dirigida... A mim!

DAVINA.

Por piedade, sr, não leia, poupe-me essa agonia

ALEXANDRE.

Que segredo terrível encerra este papel? Preciso saber-o... (Lê.) "Não posso nem devo illudil-o por mais tempo. O nome que generosamente confiou-me... deshonrei-o!"

DAVINA, caindo-lhe aos pés.

Perdão, perdão!

ALEXANDRE.

E' isto possível! Miseravel! O que fizeste? (Tomando-a pelos pulsos e atirando-a de encontro a uma cadeira.)

Como pude lêr sem cair fulminado! Diga-me: quando commetteu semelhante crime não pensou na vingança de um homem de brios, cobardemente ultrajado?

DAVINA.

Eu nada pensei, nada premeditei.

ALEXANDRE.

Como!

DAVINA.

Si tivesse izempção e sangue frio, não o teria feito, não com medo da vingança, mas em nome dos meus sentimentos, da minha dignidade.

ALEXANDRE.

E ousa fallar em dignidade! Tem-n'a porventura a mulher que avilta infamemente aquelle que a protegeu, que a salvou, que fêl-a depositaria daquillo que tinha de mais precioso; tem-n'a a prostituta baixa e vil, que esquece as leis de honestidade, não pela fome, nem pela necessidade, mas pelo simples desejo de conhecer mais um homem? Oh! não me falle em dignidade, porque é coisa que não conhece!

DAVINA.

Insulta-me! e não poder eu defender-me!

ALEXANDRE.

Não a insulto, não! Faço-lhe justiça. Onde está aquella virtude que affectava com maneiras de sancta, todo aquelle pudor em que se envolvia, a ternura de suas phrases, a candidez de todos os seus actos, a reserva, a brandura do modo de tra-

ctar! Tudo era falso, tudo era mentido. Soube iludir-me, confesso!

DAVINA.

Não, eu não lhe mentia; nunca esqueci o quanto lhe devo.

ALEXANDRE.

Hypocrita e fementida! Vibora que alimentei ao meu seio, e cujo dente havia de envenenar-me toda a existencia. E eu que amava-a tanto!

DAVINA.

Oh! não me falle no seu amor, que é a maior tortura a que me póde condemnar! Si visse, si soubesse, si imaginasse por quanto tempo luctei! A honra de seu character, os extremos que me votava, a gratidão que me prendia ao sr subjugados, mas não vencidos, por uma fascinação indisivel, por um poder occulto, por um reclamo irresistivel da natureza, despertaram logo apóz e dahi em diante não tive um só momento de ventura, de tranquillidade siquer. Oh! creia-me, dóe-me dentro da alma, dóe-me profundamente o ter-lhe sido ingrata.

ALEXANDRE.

Porque o foi então? Merecia-o eu por ventura? Assim pagou-me tanto amor! O que lhe fiz eu? Acaso dei-lhe o minimo desgosto? Não fui sempre solícito, desvellado em fazel-a feliz, alegre e satisfeita? Faltou-lhe um dia alguma coisa? Porque havia desmoronar assim barbaramente a minha derradeira illusão? Fil-a o anjo tutelar de meus dias cansados, o arrimo e o consolo de mi-

nha velhice, escolhi-a para esposa e companheira, afim de reclinar-lhe ao collo a minha cabeça encahecida, concentrei os restos da minha existencia nesse amor e hoje eis tudo por terra!

DAVINA.

Oh! por compaixão! não me falle assim! Quizer a poder amal-o tambem, julguei até que o amava, mas...

ALEXANDRE.

E' muito. Isto importa a confissão de que ama outro homem! Não, já não basta o desforço pela honra maculada, já não basta a punição em nome da moralidade social. E eu que pensava fosse uma fraqueza, ou uma seducção! Não foi a honra só offendida, foi tambem o amor, foi tambem o coração. Saiba: uma paixão na minha idade assume as propôrções de uma embriaguez, de uma loucura. Amei-a; amei-a; traiu-me... mato-a!

DAVINA, caindo-lhe aos pés.

Perdão... perdão... por meu filho... seria um duplo assassinato!

ALEXANDRE, recuando.

Ah! é demais! (Enxuga uma lagryma.) Levante-se, senhora. Uma mãe é uma creatura sagrada. Diga-me o nome do seu amante.

DAVINA.

Meu amante!

ALEXANDRE.

O seu nome, o seu nome!...

DAVINA.

Seu nome...

ALEXANDRE.

Diga, depressa, o seu nome!

DAVINA.

O seu nome... Nunca!

ALEXANDRE.

Nunca! Ama-o muito então?... Treme por elle? Todo o seu sangue seria capaz de bebel-o! O seu nome, has de tu mesmo dizel-o, quando não, quando não... arrancar-t'ò-ei á força!...

DAVINA.

Nunca o saberá, não queira sabel-o... sería um golpe terrível, talvez mais profundo do que o que acabo de vibrar-lhe!

ALEXANDRE.

Hei de sabel-o. Interrogarei todos os creados, todas as pessoas desta casa, todo o mundo emfim, contanto que o saiba.

DAVINA.

Meu Deus, meu Deus!

ALEXANDRE, tocando uma campainha.—Apparece um creado.

Diga a meu filho que venha a esta sala immediatamente!

Elle!

DAVINA, áparte.

SCENA VII

Os MESMOS, RAUL e DEPOIS CICERO.

ALEXANDRE, a Raul.

Esta mulher é uma infame! Quem frequentava esta casa durante a minha ausencia? Quem é o seu amante?

CICERO, entrando.

Que pergunta é essa? Si teu filho o soubesse, já estarias vingado.

ALEXANDRE, comsigo.

Cicero..., si fosse elle...

RAUL.

Engana-se, sr dr, conheço muito esse homem.

ALEXANDRE.

Finalmente! Quem é?

RAUL.

Sou eu!

ALEXANDRE, avançando para matal-o.

Miseravel!

CICERO, agarrando-lhe o pulso.

Pára, desgraçado! E' teu filho!

ACTO TERCEIRO

A mesma decoração.

SCENA PRIMEIRA

CICERO e ALEXANDRE.

ALEXANDRE.

Então ?

CICERO, que entra.

Tudo prompto.

ALEXANDRE.

Foste ao Banco ?

CICERO.

Venho de lá. Aqui tens.

Entrega-lhe um maço de dinheiro.

ALEXANDRE.

A que horas parte o vapor ?

CICERO.

Continúa a viagem esta madrugada. Tem uma grande descarga a fazer.

ALEXANDRE.

Bem. Então tenho muito tempo.

CICERO.

Demoras-te ?

ACTO TERCEIRO

65

ALEXANDRE.

Não tenciono voltar.

CICERO.

Fazes mal. Ninguém abandona assim o lugar onde nasceu, onde viveu, a patria emfim.

ALEXANDRE.

De hoje em diante é-me absolutamente impossível permanecer aqui. Seria um supplicio. Habitarei em lugar onde ninguém me conheça, onde ninguém saiba a desgraça que me feriu; ou então viajarei, como o judeu da legenda, sem cessar, desconhecido e solitario, até que a morte venha buscar-me.

CICERO.

Pobre amigo !

ALEXANDRE.

Tens razão em lamentar-me. O golpe foi de mestre. Arrancou-me tudo quanto encerrava o meu coração : o amor de pae e o amor de esposo.

CICERO.

Coragem e resignação !

ALEXANDRE.

Coragem, posso tê-la ; tenho-a mesmo ; mas resignar-me, isso nunca, porque nada fiz para merecer semelhante infortunio. Conheço muitos pensadores modernos que entendem que nestes casos de adultério, além do marido ser a victima, é sempre o culpado, porque a educação de sua mulher é feita por elle proprio. Absurda theoria ! Seria como si alguém responsabilisasse ao Creador pelos crimes

que a humanidade commettesse. Onde está então a liberdade, a consciencia e a razão? A mulher não tem uma individualidade? Não. Fazem-n'a irresponsavel, e dão a entender que é sempre o marido que não preza o seu nome e a sua honra, que é sempre o marido o cumplice do proprio crime que o infama, como si isso fosse possível! E haverá quem assim pense a meu respeito?

CICERO.

Tens a tua consciencia, meu amigo. Accusar-te-ão de confiante, de homem de boa fé: pois bem, esse é o apanagio dos caracteres verdadeiramente honestos.

ALEXANDRE.

Como não ser confiante á vista daquella fingida apparencia de virtude e de pudor! Confesso-te, ser-me-ia impossivel nutrir a minima suspeita daquella mulher, mal pude mesmo acreditar na dolorosa evidencia do facto. Meu filho, ainda peor. Qual é o pae que póde suppor que um dia será trahido por seu filho? Que precauções poderia eu tomar, que duvidas poderia eu conceber, quando na hora em que me passasse pela mente a mais leve desconfiança eu seria capaz de suppôr-me indigno do nome de pae?

CICERO.

Comprehendo que o amavas como se ama um filho unico.

ALEXANDRE.

Filho por quem desvellei-me tanto! Sua mãe deixou-m'o ainda pequeno, cresceu-me entre os bra-

ços; eduquei-o com a dupla solicitude de pae e de mãe. Fil-o aprender e viajar e apenas o vi, depois de uma longa ausencia de oito annos, senti orgulho. Vi nelle a minha gloria, projecção de minha vida! Ai! que mal o esperava! Seria antes o seu destruidor!

Enxuga as lagrymas.

CICERO.

Respeito essas lagrymas. Não te envergonhes de derramal-as juncto ao coração de um amigo.

ALEXANDRE.

Obrigado. Agora só tu me restas.

CICERO.

E' bem pouco, sei; não compensa a perda que soffreste, mas conta comigo para tudo.

ALEXANDRE.

E's um grande coração.

CICERO.

Apenas um amigo verdadeiro.

ALEXANDRE.

Felizmente não estou desamparado de todo. Si não estivesses ao meu lado, talvez eu tivesse succumbido.

CICERO.

Ou feito alguma loucura.

ALEXANDRE.

Nestes momentos perde-se de todo a razão. Felizmente já a recuperei. Posso julgar agora perfeitamente.

CICERO.

Ainda bem!

ALEXANDRE.

Meço o alcance de toda a minha desventura, e tomei a minha resolução. Parto esta madrugada. Afasto-me para sempre daqui, afim de evitar encontros e recordações que me seriam penosos. Levo apenas o pezar de deixar-te, a ti, que és presentemente o unico laço que pelo coração me prende á terra.

CICERO.

Então nunca mais nos veremos ?

ALEXANDRE.

Não o espero. Si por ventura saires daqui, é possível que nos encontremos, por acaso, em qualquer lugar, talvez quando menos o esperarmos.

CICERO.

Nem me escreverás ?

ALEXANDRE.

Naturalmente. Antes de partir vou deixar-te uma procuração pela qual te habilito a tractares de todos os meus negocios, com plenos e illimitados poderes. Bem sabes que não tenho tempo para liquidar tudo. Olha, toma estas chaves, entra no meu gabinete, abre a secretária e examina os differentes papeis que lá se acharem. Separa-m'os todos; rasga os que não tiverem importancia. (Toca uma campainha.—Ao creado.) Previna ao sr Raul que o espero

nesta sala. Podes ir, meu amigo; dentro em dez minutos sou contigo.

CICERO.

O que vaes fazer ?

ALEXANDRE.

Nada temas.

CICERO.

Calma, sangue frio!

ALEXANDRE.

Olha bem para mim. Não achas que estou calmo ?

Cicero sae.

SCENA II

ALEXANDRE e RAUL.

RAUL.

Mandou-me chamar ?...

ALEXANDRE.

Por mais doloroso que seja para mim este derradeiro encontro, não posso furtar-me a elle. Seria melhor que não nos tornassemos a vêr; mas nem a essa provação me é dado eximir-me. Tractaremos puramente de negocios.

RAUL.

De negocios !

ALEXANDRE.

Sim... puramente de negocios. Parto hoje mesmo; para onde, não sei e pouco importa ao sr sabel-o. Como não ignora, devo-lhe contas do que é seu...

RAUL.

Perdão ! mas eu nunca as pedi, nunca me lembrei disso...

ALEXANDRE.

Mas quero eu, devo prestal-as. Uma vez que attingiu á maioridade, uma vez que tem uma posição definida, é legalmente senhor de si e do que lhe pertence. (Dá-lhe um maço de papeis.) Aqui tem... aceite... ordeno.

RAUL.

Obedeço.

ALEXANDRE.

Cumpre verificar si está tudo em ordem, passar-me a respectiva quitação... e depois... nada mais !

RAUL.

Como ? Foi só para isso que mandou-me chamar ?

ALEXANDRE.

Só.

RAUL.

Não o comprehendo.

ALEXANDRE.

E' facil, entretanto. Restituo-lhe o que é seu e nada mais ha de commum entre nós.

RAUL.

Então o meu castigo ?

ALEXANDRE.

Quem lhe fallou em castigo ? Não se póde ser

parte e juiz ao mesmo tempo. Não me assiste o direito de punil-o.

RAUL.

Então quer esquecer e perdoar, talvez ?

ALEXANDRE.

Esquecer ? Nunca. Perdoar, ainda menos. Admira-se de ver esta minha attitude ? julgava que o mataria, não ?

RAUL.

Sim ! quando confessei o meu crime esperava ser punido com a morte !

ALEXANDRE.

Punido ! Não sabe que ninguem póde fazer justiça pelas proprias mãos ? O offendido nunca pune, vingase. Mas para que me eu vingasse, era preciso que a vingança fosse tão atroz quanto fôra o crime. Era preciso que o matasse. Si o fizesse, talvez conseguisse a absolvição da justiça social ; mas por outro lado teria descido até ao sr : deixaria de ser pae, assim como o sr deixou de ser filho.

RAUL.

Condemna-me então á vida... ao remorso?..

ALEXANDRE.

Mais do que isso ! entrego-o á execração do mundo. Creio que ainda existam homens de bem, que recusem apertar a mão ao filho sacrilego, mães de familia que fechem as portas aos adroes de sua propria honra. O seu crime, sr, pela perversidade

que o caracteriza, salva-me da vergonha e do escarneo que o mundo costuma atirar sobre os ma-
ridos enganados. O ridiculo, não posso temel-o.
A minha dôr será sympathizada e respitada por
todos aquelles que se prezam de ser honrados, ao
passo que o seu crime será profligado pela socie-
dade em peso, que não saberá como classifical-o.

RAUL.

Tem razão. Acabrunha-me a nobreza e a leal-
dade desse procedimento; não o esperava, confesso;
sorprenhe-me. Esperava a colera, uma desafron-
ta tremenda, e, acredite, estava resolvido a sujeitar-
me humildemente.

ALEXANDRE.

Eu lhe digo. Seria capaz de commetter um de-
satino, como todo homem nas minhas circumstan-
cias, no primeiro impulso; mas felizmente para
mim tive tempo de reflectir. Cheguei mesmo a
procurar uma reparação nas leis do paiz. Assis-
te-me o direito de processal-os a ambos pelo adul-
terio, direito de que não uso porque ser-me-ia igno-
miniosa a auctoria nessa acção; assiste-me tam-
bem o direito de desherdal-o, reparação insigni-
ficante e pouco digna de um factio tão me-
lindroso como este. E eis tudo. Nada disso
satisfiz-me. Fui obrigado então a tomar este par-
tido: abster-me. Não podia, nem posso castigal-
o convenientemente e tão pouco perdoal-o honesta-
mente. Entrego-o, portanto, ás consequencias do
proprio delictio.

RAUL.

As consequencias... oh! devem ser bem terriveis!

ALEXANDRE.

Além do stigma publico, a responsabilidade moral
de um parricidio; porque eu sinto que não poderei
sobreviver muitos dias a esta catastrophhe.

RAUL.

Eu, parricida!... Que idéa horrivel!

ALEXANDRE.

Sei que o mundo julgará talvez inefficaz esse pro-
cedimento. Embora! E'... meu filho; conheço-o
portanto. Tenho a convicção de que n'algum re-
canto de sua alma ainda existem gravados os sa-
crosanctos principios do bem e da virtude, que eu
e sua mãe, a cuja memoria peço conselhos neste
momento, lhe ensinámos no berço. Faço-lhe justi-
ça. As licções recebidas na infancia presidem a toda
a vida do individuo, e por mais gasto, por mais
polluido, por mais transviado que elle esteja, a
recordação desses tempos e dessas idéas é o tri-
bunal mais severo ante o qual comparece fatal-
mente a todas as horas, a todos os momentos,
n'uma expiação perenne.

RAUL.

E' verdade. E' um supplicio atroz, uma tortura
infernall!

ALEXANDRE.

Tenho dicto tudo. Resta-me apenas uma coisa a
pedir-lhe.

RAUL.

Qual ?

ALEXANDRE.

Quando partiu, a seu pedido entreguei-lhe uma pequena medalha com os cabellos de sua mãe. E' uma reliquia sagrada. O que fez della ?

RAUL.

Trago-a sempre comigo.

ALEXANDRE.

Queira restituir-m'a.

RAUL.

Porque não me deixa conserval-a ? E' a unica lembrança que possuo de minha mãe !

ALEXANDRE.

E' indigno de possuil-a. Si é verdade que ella nos observa lá do céu, de ha muito deve tel-o repudiado, como eu o faço agora. Era uma sancta ! Ao morrer os olhos se lhe marejaram de lagrymas com a lembrança de deixal-o tão novo. Foi o seu ultimo a pensamento ! Pediu-me então que o amasse, que o fizesse feliz e homem de bem. Cumpri a minha palavra. Qual de nós dous renegou a sua memoria, sr ?

RAUL.

Fui eu... sou um infame ! (Entrega-lhe a medalha.) Agora, si me não é dado possuir este penhor, peço-lhe tambem queira conservar este dinheiro, o patrimonio que ella me deixou.

ALEXANDRE.

Isso nunca. E para que ?

RAUL.

Póde applical-o melhor.

ALEXANDRE.

Esquece que este dinheiro lhe será preciso. Esquece que tem um filho e uma amante para prover-lhes a subsistencia ?

RAUL.

Esqueço tudo só para lembrar-me que sou um miseravel, que não tem direito á vida, porque ousou atraiçoar o mais nobre dos homens. Esqueço tudo para cair-lhe aos pés, não supplicando perdão, que o não mereço, implorando-lhe me lance a sua ultima benção, antes de partir.

ALEXANDRE.

Não o conheço. Levante-se, senhor.

RAUL.

Em nome de minha mãe.

ALEXANDRE.

E' uma profanação pronunciar semelhante nome. Erga-se.

SCENA III

OS MESMOS e DAVINA.

DAVINA.

Perdão... fui prevenida para vir ter a esta sala.

ALEXANDRE.

Assim era preciso.

RAUL.

O que me ordena ?

ALEXANDRE.

Fique. (Para Davina.) Deve comprehender que depois do que se passou é impossivel a nossa convivencia.

DAVINA.

Comprehendo.

ALEXANDRE.

Torna-se portanto necessaria a separação. Uma vez que convem nisso, é ocioso um processo de divorcio. Agradeço-lhe. Poupa-me a vergonha de recorrer aos tribunaes, tornando assim publica a minha deshonra. Mas devo informal-a de uma coisa. No caso de divorcio, os bens do casal são igualmente repartidos entre marido e mulher, embora esta ou aquelle não tenham entrado absolutamente com coisa alguma. Talvez queira...

DAVINA.

Nunca ! Encontrou-me na miseria ; tudo o que possui é exclusivamente seu, nada posso querer, nada posso aceitar. Seria, além de tudo, roubal-o.

ALEXANDRE.

E' um direito que lhe assiste em virtude da lei.

DAVINA.

Que importa, si eu entendo que não devo uzar delle ?

ALEXANDRE.

Foi para isso que a mandei chamar. Estimo que tenha prescindido do desquite e pôde avaliar perfeitamente as razões disso. Estou prompto a fazer a divisão exacta, *amigavelmente*, é o termo.

DAVINA.

Recuso-a de qualquer modo.

ALEXANDRE.

Faz mal ; contudo não posso obrigar-a a aceitar. (Para Raul.) O sr serve de testemunha dessa recusa ?

RAUL.

Sim...

ALEXANDRE.

Todavia si algum dia arrepender-se dessa resolução, o dr Cicero de Oliveira, a quem confio a administração geral dos meus bens, poderá entender-se com a sra. Deixar-lhe-ei ordens a esse respeito.

DAVINA.

Não é preciso. Por mais infame que me julgue, asseguro-lhe que eu seria incapaz de descer tanto.

ALEXANDRE.

Julgo que é capaz de tudo. Não tenho razão alguma para confiar na sra. Entreguei-lhe um nome honrado, uma vida respeitada e sem mancha. Era um deposito sagrado. O que fez ? Roubou-m'o

Que muito era agora me fizesse essa extorsão, que é sancionada pela lei ?

DAVINA.

E' justo que me falle assim. E' justo o seu sentimento, seria justa a sua colera e a sua vingança; mas ouça-me tambem, por compaixão !

ALEXANDRE.

Não, não quero ouvil-a. A sra não tem defeza, não póde descobrir uma desculpa siquer.

RAUL.

Nem a da seducção ?

ALEXANDRE.

Não. (Para Davina.) Por ventura contou a este sr a sua historia ? E' curta entretanto. Uma menina, sem pae, sem mãe, e sem fortuna, entregue aos cuidados de uma pobre tia septuagenaria, que podia faltar-lhe de um dia para o outro, deixando-lhe como herança dous caminhos a seguir, qual delles o mais triste : a prostituição ou a miseria. Um homem compadecceu-se della e amou-a. Amou-a na sua simplicidade, na belleza angelica de suas feições, na meiguice e no recato de todos os seus movimentos. Um dia approximou-se-lhe e disse: Tenho um nome, uma posição e alguns bens de fortuna. Não sou feliz na solidão da minha velhice. Quer ser a minha companheira na vida ? Não é isso verdade, senhora ?

E'.

DAVINA.

ALEXANDRE.

Ella nada respondeu, os olhos se lhe arrasaram de lagrymas de alegria, e apertou-lhe a mão om vehemencia. Dentro em quinze dias, estavam casados. Esse homem amava-a deveras ; não com a imaginação, mas com o coração. O espirito, a phantasia gasta-se em loucos devaneios durante o periodo da mocidade; mas o coração conserva toda a vitalidade do sentimento. São sempre profundas essas affeições que brotam na madureza da idade. Esse homem resumiu nella toda sua existencia. Pois bem: sabe o que fez depois essa mulher ? Esqueceu tudo quanto elle houvera feito, trahindo miseravelmente a fé jurada, deshonrando aquelle que a protegera. Diga-me si conhece mais negra ingratição ? diga-me si essa mulher tem defeza ?

DAVINA.

Juro-lhe, sr; essa mulher só teve uma culpa : foi não amal-o, não poder amal-o, mas nunca esqueceu o quanto lhe devia.

ALEXANDRE.

Si me não amava, si me não podia amar, porque acceitou o meu nome ?

DAVINA.

Porque não o podia prever. Arrastou-me a sua generosidade n'um impeto de gratidão... Julguei amal-o. Illudi-me, mas eu estava de boa fé. Creia.

ALEXANDRE.

E ousa desculpar-se com isso. Não precisava o

amor; bastava a gratidão e o reconhecimento! Nem isso! Bastava o brio e a estima de si propria para obrigar-a a ser honesta! Dispensio, porém, toda e qualquer explicação; convém que acabemos com isto. Tenho tudo decidido com ambos. A sra sairá quanto antes desta casa.

DAVINA.

Meu Deus! para onde irei eu? Quem quererá receber-me?

ALEXANDRE, com intenção.

Quanto ao sr, é livre tambem. Antes de sair, enviar-me-á ao meu gabinete a quitação que lhe pedi. Approve á Providencia que pela ultima vez que tive de vê-los fosse em face um do outro!

RAUL, seguindo-o.

Meu pae...

ALEXANDRE.

Já lhe disse que não tenho filho; não o conheço.
Adeus.

Sae.

SCENA IV

RAUL e DAVINA.

RAUL, a Davina, que vae sair.

Davina! Uma ultima palavra. Nada receies, nada temas. Quero obter o teu perdão! oh! sou bem culpado por te haver arrastado a este abysmo.

DAVINA.

Como hei de perdoal-o de um crime que a consciencia tambem me accusa!

RAUL.

Infeliz! E' que tu não sabes que a mim competia mais do que a ninguem respeitar-te, manter-te pura e immaculada! Fui eu quem abusou da tua confiança. Procurei lêr no teu coração, exploral-o. Instigado por um amor, que por tudo me era vedado nutrir, longe de suffocal-o, embora me custasse a vida, alimentei-o dia por dia. Fiz mais. Compreendi que estavas inerte e indefeza e rodeei-te de todos os perigos. Procurei communicarte o incendio que me devorava e quando pude perceber que tinha alcançado a victoria sobre o teu espirito fraco, sobre a tua imaginação ardente, sobre o teu coração sensível, arremessei-me contra a preza, que de incauta não podia precaver-se.

DAVINA.

Não podia precaver-se! Diga antes não o quiz. E porque? Porque tambem arrastava-me uma força desconhecida. Sou tão culpada como o sr: comprehendendo a grandeza de seu proceder, assumindo a responsabilidade exclusiva deste facto; mas a consciencia prohibe-me de acceitar, de permittir que assim o faça.

RAUL.

Ah! tu não conheces a desproporcionalidade dos deveres, que a sociedade impõe com razão a mulher e ao homem. A mulher por ser naturalmente fraca e sensível carece da protecção deste. Vive e respira na atmospherá purificada da familia, vive a vida do sentimento, a vida das affeições domesticas. O homem forte, energico, educa-se principalmente pela razão e pela vontade. A mulher que succumbe é

mais desculpavel do que o homem, que pecca duplamente por si e por ella, a quem devia respeito. A sociedade está constituida assim. O delicto agrava-se na razão directa da educação e dos conhecimentos do delinquente. O salteador que mata é menos criminoso do que o homem civilisado que assassina; o escravo que rouba é menos criminoso do que o negociante que quebra fraudulentamente.

DAVINA.

Mas o escravo e o salteador não deixam de ser criminosos. Assim tambem a mulher. Não é ella uma creatura pensante? Seria inutil insistir mais. Comprehendo as suas intenções. Tranquillise-se. Nunca me hei de queixar do sr, pelo contrario — sempre de mim propria.

RAUL.

E quando te vires expulsa desta casa, publicamente vilipendiada, condemnada a uma vida de opprobrio e de vergonha?

DAVINA.

Nem por isso hei de maldizel-o. Supportarei resignada as consequencias de minha falta.

RAUL.

E si eu te abandonasse nessa infima condição? Si a voz do dever bradasse imperiosa dentro em mim e me afastasse para sempre do teu lado, não me reputarias antes um covarde, um seductor infame?

DAVINA.

Si me abandonasses na miseria?

RAUL.

Oh! não, isso não. Mas si eu não te procurasse nunca mais, garantindo-te comtudo a subsistencia? Si entendesse que devia retroceder? Si abafasse este amor para sempre no fundo do coração, para poupar-me ao remorso? Si rompesse com o passado emfim?

DAVINA.

Prefereria que assim o fizesse. Viveria unicamente para meu filho.

RAUL.

E para a expiação, para o arrependimento! Sublime mulher! Deus levar-te-á em conta a tua resignação e a tua coragem. Esquece, esquece para sempre o maldicto que ousou profanar-te as vestes candidas e angelicas! Martyr, arrasta a existencia luminosa por entre as diatribes da multidão, e quando soar a tua hora derradeira Deus te acolherá em seus braços, remida pelo soffrimento, transfigurada á luz da immortalidade... Esquece-me para sempre! Tenho ainda um derradeiro pedido a fazer-te... Não obrigues meu filho a odiar-me: ensina-lhe o meu nome e dize-lhe: Teu pae foi um desgraçado... e agora... para sempre... nunca mais nos tornaremos a ver!

Sae precipitadamente.

DAVINA.

Raul... Raul... o que irá fazer?

UM CREADO.

O jantar está servido.

Quve-se dentro um tiro.

PARISINA

DAVINA.

Ah!

Cae.

SCENA V

A MESMA, CICERO e ALEXANDRE.

CICERO.

Desgraçado ! o que fez?

Atravessa a scena e sae por onde saiu Raul.

ALEXANDRE.

O que faz ainda aqui a sra ? Não lhe tinha ordenado que saisse ?

CICERO, entrando.

Morto!

DAVINA.

Morto ! Meu Deus !

Cae de joelhos soluçando.

ALEXANDRE, contemplando-a.

Fatal consorcio ! (Atira-se nos braços de Cicero.) Ah!
que si eu não a tivera amado...

CICERO.

Não perderias teu filho !

II

VERSOS

—

HESPERIDES

—————

HESPERIDES

I

Profissão de fé

Odeio as virgens pallidas, chloroticas,
Bellezas de missal que o romantismo
Hydrophobo apregôa em peças gothicas,
Escriptas n'uns accessos de hysterismo.

Sophismas de mulher, illusões opticas,
Rachiticos abortos do lyrismo,
Sonhos de carne, compleições exoticas,
Desfazem-se perante o realismo.

Não servem-me esses vagos ideaes
Da fina transparencia dos chrystaes,
Almas de sancta e corpo de alfinim.

Prefiro a exuberancia dos contornos,
As bellezas da fórma, seus adornos,
A saúde, a materia, a vida emfim.

II

Nemesis

Ha nesse olhar translucido e magnetico
A magica attracção de um precipicio ;
Bem como no teu rir nervoso, sceptico,
As argentinas vibrações do vicio.

No andar, no gesto morbido, spleenetic,
Tens não sei que de nobre e de patricio,
E um som de voz metallico, phrenetic,
Como o tinir dos ferros de um supplicio.

E's o archanjo funesto do peccado,
E de teu labio morno, avermelhado,
Como um vampiro lubrico, infernal,

Sugo o veneno amargo da ironia,
O satanico fel da hypocondria,
N'uma volupia estranha e sensual.

III

Antropophagia

A Fontoura Xavier, poeta socialista.

Mulher ! ao vêr-te núa, as fórmas opulentas
Indecisas luzindo á noite, sobre o leito,
Como um bando voraz de lubricas jumentas,
Instinctos cannibae refervem-me no peito.

Como a besta.feroz a dilatar as ventas
Mede a preza infeliz por dar-lhe o bote a geito,
De meu fulgido olhar ás chispas odientas
Envolve-te, e, convulso, ao seio meu t'estreito :

E ao longo de teu corpo elastico, onduloso,
Corpo de cascavel, electrico, escamoso,
Em toda essa extensão pullulam meus desejos,

—Os atomos subtis,— os vermes sensuaes,
Cevando a seu talante as fomes bestiaes
Nessas carnes febris,—esplendidos sobejos !

IV

O perfume

A Arthur de Oliveira.

Unge-te a pelle fina e setinosa
Um perfume subtil, insinuante,
Egual á planta da Asia venenosa,
Cuja sombra atraigôa o viandante ;

O nardo, o benjoim e a tuberosa,
As tepidas essencias do Levante,
Do Meio-Dia a flóra luxuosa,
De côres e de aromas abundante,

Não disputam-lhe o passo, a primazia,
Nem produzem-me a languida apathia
Que em noites de verão, lentas, calmosas,

Sinto quando debruço-me em teu seio,
Afogando-me em morno devancio
N'um mar de sensações voluptuosas.

V

Lusco-fusco

Da alcova na penumbra andavam fluctuando
Em tenue confusão phantasmas indecisos,
Gerados ao fulgor da luz reverberando
Nos limpidos chrystaes e nos dourados frisos.

Era como um *sabbat* phantastico e nefando !
Das velhas saturnaes talvez tivesse uns visos
A enorme projecção das sombras vacillando
Esguias e subtis sobre os tapetes lisos.

Havia no ambiente uns morbidos perfumes ;
Os bronzes, *biscuits*, se olhavam com ciumes
Nos *dunkerques*, de pé, por dentro das redomas.

Emquanto eu, sem temor, ao lado de uma taça,
Um conto oriental relia entre a fumaça
D'um charuto havanez de excentricos aromas.

VI

Simia

Sobre uma pagina de Beaudelaire.

Assim como aos paineis, aos quadros inspirados,
Embora perfeições, adorna-os a moldura,
Que, apesar de excluir o *exacto* da pintura,
Vem destacar a téla aos olhos fascinados;

Egualmente o *cold-cream*, as tintas, os frizados,
Não te empanam siquer a rara formosura,
E em meio do aranzel dessa Babel impura
Os teus encantos mil eu vejo realçados.

Tudo parece amar-te e condizer contigo;
E quando n'um abraço affectuoso, amigo,
Cambraias e setins envolvem-te sem pejo

O bello corpo nú, febril e palpitante,
Tens o gesto, o ademan e a graça triumphante
D'uma infantil macaca ao som d'um realejo.

VII

Ambæ florentes

A C. F.

São ambas louras e finas
Como as virgens esboçadas
Nas amplas télas divinas
Das escripturas sagradas.

Duas irmans peregrinas,
Entre mimos educadas,
Brasileiras genuinas,
Polidas e delicadas.

Mas não sei porque debique,
(Dessas pilherias sedições,
Que não ha quem as explique)

Além de serem postiças,
Dizem todos que por *chic*
Intitulam-se *swissas*.

VIII

Scena de bastidor

Entre applausos geraes findára o acto.
 Na platéa faziam commentario
 Do desempenho e luxo do seu fato,
 Do merito da peça e do scenario.

Para saudal-a um batalhão compacto
 De amantes, inclusive o empresario,
 Esperava na *caixa* timorato
 Que ella trocasse a roupa, o vestuario.

Baldado intento ! O pallido galan
 Repete a scena ao vivo com afan
 No camarim, beijando-lhe a madeixa.

O panno vae subir ; porém que importa ?
 E quando o contra-regra bate á porta
 Mal póde a bella responder á *deixa*.

IX

Febre cibaria

N'um divan reclinada, em desalinho,
 Ardendo toda em lubricos desejos,
 Alvorçados ao vapor dos vinhos,
 Que não pagára-lhe os ardentes beijos,

A cortezan, no solitario ninho,
 A' sua *viuvez* lia uns motejos...
 Era casado o amante, e foi caminho
 Des penates... apóz meros cortejos.

Tinha, comtudo, uma esperança vaga :
 Uma aventura, a apparição de um mytho,
 Uma dessas visões que a mente affaga.

'Stava quasi descrente, quando um grito
 De surpresa escapou-lhe. Era *Malaga*,
King charles educado e favorito.

X

Margarida Gauthier

Dir-se-ia uma paixão, ao menos na apparencia;
 Na desordem febril, nô fogo que emanava
 Do seu olhar de onix, vivaz phosphorecencia,
 Tremeluzindo a flux, ardente como a lava.

Outras vezes sombria em preza da influencia
 D'um profundo pezar, de apprehensões escrava,
 Odiava o passado e instava a Providencia
 Pra abençoar-lhe o affecto, o amor que a dominava.

Arrependida assim, qual nova Magdalena,
 Conquista a admiração do mundo que a condemna
 E dos bardos gentis merece a apotheose.

A sciencia, porém, que estuda e não se illude,
 Rejeita a redempção, descrê dessa virtude,
 Recusa o sentimento e affirma — uma nevróse.

XI

Plastica

Quando tombam-te aos pés as roupas elegantes,
 As rendas, os setins, as nuvens de brocados,
 Que envolvem-te o perfil, as carnes deslumbrantes,
 Como as nevoas do inverno os montes anilados,

Deixando-me entrever-te as fórmias palpitantes
 De seiva e de calor, os traços arqueados,
 Os flascidos quadris, as curvas scintillantes,
 Do contorno polido occultos predicados :

Não sinto dentro em mim ferverem-me os desejos,
 Nem tento consumir-te ao fogo dos meus beijos,
 Esplendida mulher, formosa cortezan !

Apenas te contemplo extatico, enlevado,
 Como o artista que vê palpavel, animado,
 Um molde esculptural de inspiração pagan.

XII

Esboço

D'après-nature.

Je suis belle, ó mortels ! comme un rêve de pierre
 Et mon sein, où chacun s'est meurtri tour à tour,
 Est fait pour inspirer au poète un amour
 E'ternel et muet ainsi que la matière.

CH. BEAUDELAIRE, *Les fleurs du mal*.

No dorso azul setineo da ottomana,
 A' frouxa luz do gaz, amortecida,
 N'uma *pose* indolente de sultana
 Ou de estatua pagan, jaz estendida.

O correcto Ideal da fórma humana,
 A Esthetica no marmore esculpida
 P'la crença grega, sensual, profana,
 Nella se reproduz, sendo excedida

Por uns retoques mais, indefniveis,
 Que as estatuas marmoreas, impassiveis,
 Não poderiam nunca traduzir ;

Por uns lampejos dubios, infernaes,
 Como o brilho fulgente dos metaes,
 Agudos como a ponta d'um *fakir* !

XIII

Après le combat

Quando, pela manhan, contemplo-te abatida,
 Amortecido o olhar e a face descorada,
 Immersa em languidez profunda, indefinida,
 O labio resequido e a palpebra azulada,

Relembro as impressões da noite consumida
 Na lubrica expansão, na febre allucinada
 Do gozo sensual, phrenetico, homicida,
 Como a lamina aguda e fria de uma espada.

E ao vêr em derredor o grande desalinho
 Das roupas pelo chão, dos moveis no caminho,
 E o *boudoir* enfim do cahos um fiel plagio,

Supponho-me um heroe da velha antiguidade,
 Um marinheiro audaz apoz a tempestade,
 Tendo por pedestal os restos d'um naufragio !

XIV

Idolo negro

Tens o perfil sombrio e monstruoso
 Das frias divindades indianas,
 Cujo culto feroz e sanguinoso
 Se alimenta de victimas humanas.

Fazes do vicio o teu sinistro gozo,
 E o sangue de teus crentes espadanas,
 Moderna Jaghernat, mytho assombroso,
 Da marcha de teu carro entre as hosannas.

Inspiras-me a paixão desordenada,
 Que anima a consciencia depravada
 Do Thug, cuja sede não se acalma

Assassinando em honra ao atroz Siva;
 E como a deusa Kali,— a vingativa—,
 És o *idolo negro* da minha alma.

XV

Sulamita

Vogavam no ambiente os tepidos vapores
 Dos vinhos do festim, fogosos, aloirados
 Aos prismas dos chrystae brilhantes, irisados,
 D'um luxo oriental de excentricos labores.

Nas jarras do Japão emmurchecidas flores
 Trescalavam subtis perfumes saturados,
 Pelo fumo do gaz e do alcool misturados,
 Subindo em espiraes pesadas, incolores.

A um canto do salão, n'uma ottomana escura,
 Jazia semi-núa a bella sybarita
 Em doce embriaguez, a palpebra cerrada.

Um typo sensual ! A lubrica estructura
 Da belleza da Biblia—a casta Su'amita,
 —O amor de Salomão na Pagina Sagrada!

XVI

Adormecida

Quando vejo-te assim, do somno na indolencia,
 Dilatado o contorno algente, assetinado,
 Entumecido o seio, e um tom fresco e rosado
 Tingindo-te da carne a rica florescencia;

Quando vejo o abandono, a morbida apparencia
 Do teu corpo em nudez, immovel e prostrado
 Como si fôra morto; apenas agitado
 Pelo fluxo do sangue em plena effervescencia;

E mais a trança negra, a trança que se espraia
 Na vaga dos lençóes, na espuma da cambraia,
 Trescalando o perfume incommodo de *Orizza*,

Aos flancos de teu leito, abutres esfaimados,
 Meus instinctos subteis negrejam fileirados,
 Bem como os urubús em torno da carniça.

XVII

Helena

A Lopes Trovão.

Cruzámos um olhar veloz como um fuzil,
 Um unico, o primeiro, e desde esse momento
 Feriu-me vivamente o teu regio perfil
 A ponto de esquecer-me o nono mandamento.

A historia desse amor tantalico, febril,
 Amor italiano, audaz e ciumento,
 Que teve a duração de um sonho em mez de abril
 E viveu do perigo ao magico elemento,

E' a historia commum dos dramas do adulterio,
 Que tem a seu favor a musa do mysterio,
 Os reclamos da carne e as seducções do crime.

Teu marido, porém, já tarda a *deitar scena*,
 E' um novo Meneláu, burguez a fazer pena...
 E um fastio de morte ha muito nos opprime...

XVIII

For ever

Fugiste-me! Que importa? Em toda a tua vida
 Arraigou-se este amor, mais forte que o destino!
 Seu echo ha de seguir-te o passo peregrino,
 Não tentes abafal-o; has de ficar vencida!

Liga-nos a saudade—algema denegrida!
 Na espadua, no quadril, qual garra de Ugolino,
 Sellei-te com meu labio ardente e purpurino,
 Que por onde roçou deixou-te uma ferida.

Na massa do teu sangue, de cada arteria ou fibra
 Nas rijas pulsações, em ti constante vibra
 A força varonil dessa infernal paixão.

Cada um beijo que eu dei-te e mais cada carinho,
 Eu sei que te ha de ser horrivel pelourinho,
 Bem como cada abraço um guante de prisão!

XIX

A nova sensação

A proposito do Primo Basilio.

Sentado alli junctinho em attitude ufana
 N'um *puff* de setim,—dispeptico, suado,
 O cabello revoltado, arfando de cansado,
 Elle a contempla núa em cima da ottomana.

Emquanto ella indolente e morbida se abana,
 A bocca e o labio secco, o rosto machucado,
 Por um tremor nervoso o corpo inda agitado
 Na febre da volupia hysterica e tyranna.

Então a se esvair no derradeiro espasmo,
 Com um gesto de enfado e magua e de sarcasmo,
 Tediosa e subtil murmura-lhe a uma orelha:

‘Ora! o *Primo Basilio* é mesmo uma antigualha!
 “Estás muito atrazado, ó pallido canalha!
 “A nova sensação p’ra mim é muito velha!”

XX

En attendant

Nas costas de um retrato de Castro Alves.

Onde estás que não ouves meus suspiros,
Peregrina andorinha da minh'alma ?
Debalde por ti clamo !... tudo é mudo
Na alcova triste, solitaria e calma.

E tudo aqui a me fallar de ti !
O *puff* aonde assentas os pésinhos,
A ottomana azul onde repousas
Nas horas em que vemo-nos sósinhos !

As poltronas vasiae e dispersas,
O espelho dourado, a jardineira,
O toucador, altar dos teus encantos,
A isolada e gentil conversadeira !

Teu leito é um deserto arido e triste,
Vasto Sahara do amor abandonado !
Murmura-me o teu nome o travesseiro,
E saudoso balouça o cortinado.

Vem, Nini! não tardes, 'stou viuvo!
Em meio desta noite escura e fria
Vem aquecer-me ao fogo de teus beijos,
Andorinha do amor, ave erradia!

XXI

A ***

Improviso.

Um beijo teu val mais que o mundo inteiro
E mais que a eternidade o teu amor:
Humilha-se o universo ás tuas plantas;
Não és filha, és irman do Creador.

XXII

No album de um collega

Agora que é chegado o fim da romaria
E o gráu de bacharel, ha tanto cobiçado,
Vae breve nos livrar daqui, d'Academia,
Forçoso é que ao partir, cada um para seu lado,

Digamo-nos adeus. Amigo, a primazia,
Acceito-a com prazer, não quero ser rogado,
Unidos como irmãos na dôr e na alegria,
De primeiro escrever neste album reservado.

Por isso eu te consagro aqui neste soneto
Um voto de affeição que nem por um decreto
Jámais esquecerei, nem mesmo sendo velho.

Deixamo-nos aqui Si não vier a morte,
Havemo-nos de vêr algures, quando a sorte
Quizer nos dar logar de Estado no Conselho.

III

FOLHETINS

FOLHETINS

ASPASIA

(*Phantasia*)

Nas horas tristes e silenciosas da noite, quando a lua peregrina vagueia pelos céus, reflectindo a face pallida na onda chrySTALLINA, e as estrellas, fulgidos pyrilampos da campina azul do firmamento, expargem sua luz bruxoleante e tremula por sobre a terra adormecida em um sonho de magia e de encanto, como uma fada ao luar; nessas horas mortas e vagarosas como os annos do exilio que resumem um infinito de amargura e de saudade para os tristes orphãos de patria — os desterrados, é doce meditar, a sós, perante a natureza que n'um lethargo sublime parece sonhar com o Creator, e cujas vozes sentidas as auras perfumosas, mensageiras louçans, conduzem até sua mansão divina.

Não, a noite não foi feita só para dormir!

Que importa que o burguez honesto e laborioso aproveite-a para o somno que deve restaurar-lhe as forças para os afanosos lazeres do dia seguinte?!...

—A noite é noiva do sonho—e o poeta é um eterno sonhador.

Para as almas positivas a noite é a hora do des-

canço, para os salteadores é a protectora do crime, para os amantes é a hora das effusões do coração, das expansões e dos devaneios ardentes.

Amo-te, pois, ó noite, doce filha da tristeza!

Em teu seio luctulento eu desfolho as pallidas flores de minha alma, e derramo os meigos prantos da saudade!

* * *

E a noite vae calma e silente!

Vem! pallida hetaira, é a voz do meu coração que te invoca!

Mariposa do amor, quero abraçar-me ainda uma vez no vivido fogo de tua alma. Quero beber-te dos labios perfumados jorros de inspirações; quero embriagar-me no aroma de teus seios palpitantes, alvos, como dous montes de neve, cuja pontinha rosada parece o sol a levantar-se d'entre os limbos do levante.

Aqui, longe de ti, n'esta longa noite de saudade, console-me ao menos a lembrança dessas horas de amor e de prazer em que eu soluçava a teus pés as notas da paixão, devorando de beijos essas mãosinhas de jaspe, a contemplar-te prostrada e semi-núa o labio descorado, os olhos languorosos, orlados de um rôxo-violeta a destacar-se do pallôr das faces, alvas como o marmore.

Vem, pallida hetaira!

Amo-te com todo ardor de meus vinte annos!

Nasci sob um céu de fogo, os affectos de minha alma tem a immensidade dessa cordilheira dos Andes, titans de granito que parecem escalar o

firmamento, tem a impetuosidade de nossos rios caudalosos, de nossas cascatas gigantes!

Para esses que nasceram além... por entre os gelos do norte, que têm a alma de neve e o coração envolto n'um sudario de brumas, o amor é uma adoração, immaculada e pura, com os brancos nenuphares que se debruçam á beira do lago placido e azulado, mystico e contemplativo como uma estrophe de Ossian, o bardo gaelico.

Para nós, porém, tem o calor abrazador dos tropicos, é ardente e luxurioso como toda essa vegetação que se ostenta em nossos prados exuberantes, como toda essa seiva de nossa natureza americana, é mais um delirio, uma tempestade, do que um extasis.

E' assim que eu te amo!

* * *

Amo-te!

Exorna-te a fronte augusta uma triplice corôa de realeza:

—A belleza de tuas fórmulas correctas, magestosas, traz-nos á memoria aquella cohorte de divindades pagans, que o genio artistico dos hellenos esculpira no marmore;

—Teu coração encerra um thesouro de ternuras. Tens uma alma que é toda sentimento e amor. A mulher, que não sente, que não ama, é como o diamante por lapidar, porque a missão della na terra é o amor, origem fecunda de todas as grandezas, de todos os heroismos que consigna a historia, a grande Biblia dos povos! E tu és carinhosa, como uma

creança, meiga como a rôla, amorosa como a côrça e sensível como a propria sensitiva ;

—Em teu cerebro grandioso convulsiona a idéa, luminosa, imperecedoura como o proprio Deus que nol-a dá.

Um povo inteiro prosta-se a teus pés e rende homenagem a teu genio !

Como outr'ora a atheniense amante de Pericles, acercando-se daquella tribuna modelo, distillava dos labios rosados licções apaixonadas, que a mocidade e a velhice promiscuamente bebiam com avidéz, tu, das taboas illuminadas do proscenio, completas e aperfeiçôas a educação de una nação inteira, por que o theatro é tambem uma eschola, é tambem uma tribuna.

Exorna-te a fronte augusta uma triplíce corôa de realéza: a formosura, o coração e o espirito !

* * *

E as turbas seguiam apoz ti !

Cercada de esplendores como uma constellação de satellites, assentavas-te n'um throno de corações, embalsamado por nuvens de incenso que subiam em espiraes até os céus, tua patria !

Mas ahí mesmo, nessas altas regiões em que te achavas collocada, um dia percebeste um olhar apaixonado que te acompanhava por toda a parte, uma sombra de moço que pairava sempre a teu lado, quasi a sumir-se para não ser vista por ninguém.

Tiveste compaixão daquella alma juvenil tão cheia de futuro e de esperança, que se curvára

aos teus encantos ; tiveste bastante coração para não entregal-a ao desespero e quem sabe si á morte ? !...

Então, nos momentos mais solemnes da tua vida gloriosa, nesses momentos em que parecias tudo esquecer só para lembrares-te do teu triumpho, quem te observasse ver-te-ia lançar um olhar inundado de ternura ao triste sonhador, que apertava o coração, cujas fibras pareciam estallar uma por uma, de tão forte que era o abalo e a commoção que sentia !

Ao depois, não é verdade que o amaste deveras ?

Abandonavas o mundo, o teu immenso cortejo de adoradores, e vinhas todos os dias, ao menos uma hora, as feições cobertas por um véu, furtiva e como que a medo, ao retiro solitario, á casinha isolada e pittoresca onde elle te esperava impaciente, para sósinhos, nos braços um do outro, viverem a vida do amor, e abrindo o coração, cujos extremos irrompiam como as lavas de um vulcão, n'um diluvio de beijos, fervidos, delirantes, sorver a ventura de toda una eternidade !

Como passavam depressa essas horas de enlevo e de volupia ? !...

Lembras-te ?

Entravas suspeitosa e timida, fechando a porta sobre ti. Eu recebia-te em meus braços e colhia-te dos labios o primeiro beijo: tanto bastava para compensar tua demora e os momentos anciosos que eu passára a tua espera !

Assentavas-te, e eu, de joelhos, cingindo-te a cintura, cravava os olhos nos teus, limpídos, suaves, como um firmamento sem nuvens, n'um extasis de amor que eu mesmo não sei por quanto tempo du-

rava. Depois descalçava-te a botinha e cobria de beijos teus pésinhos brancos, alvos e tão transparentes que eu divisava-lhes as veias azuladas. Teus cabellos negros, abundantes, rolavam então pelas espaduas macias e avelludadas, rasgavam-se os derradeiros véus que te occultavam as fórmas primorosas, e meus lábios, calcinados pela febre do desejo, iam pousar sedentos em teu callido seio que arfava descompassado, e contra o qual, com os olhos humidos e desvairados, tu apertavas minha cabeça ardente e desgrenhada.

Ao depois, teus braços descalhiam, uma pallidez de morte se espalhava em teu semblante, e languida, agonizante, tombavas para traz a estrebuxar n'um derradeiro espasmo de gozo.

Oh! ainda um destes instantes de allucinação e de insania, e ao depois a morte que me fulmine, porque eu morreria feliz levando ainda nos lábios o nectar doçoroso dos teus, sentindo ainda o contacto de tuas carnes opulentas, de tuas fórmas de estatua!

*
*
*

E a noite vae calma e silente!

As estrellas scintillam no céu os vagalumes tremulam na campina e os fogos fatuos á beira dos sepulchros!

Foste tu, rainha da treva, doce filha da tristeza, que me inspiraste este canto de amor!

E tu, minha doce amante, acolhe em teu seio de neve estas phrases estioladas, tristes e mornos reflexos da luz deste amor que ainda vive, e que é ao mesmo tempo a minha felicidade e a minha desgraça!

NECROLOGIO DE UM...

A morte é um espectáculo commum.

Na peleja da vida, a humanidade nem sequer percebe a falta dos combatentes que vão ficando no campo da batalha.

Morra quem morrer, o sol não deixa por isso de surgir, os passaros de cantar, nem a terra de seguir na sua rotação. Ninguem se priva de dormir, vestir-se, trabalhar, ir á opera ou ao circo.

Nada, pois, se altera!

E' por isso que *elle* morreu e muito pouca gente talvez saiba de tal!

No entanto, quero fazer constar.

Não posso partilhar da fria indiferença que votou-lhe o mundo.

Para aquelles que o esqueceram, quero fazel-o lembrado, e, para quem nem ao menos o conheceu, lastimado sequer.

Chama-se a isto fazer um necrologio.

Foi um bom cidadão, nunca offendeu á moral e aos bons costumes, como se póde vêr da sua folha corrida, e por consequencia merece.

E dahi, custa tão pouco!

O seu enterro não fez jus á guarda de honra, nem ás descargas do estylo; não teve carro de primeira classe nem acompanhamento luzidio; as repartições publicas não se fecharam, nem tão pouco

os navios surtos no porto deitaram bandeira a meio páu.

E' justo que tenha ao menos um elogio funebre.

Dous traços biographicos ligeirissimos não dão trabalho algum e vão dar no outro mundo summo prazer ao pobre diabo, que partiu-se dentre nós tão bruscamente como apparecera, seja dito isto em honra da verdade.

Exaltar os vivos, decantar-lhes as virtudes, nem sempre é má especulação; mas debruçar-se á beira de um tumulo abandonado para depor um goivo, quando ao cadaver que alli jaz nem sequer a gente lhe pôde achar um primo em terceiro gráu que tenha alguma coisa, é pura caridade!

Presto, pois, um serviço desinteressado.

O unico proveito, que me seria dado esperar, era a gloria pelo merito deste escripto; mas, desde já confesso, não estou resolvido a mentir para fazer effeito, elevando em phrase guindada e sublimada os actos do *finado*.

Faço apenas uma simples narração, breve, mas verdadeira, precisa e sem pretensões.

* * *

Tomemol-o desde o berço:

Nasceu na *Bohemia*, especie de colonia para onde emigram todos os mendigos do ideal.

Era filho de paes incognitos. Sua mãe não era

livre. Nunca pôde ser perfilhado, porque nasceu de um adulterio.

Em vida sempre o acompanhava o desgosto pelo crime que lhe dera origem.

Para quem tem aspirações é sempre um martyrio não poder apresentar á luz da opinião o nome dos auctores de seus dias.

Comtudo o seu berço foi rodeado de mimos e attentões.

Teve por ama de leite uma tal senhora *Chimera* e seus amigos de infancia mais predilectos foram o *Sonho* e o *Deleite*, amaveis companhias na verdade.

Quando nasceram-lhe os dentes, comia angú de beijos, pasteisinhos de carinhos, abraços e algumas vezes beliscões, alimentos que não obstante serem leves, em virtude de excessos, produziram-lhe algumas indigestões.

Emfim, todos os caprichos pueris que lhe passavam pela mente eram promptamente satisfeitos.

Assim deslizou-se-lhe a infancia.

* * *

Chegado á puberdade, resentiu-se dos vicios da educação que recebera.

Dada a causa, produzem-se os effeitos.

Vontade imperiosa, não tolerava um só obstaculo aos seus designios; no desenvolvimento de sua actividade não respeitava a esphera dos direitos de outrem. Levava tudo de vencida pelo prestigio de sua força physica e moral.

Por outro lado: character generoso e magnani-

mo, perdoava e redimia as culpas; natureza leal e devotada, nunca soube o que foi a traição e a perfidia.

O maior culto, que em sua vida tributou, foi ao bello. Alma de atheniense, era idolatra de Venus; discipulo de Epicuro, tinha o sybaritismo de um pachá.

A sua primeira paixão foi por uma creança alva, formosa, afilada. Chamava-se a *mãosinha*.

Era um amor platónico; não cessava de a contemplar. Em breve, porém, abandonou-a pelas intrigas de um seu irmão, o *pésinho*, creança travessa e indiscreta que levava a mal as relações delles.

Passou-se então para a *bocca*, uma belleza de outro genero. Foi essa uma paixão vulcanica. Juncto della estava no paraíso, ao tocal-a sentia-se em delirio e parecia transportado ao céu nos espasmos de um goso inefavel.

Mas como tudo passa, um dia esqueceu-a pela *espadua*, cujas fórmas opulentas, polidas, prometiam um mundo de volupia.

Ao depois, amou a *fronte*, cujo fulgor, cuja irradiação parecia descida do céu para coroal-a em sua nobre altivez, e successivamente a *cabeça*, vassada nos moldes da arte grega, a *cintura* vaporosa, a *face* pallida e macia, enfim todas as bellezas que ia pouco a pouco encontrando.

Assim, teve uma mocidade tempestuosa, prehe de sentimentos e sensações, coroada de glorias e successos.

Sorria-lhe a ventura a cada canto, acenava-lhe o futuro com as mãos cheias de promessas.

Dir-se-ia um semi deus. Os triumphos choviam.

Cada palavra sua era acolhida e decorada como uma reliquia, cada pensamento um raio de luz, cada olhar um manancial de commoções.

Tudo se lhe rendia, não haviam portas, não haviam barreiras a oppor-lhe.

Senhor absoluto, adivinhavam-lhe as leis, as prescripções.

Alexandre, Cesar, Napoleão, a seu lado, eram uns caturras, cujo poder tinha sido uma irrisão.

* * *

O peor é que a decadencia não se fez esperar. Fatidica ordem de coisas!

Viver muito em pouco tempo, importa envelhecer mais cedo. Cada ser tem a sua missão a realisar na terra.

Aquelle que a cumpre mais depressa, mais depressa volta á mansão de onde partiu.

Quem corre, cança.—Elle cançou!

A' força succedeu a impotencia.

Neste ultimo periodo de sua vida pagou com usura tudo quanto gosou.

Assistiu murchar uma por uma todas as suas illusões, desabar pedra por pedra o palacio magestoso da gloria que construiu para servir de tabernaculo ás tradições immorredouras, ás tradições saudosas de uma existencia dourada, para servir-lhe de abrigo á velhice!

Foi então que apoderou-se de uma hypocondria fatal.

A saude deteriorava-se-lhe visivelmente. Come

çaram de consumil-o uns achaques terríveis, os *ciimes*, que tornavam-no rude, insaciavel.

Isolava-se de todo o mundo e enterrado no fundo de uma cama só tolerava a companhia de uma velha caduca, chamada *Esperança*.

Abraçado com ella chorava horas inteiras, recordando-se do passado e confrontando-o com o presente.

Passava em revista um por um todos os episodios de sua vida e examinava com attenção aturada todos os seus papeis, documentos, titulos honorificos, medalhas, presentes, todos os attestados enfim, outras tantas reliquias que beijava com effusão sobre cada uma dellas rememorando um episodio ou uma particularidade de sua entrega, e humedecendo-as com as lagrymas de seus olhos.

A lenda de seus martyrios não é menos vasta que a das suas felicidades.

Soffreu muito tambem !

Ultimamente até a macrobia *Esperança* abandonára-o.

Emquanto pôde sair, ia se arrastando e no caminho a misericordia atirava indifferente um *affago* para a sustentação do mendigo.

Finalmente um dia revoltou-se-lhe o orgulho e *elle* deixou-se morrer á fome.

Tinha tres annos de idade.

Nascido de um crime, morreu por outro crime.
O filho do adulterio acabou pelo suicidio.
Sic transit gloria mundi !

* * *

Eis, nestas poucas palavras, a sua vida e a sua morte. Oxalá possam as suas cinzas offerecer uma licção fecunda e um exemplo aproveitavel áquelles que ficam, ensinando-lhes que tudo é transitorio nesta vida, que nada ha duradouro e eterno, porque o tempo tudo consome, dissipa e aniquila.

Hoje descança *elle* em meio do silencio e das revas do jazigo.

As grandezas humanas não vieram em procissão á sua derradeira morada derramar lagrymas hypocritas, nem perturbar-lhe o somno com as louvaminhas costumeiras.

Não perceberam-lhe a ausencia !

Esquecido, ao menos não será calumniado o seu nome, nem cuspidá a sua memoria.

Foi bom assim !

A terra lhe seja leve.

N. B.—Esquecia-me dizer que seu paç era um estudante e sua mãe uma actriz.

A ESTATUA DE CARNE

A estatua de carne é a historia de um desses desgraçados que, tendo estragado toda a mocidade em luctas enervadoras e estereis, acham-se um dia com o espirito embotado e o coração vasio de sentimentos, reduzidos a cadaver, sem fé, sem creanças, sem illusões, emfim sem nenhuma dessas chimeras luminosas que constituem como que a poesia da existencia, a vida da propria vida.

Depois de ter procurado a felicidade nos prazeres ruidosos, nos amores faceis, onde a acção dos sentidos suffoca os sentimentos grandiosos e embrutece a intelligencia; nos bordeis, sobre a mesa das orgias manchada pelos vinhos, no seio das bargans, no tapete esverdeado das mezas de jogo; depois de cansado e polluido até a medula dos ossos; o vacuo na alma, a cabeça despovoada, a solidão, o silencio e a mudez no coração; quando o tedio — esse phantasma lugubre e sinistro, começava de envolvê-lo no seu manto escuro como a noite que se fazia então em redor d'elle, o conde Paulo de Santa Rosa encontrou um dia uma menina, uma pobre costureira, simples e modesta, laboriosa e cheia de virtudes, assim uma florsinha agreste, nascida no ermo dos rochedos, isolada e sem cultor, uma dessas creaturinhas que parecem ter tudo do céu e nada da terra.

Ao contacto dessa creança como que se sentiu renascer, despertarem-se-lhe todos os sentimentos

sopitados pela sensualidade, pelo goso estúpido da materia.

Para se fazer amado por ella, sem para isso influir ou a sua posição, ou o seu nome, ou a sua fortuna, despiu-se de todos os titulos e ouropeis, e apresentou-se-lhe como um simples artista, um desses ilotas da sociedade moderna, mendigos do pão e millionarios do talento, filhos do bello e da luz, exilados sobre a terra, que lhes serve de madrastra.

Compleição delicada, temperamento lymphatico, anemica, a debil menina ia definhando pouco a pouco pela assiduidade no trabalho, indispensavel á sua manutenção.

Aquella paixão tão grande para se conter n'um coração de creança, aquelle affecto ardente, vivo, intenso, vehemente, e demais os rigores da estação, o máu agasalho pouco confortavel, a falta de commodos, — tudo contribue para a morte daquella aversinha friorenta a quem o sol da juventude não pôde aquecer ao menos.

O conde offerece toda a sua fortuna a quem conseguir salvar-a; mas é tarde.

Então, depois de vê-la expirar em seus braços, cheio de pesar e de remorso, porque o algoz daquella existencia fragil e melindrosa, daquella andorinha para quem não soube fazer o verão, daquella pobresinha a quem sacr ficou por uma desconfiança brutal, podendo collocar-a acima de todas as privações, de todas as necessidades, de todos os dissabores, delibera partir para uma longa viagem, em degredo voluntario, jurando a si mesmo manter-se eternamente fiel á memoria daquelle amor.

Uma carta, porém, de um amigo, seu procura-

dor, chama-o algum tempo depois para admirar um verdadeiro phenomeno: sem mais nem menos a resurreição da carne.

Effectivamente Noemia é a photographia viva e animada da fallecida Maria. Mas tão profundo é o contraste na alma quão profunda é a similhaça no corpo.

Noemia é uma dessas filhas da Bohemia galante, athéas da virtude, bufarinheiras do corpo.

Filha de Epicuro, a sua moral é a do prazer; a crapula e a devassidão o seu elemento. Tem a belleza fascinadora e attrahente dos abysmos; nas tranças um perfume aphrodisiaco, nos seios o aroma da mancenilha, cuja sombra adormece, embriaga e finalmente mata; um mixto de luz e sombra; nos olhos o clarão dos fogos fatuos — as lanternas furtivas da cidade dos mortos; nos labios, perys-tillo de fogo daquella alma satanica, como que se entrevê o terrivel distico do inferno: “Lasciate ogni speranza, oh! voi qu’entrare!”

Tem tambem uma canção como Marcô:

*Voglie con passo rapido
E colle bende in testa
Correre d'orgia in orgia,
Balzar di festa in festa!
Sognar la notte i cantici
E lo splendor del di!
—Ecco così vo vivere,
E vo morir così!*

Encontram-se n'um baile de mascaras, ella e o conde. Ao vê-la, este a toma por Maria, tal é a similhaça.

Sobrevem-lhe uma idéa original. Contractal-a, alugal-a como um movel qualquer, fazel-a habitar o pardieiro da outra, vestir-se como ella e sujeitar-se ao papel de estatua, prestar-se ao capricho extravagante daquella sublime mysantrophia.

Representar a comedia do amor é facillimo para Noemia, mórmente em troca de dinheiro, muito dinheiro. São duas horas apenas durante o dia, e no resto do tempo plena liberdade.

Mas aquella posição original de uma mulher bella e vaidosa em face do inflexivel adorador de uma campa; aquelle character nobre, aquelle rosto pallido, anuviado e ao mesmo tempo resignado e sereno como as leves sombras do crepusculo, em contraposição á sua expansibilidade e desenvoltura de cortezan; e o despeito, o assombro ou admiração que lhe produz aquelle amor de além-tumulo, a ella que não acredita no amor pelos vivos quanto mais pelos mortos; aquelle stoicismo, aquella excentricidade— tudo contribue para deslumbrar-lhe o espirito, seduzir-lhe a phantasia e dominar-lhe o coração. Dahi uma paixão enorme, infrene, irresistivel e fatal.

O drama consiste nessa lucta terrivel entre o implacavel amante de uma morta e a prostituta, nova Magdalena, purificada na caudal do amor, a mendigar uma palavra de affecto para sua alma sedenta, devorada pelo ciume de uma caveira, supplice, de rastos a implorar misericordia, a chorar essas lagrymas que queimam como ferro em braza, que são o transumpto de uma dôr immensa, profunda como os arcanos do infinito; essas lagrymas que for-

nam como que a constellação esplendida do martyrio e illuminam os frontaes do templo da redempção!

Foi personificando esse anjo da prostituição, na phrase de Alvares de Azevedo, que apresentou-se-nos pela segunda vez a actriz Ismenia.

Desde o prologo, aquella morte lenta e dolorosa da pobre Maria, aquella existencia quebrada em plena floração, prestes a partir para o céu e preza á terra pelo amor de Octavio—o gravador, toda aquella agonia da phytica, fielmente executada segundo as leis da arte e da sciencia: no primeiro acto, aquella enorme metamorphose, a perdida em pleno reinado, por throno a mesa do banquete e a amphora por sceptro; o alardo do cynismo e da impudencia, e finalmente o cancan desenfreado, torpe e obsceno: no segundo acto, talvez o mais difficil, por causa daquella transição instantanea, alli, á vista do espectador, a principio o ar de mofa. o ridiculo, a ironia e o sarcasmo atirados com todo o displante sobre os actos e as palavras mais sagradas, e ao depois, pouco a pouco, os primeiros germens da paixão a revelar-se, a impressão profunda que lhe produz aquella linguagem desconhecida, finalmente a explosão da ultima scena: no terceiro acto, a declaração apaixonada, aquella confissão de uma alma angustiada, a esperanza que transluz quando o conde se commove ao ouvil-a; ao depois o desengano, a revolta, o delirio, o desespero, a allucinação quando se despedaça, e precipita-se de novo no turbilhão infernal, nos braços das companheiras de devassidão: no quarto acto, quando dá-se o desafio, a alegria a irradiar-lhe da phisionomia, debulhada em

lagrymas, ajoelhada aos pés do conde, novamente frio e impassivel: no quinto acto, finalmente, aquella contrição, o sublime arrependimento, a oração no tumulo, a supplica para ser enterrada naquelle mesmo logar—tudo, absolutamente tudo, a grande actriz exprimiu mais do que com arte e correção, com inspiração, que não é resultado do estudo, mas privilegio do genio.

O sr Eugenio de Magalhães, no conde Paulo de Santa Rosa, acabou de fundar a merecida reputação de artista intelligente e de esplendoroso futuro.

Aquelle perfil semi-phantastico, incomprehensivel, soube interpretal-o com toda a verdade o artista.

Attrahido por aquella mulher, amando-lhe a figura, desprezando-lhe a alma; amando-a talvez, porém sempre resistindo para guardar fidelidade a uma defunta, succumbindo ao ver-lhe as culpas expiadas e a sinceridade do arrependimento, aquelle homem-mysterio encontrou uma personificação no joven actor, que, luctando com as incoherencias e subtilezas daquelle aborto da imaginação do escriptor italiano, soube comtudo tornal-o verosimil.

O advogado estroina, Luciano David, confiado ao sr Monclar, devia ser feito com mais vida, mais animação; todavia não foi sacrificado, porque, posto que deslocado, o sr Monclar houve-se com discrição.

O resto dos personagens' figurou apresentavelmente no segundo plano.

A *Estatua de carne* veio incontestavelmente con-

firmar e aperfeiçoar os juizos feitos sobre a companhia dramatica.

A actriz Ismenia parece estar de má fé com o nosso publico. Dir-se-ia que vae pouco a pouco se deixando conhecer e admirar. Depois da *Morgadilha*, onde é esplendida, a *Estatua*, onde se torna inexcedivel.

Naquelle vasto e magnifico repertorio quantos thesouros haverá escondidos?

Aquelle acervo de concepções representa toda uma vida artistica, e cada um daquelles papeis é talvez uma gemma preciosa da corôa da insigne actriz brasileira.

Figuras de theatro, personagens imaginarias sonhadas pelos poetas no remanso dos gabinetes de trabalho, que achaes corpo e realidade nos filhos de Thalia, mente quem diz que a vossa vida é ephemera, que é a vida de uma noite nas taboas illuminadas do proscenio! Sois immortaes como os vultos da historia e os seculos que passam dizem sempre aos que succedem: — Dae passagem, abri fileiras; é Prometheu, é Hamleto, é Antony que passa!

Felizes os cultores da arte que sabem dar realidade a esses filhos do ideal.

UM AMOR PHILOSOPHO

(*Romance microscopico*)

Eram dois: ella e elle.

Ella era costureira.

Quanto á belleza nada ficava devendo á poetica Mimi, amante de Rodolpho, o bohemio de Henri Murger.

Teria vinte annos.

Os cabellos mais pretos que *nankim*, os olhos mais travessos que dous moleques capoeiras á frente de uma banda de musica.

Só trabalhava cantando.

Passava os dias na loja e as noites em casa delle.

*

Elle era estudante.

Si estudava, não sei; mas era um estudante.

Pequena era a mezada, e ella, a costureira, gostava tanto de confeitos, que muito a desfalcava.

A casinha onde moravam era de dimensões aca-nhadas.

Uma sala, um quartinho, uma cosinha. Havia uma só cama, cuja unica virtude era não ser lá muito estreita.

*

Viram-se e amaram-se.

Ella não aspirava ser baroneza, nem tão pouco usar luvas de pellica e andar de carruagem.

Não tinha pae, nem mãe, nem parentes carnaes ou por affinidade.

Elle gostava das virtudes faceis, e o seu ideal era possuir uma amante bonita, mas economica, devotada, mas que não fosse romantica.

Odiava o casamento, porque como republicano não admittia os poderes perpetuos, e, o que é mais, irresponsaveis.

Encontraram-se um dia.

Olharam-se.

Fallaram-se.

Entenderam-se.

*

Era uma vida de rosas.

No inverno, deitavam-se cedo; no verão, jogavam a bisca de nove para fazer horas de dormir.

Ella não lhe jurava paixão, nem elle a apontava com ciumes.

Quando elle não a beijava, ella, em vez de suspirar, cantava.

Foi-lhe sempre fiel; não obstante, nunca o havia promettido.

*

A's vezes, alta noite, saiam ambos de braço dado.

Durante o tal passeio não fallavam siquer de poesia.

Ella não contemplava a lua, nem elle respirava as auras perfumosas.

Riam. Conversavam. Depois voltavam para casa.

Ella por ventura um tanto mais travessa, elle por desgraça um tanto mais condescendente.

Si dormiam logo, ou si velavam ainda mais um pouco, não sei.

*

Os dias, passavam-os separados.

Ella na loja da modista, elle na Academia, ou então passeando.

Por acaso elle passava pela loja, mas em algumas occasiões tão distrahido que a não via ao balcão.

Ella, por seu lado, muita vez não o via passar, nem mesmo estando á porta.

*

Por exemplo:

Ella tinha um capricho, mas elle não cedia. Mais tarde elle chegava-se e ia então beijal-a; ella occultava o labio e oppunha resistencia.

Vingavam-se; mas isso sem ruído, nem scenas de tragedia.

*

Brigaram uma vez.

Havia uma sabbatina.

Elle estudava com afinco.

Ella, vendo-se sosinha, começou a cantar uma modinha.

Elle pediu-lhe que se calasse, ella pediu-lhe que fechasse os livros. Elle impoz, ella impoz. Nem elle estudou mais, nem ella cantou mais. Arrufaram-se; mas no dia seguinte estavam bem.

E' que a noite é a hora da paz entre os dous sexos.

*

Um dia não havia dinheiro para pagar a casa.
Ella, coitadinha! fez o sacrificio dos confeitos,
durante o mez inteiro!

Elle, em paga, não sabem o que fez?
Levou a deitar-se mais cedo que o costume, á
em hora que as gallinhas recolhem-se ao poleiro!

*

Elle nunca fez-lhe versos.
Ella nunca leu romances. Não teve occasião de
lhe dizer qual foi o seu primeiro anante, e jámais
regateou-lhe os seus encantos.

Entregava-se sem reservas, nem pudores hypo-
critas.

Elle nunca lhe disse de que era formado o seu
ideal, e nunca lhe communicou as apprehensões
pelo futuro, talvez por que não pensasse nelle.

*

—Oh! vieste hoje mais tarde?!
—As tuas saudades te enganam; nunca cheguei
mais cedo.
—Vem dar-me um beijo.
—Espera. Vou despir-me e volto já para con-
versarmos. Trabalhei tanto!
—Pois sim...
Este era, pouco mais ou menos, o invariavel
dialogo á chegada.

Parte da noite passavam n'uma prosa descuidosa
e alegre ou jogando.

*

—Adeus, dorminhoco!
—He... in...
—São quasi oito horas; nem tive tempo de ves-
tir-me direito. Adeus.
—Espera um pouco... Estás hoje tão pallida!
—De quem é a culpa? Ora... deixe-me. Não
quero seus beijos; ate logo.
—Má...
—Tome sentido. Não vá dar ponto.
E na manhan seguinte repetia-se a mesma scena
com pequenas alterações.

*

De repente elle caiu doente.
Uma febre, ou outra qualquer coisa. O medico
receitou.

Ella não se lembrou de chorar, nem fez promes-
sas aos sanctos pelo seu restabelecimento.
Sómente por prudencia, foi dormir em cima de
um bahú, durante todo o tempo da molestia e até da
convalescença.

Elle reclamou; ella, porém, não ceder.
Foi espartana.

*

Finalmente.
Aproximavam-se os actos.

Elle viu que era impossivel estudar com ella alli. Procura, pois, um pretexto, e descobre-o. Por isso repudia-a.

Ella tudo comprehende, mas retira-se, discreta, e vae morar com as companheiras em casa da modista.

Elle volta depois da approvação. Pede-lhe perdão. Reconciliam-se. Ella não revela um só ressentimento, nem se arvora em victima da ingratição.

Abraça-o calmamente e volta para casa.

*

Pouco dura a ventura. E' tempo de ferias. Elle tem de partir, voltar ao lar paterno. Ella nem choraminga. Chega o momento doloroso. Ao separarem-se, elle dá-lhe um beijo na testa.

Ella deixa escapar uma lagryma indiscreta; mas elle estava fumando, foi talvez por causa da fumaça do charuto!

*

Assim se separaram.

Elle esqueceu-se da chave do relógio; mas em compensação levou o dedal della que na vespéra, gracejando, occultára no bolso do collete.

Si um dia se encontrarem, talvez se reconheçam, si a chave que ella tem couber no relógio delle ou si o dedal couber no dedo della.

FERVET OPUS

No seio de todas as nações ha sempre como que uma legião sagrada, a quem são confiadas as gloriosas tradições da patria, e que tracta de perpetua-las, de reproduzil-as e engrandecel-as atravez dos tempos.

Essa nova tribu de Levi, eleita para a guarda do tabernaculo da liberdade, é a mocidade.

Illuminada aos vividos clarões do futuro, a resumbrar das crenças virgens dos enthusiasmos delirantes e férvidos que constituem verdadeiramente a sua propria essencia e que são como que os reflexos explendentes de Deus, gravados na alma humana—novo firmamento onde as idéas e os sentimentos são outras tantas constellações, outros tantos mundos de luz e de harmonias; ella tem por attributo a immortalidade, e por aspiração a gloria, que é a Chanaan dos seus sonhos a sorrir-lhe para além dos quarenta annos do deserto.

Surge do remanso das bibliothecas, dos dominios do livro e da sciencia, dessa Cornelia fecunda que se chama— a Academia, mãe sublime de uma geração inteira de Gracchos, a renovar-se perpetuamente com o volitar das éras.

Chama-se então Alvares de Azevedo, o Byron americano, a luminosa cabeça tão cedo fulminada onde convulsionavam n'uma incoherencia sublime todas as divinas aspirações a par dos grandes

transviamentos suscitados na febre lancinante do genio; Alvares de Azevedo, o bardo cuja morte prematura foi um roubo da fatalidade ao futuro do paiz.

Chama-se Varella, o cantor inspirado da nossa natureza, o sabiá brasileiro, cuja vida foi um poema inteiro de desditas; maldicto, odiado, perseguido, e sempre a cantar, transformando as lagrymas em strophes; e o poeta-musico cujo tumulo não ha muito abriu-se, para condemnal-o á eterna mudez, envolvendo na treva uma existencia que era toda luz.

Chama-se Castro Alves, o condor que, librado nas azas possantes de uma imaginação verdadeiramente hugoana, eleva-se, em magestosos arroubos, aos páramos infinitos, encara o sol e as estrellas, cuja luz brilhante um dia por fatalidade elle devia trocar pelo brilho fugaz de um pyrilampo; Castro Alves, o viajor incauto, o peregrino do ideal que adormeceu á sombra da mancenilha, e como o heroe da lenda judaica foi lentamente assassinado por aquella nova Dalila.

Chama-se finalmente Martim Cabral, a palavra ungida, Oliveira Bello, o orador inspirado, cujas vozes ainda retumbam em nossa tribuna...

* * *

São esses os vultos de um passado que morreu, mas cada um desses nomes representa uma tradição que é a columna de fogo que illumina o caminho á geração contemporanea.

Somos os herdeiros de suas glorias; era preciso pois que soubessemos honral-as.

Cumpria-nos não desmentir todo um passado, não desrespeitar aquellas memorias sagradas, ser dignos da herança de nossos maiores, não destruir nem tão pouco deslustrar o brilho de seus feitos.

Houve, porém, um tempo em que fomos indignos da successão que nos foi confiada, em que re-negamos da missão apostolica com que fomos investidos. A mocidade sempre ardente e bolicosa, expansiva, cheia de deslumbramentos e utopias, dir-se-ia que tinha morrido. Acabrunhada, nem se lhe ouviam os gemidos e soluços.

O bando de andorinhas, emigradas do seio da familia, em sua peregrinação por estes climas, no paiz da sciencia, era silencioso, mudo e triste.

Como os cysnes do Eurotas deslizavam mansamente na corrente do tempo, tão serenos, que nem siquer os percebiamos, alvos e silentes, sem desferir uma nota...

Mas isso não podia durar por muito tempo, e hoje a mocidade desperta do somno criminoso em que jazia.

O quadro é outro.

Os poetas travam das lyras e entoam seus hymnos cheios de fé, cuja melodia se desata pelos ares.

As tribunas repetem os echos vibrantes da palavra entusiastica dos oradores e estão como que aureoladas pela luz de tantas idéas.

As aassociações são outros tantos vergeis, onde desabrocham os fructos do pensamento e as flôres da imaginação.

A imprensa é o vasto estadio, onde se debatem todos os principios da philosophia, da arte, da religião, do direito, da sciencia emfim.

Por toda a parte a festa, o ruido, a lucta, a vida, o movimento.

Poetas de todas as escholae, clubs de todos os matizes, oradores de todos os generos, jornaes de todos os credos.

Verdadeiro *ferret opus* em que a mocidade se ensaia para as campanhas da vida politica e social, porque ella é a leva do futuro.

* * *

Bemdicta seja, pois, esta renascença que é um preparativo necessario; porque um dia... hemos de transpôr o limiar deste gyneceu, cingir a toga viril dos mancebos romanos e assomar na praça publica pugnando pela justiça e pela liberdade.

E com que ancia esperamos por esse dia ?!

No entanto, quando elle chegar... não mais esta vida descuidosa e alegre, tão cheia de lucidas chimeras, de rissonhas esperanças, de sonhos côr de rosa, da propria côr da phantasia. Ai dos castellos edificados sobre a areia dourada e movediça das primeiras illusões, com paredes de vidro, transparentes e crystallinas cumieiras de espuma e de neblina, que se abatem ao sol implacavel da realidade, que se desmoronam ao sôpro rijo das desventuras!

Risos francos e sonoros, episodios alegres e festivos, garrulices de creança, devaneios ardentes, grandiosos ideaes, projectos de futuro, tudo vae

naufragar no oceano agitado da vida publica, cujas ondas revoltas disputam-nos até a honra e o brio...

O scenario torna-se mais vasto, a esphera das actividades se alarga tanto, tanto, que nos perdemos de vista uns dos outros.

Nem ao menos restar-nos-á a doce convivencia, a intimidade familiar que hoje nos congrega a todos, que nos unifica a ponto de rirmos os mesmos risos, de sentirmos os mesmos sentimentos, de sonharmos os mesmos sonhos, de vivermos emfim a mesma vida, reciprocamente confiante, atados uns aos outros pelos laços fraternaes do espirito de classe, que é o sublime traço de união entre nós todos, que é a ponte lançada sobre todos os abysmos que nos cavam as nossas opiniões politicas e individuaes !...

IV

CRITICA

CRITICA

O ROMANCE

O romance é o genero de litteratura que mais se adapta aos nossos tempos, que mais se coaduna com as suas tendencias.

Quasi completamente desconhecido nos seculos anteriores, começou modernamente de propagar-se, tomando tal incremento que tornou-se o genero predilecto de composições, e incontestavelmente o que mais se tem popularizado em nossos tempos.

Cogitando de todos os problemas politicos, philosophicos, pathologicos; comprehendendo indifferente e alternativamente o individuo e a sociedade, reflectindo, photographando os seus pensamentos, sentimentos e costumes, o romance, sob uma fórma ligeira, traduz fielmente o movimento e o espirito do seculo; comporta em suas paginas leves e fugidias a vida de cada dia, a vida do individuo, da familia,—traços psychologicos, moraes; e simultaneamente a vida social, industrial, economica, — vasta arena onde se empenham e se debatem todas as actividades na conquista do progresso e da civilisação.

E' o filho legitimo dos nossos tempos em que a diffusão dos conhecimentos pelas massas populares, tem-n'as levado a praticar acto de vida, adquirindo a consciencia de sua propria soberania, agindo por inspiração propria, emancipando-se da tutella que lhes era imposta até então.

As artes, as letras, as sciencias, que eram apenas cultivadas por um numero limitado de individuos, por certos e determinados grupos, hoje estão mais ou menos propagadas até as mais infimas classes e o nivel da instrucção popular, já pelo descobrimento da imprensa e outros muitos, já pela fatalidade da evolução progressiva, subiu consideravelmente.

Este facto torna-se perfeitamente saliente nos dominios da politica.

Seria methaphysicamente impossivel estabelecer um governo, absoluto, no rigor da expressão, em qualquer dos povos modernos, ainda o menos civilisado.

Observa-se facilmente que os grandes conquistadores, os heroes antigos, embora resurgidos, não mais conseguiriam aquelle poderio indefinido de que outr'ora usavam e abusavam; e a rasão porque contemporaneamente não se encontram mais esses vultos legendarios, cujo prestigio militar ou scientifico deslumbrava, é porque a facil ductibilidade das massas desapareceu diante da cultura intellectual sobre ellas geralmente disseminada.

O elemento democratico, após longa e encarniçada porfia atravez do tempo e do espaço, acabou por impôr-se ás relações politicas e sociaes.

Foi então que definitivamente constituiu-se o romance, que é o mais poderoso vehiculo da educação do povo.

Como as artes em geral, como as outras produções litterarias, sempre se ressentem do meio em que nasce, assimilando-se ao grande conjuncto de idéas e de factos que o rodeiam e por isso mesmo

o determinam, influenciado por mil circumstancias occasionaes e diversas, que são por assim dizer o complexo de leis que o regem, e que succedem-se, transformam-se, modificam-se, segundo as variantes sociologicas.

Dahi as differentes phases que elle tem atravessado.

A civilisação moderna, cultivando o espirito da mulher, reconhecendo a necessidade de arrancar-la da treva da ignorancia a que tinha sido condemnada pelos preconceitos do passado, educando-a finalmente, além de outros beneficos resultados, trouxe a sua co-participação na litteratura.

Desde logo, todas as vistas se voltaram para ella e o romance foi o maior obreiro dessa grande propaganda. Então foi meramente individualista. Em todas as suas paginas como que palpitava um coração; e o amor, a paixão, todos os deslumbramentos da phantasia, as vozes da natureza a ressumbrarem da poesia do infinito, expressas sob o ponto de vista da impressão da sensibilidade pessoal, constituíam o seu unico assumpto. Chamava-se *Paulo e Virginia*, o idyllio apaixonado, sancto, infantil, que começa por uns risos frescos, chrySTALLINOS, á sombra das arvores copadas e termina por uns prantos doridos diante do espectáculo de um naufragio, por uns soluços á beira-mar, abafados pelo estrepito das ondas que se quebram na praia.

Chamou-se *René*, chamou-se *Atala*, a filha dos tropicos, alma de fogo a consumir-se em sua propria essencia, debaixo do céu calido das Americanas.

Não deveria, porém, tardar a transição, que

imprimisse ao romance um caracter simultaneamente social.

O individuo e a familia continham-se no estado, que lhes regulava a economia; a missão do romance não podia, pois, limitar-se tão estreitamente e teve de abranger uma esphera de relações de ordem mais superior, moldando-se á duplicidade da vida publica e particular, traduzindo assim os grandes ideaes de par com os sentimentos da humanidade e do seculo. George Sand inaugurou esse glorioso periodo, atacando de frente, em sua altiva independencia, todos os preconceitos e absurdos do costume e da legislação, sustentando os principios da grande eschola socialista.

Por seu lado Balzac, o verdadeiro Colombo do romance, que, como o immortal e divino amante de Beatriz, escreveu tambem a sua comedia, lançou as bases do realismo—a derradeira e mais legitima feição do romance.

Pelo estudo profundo dos personagens que colloca em acção, desde a sua physiologia até a sua psychologia, arrancando-os da vida real com todos os seus vicios e virtudes, com as mesmas roupas, com os mesmos modos, frequentando com elles a taberna, o boulevard, o salão; Balzac estereotypa em todas as suas particularidades não só elles proprios, como ainda implicitamente a sociedade em que nascem, educam-se e morrem.

O fecundo romancista francez abriu o caminho que deviam trilhar os seus successores.

O romance, como todas as artes e lettras, acompanha as evoluções dos tempos.

Destinado a instruir o povo, a dizer-lhe as verdades da sciencia, a retratar os costumes, apontar as podridões, pôde e deve revelar tudo.

O sentimentalismo passou de moda e não se compece com a sede inextinguivel de verdade que labora em todos os espiritos, com a actividade irrequieta que se nota em todas as camadas da sociedade.

As idéas praticas e utilitarias prefazem o espirito do nosso tempo. O romance que exhibisse a vida puramente do coração, e não a da vontade e a da intelligencia, mentiria ao seu *meio* e seria por consequencia artificial e illogico.

A feição que apresenta o romance contemporaneo nada mais é do que um resultado das idéas e das tendencias da época.

Tradul-as fatalmente.

Condemnal-o, é como si alguém achasse má uma photographia, pelo facto de parecer-se exactamente com o original.

Em outros tempos alguém disse: uma canção basta para fazer uma revolução; hoje poder-se-ia dizer o mesmo com respeito ao romance.

Elle penetra em toda a parte: no wagon, no *bou-doír*, no escriptorio, na officina: manuseam-n'ó o proletario e a *cocote*, a esposa, a virgem, o homem de commercio, o estadista, o sabio, o artista e até o ocioso. Todos, quasi sem excepção, vão nelle procurar um refugio aos seus lazeres, deliciando-se em sua leitura amena, facil e suave; e cada um de per si recolhe as impressões que elle lhe produz, desvanecendo-se por encontrar ahi um reflexo de seus proprios pensamentos, da convivencia que o

rodeia e das aspirações que nutre; aprendendo com elle e ao mesmo tempo esparecendo os contrastes da vida real.

O romance é tambem como o theatro uma escola para o povo.

Nas taboas radiantes do proscenio encarnam-se as idéas e as paixões, e o espectador commovido acompanha todas as peripecias da acção, ora rindo, ora chorando, até o desfecho final.

São talvez mais vehementes essas impressões, palpitantes de realidade, bebidas á luz de uma philosophia por assim dizer animada, palpavel, que caminha diante dos nossos proprios olhos; mas com certeza menos duradouras do que as que são recebidas no remanso do gabinete, na doce quietação do lar, n'uma leitura tranquilla e reflectida.



◉ A MORGADINHA DE VAL-FLÔR

Schlegel, o profundo critico allemão, de quem Minc de Stael, a heitaïra contemporanea, revela-se a maior admiradora, quando narra na sua grande obra sobre a Allemanha as impressões que lhe causaram em Vienna as conferencias do notavel escriptor sobre a litteratura dramatica, procura algures explicar a razão por que nos dous paizes da peninsula iberica, da mesma origem, da mesma raça, da mesma civilisação, da mesma historia, quasi identicos na lingua e nos costumes, um delles tanto se avantajou no theatro, ao passo que o outro nada pôde produzir neste importante ramo de litteratura.

A Hespanha, enquanto Racine em França, debruçado sobre o tumulo da tragedia grega, erguia-lhe o sudario e resuscitava aquelle cadaver enorme ao fogo de seu genio, novo Lazaro que se erguera ao *Surge et ambula* do cantor de *Esther* e *Athalia*; a Hespanha exhibia aos olhos do mundo a trindade gloriosa que havia de oppôr-se ao divino Shakespeare, o creador do theatro moderno — Calderon, Lope de Vega e Cervantes, as tres aguias que ousaram encarar o sol que se alevantava dentre as brumas de Albion.

Portugal, porém, nada possuia até então e estava predestinado para a esterilidade, por isso mesmo que, ainda posteriormente, com o volver dos tempos, nem siquer apresentou indicios, peque-

nas bases para a formação de um theatro propriamente nacional.

Ferreira e Gil Vicente, dous meteóros, luziram e sumiram-se sem deixarem traço vivo de sua passagem, morreram sem continuadores ao menos.

A Allemanha retardou-se na fundação de seu theatro, porém contemporaneamente apresenta-nos Lessing, Schiller e Gœthe; mas Portugal até hoje nada conseguiu, e o seu theatro assimelha-se a um jardim cujas plantas, não tendo raizes na terra, vecejam um minuto e morrem logo apóz.

Succedem-se os escriptores e todos elles são condemnados á obscuridade e o seculo que passa não lhes transmitta o nome ao seculo que vem.

Nós somos os herdeiros desse misero patrimonio, em que peze a todos os optimistas que sustentam a existencia de uma litteratura nacional.

O nosso theatro é o theatro portuguez.

Entre as suas ultimas produções avulta, incontestavelmente, a *Morgadinha de Val-Flór*, drama de Pinheiro Chagas.

Pouco original na concepção, falsa nos caracteres e imperfeita na structura, tal é o juizo synthetico que formamos sobre a composição do festejado escriptor portuguez.

Força é comprovar cada uma das nossas asserções.

Litton Bulwer, o grande dramaturgo inglez, sob o titulo *Morgada de Lyon*, tinha já escripto alguma coisa de identico á obra de Pinheiro Chagas.

Ha uma profunda similhança entre Melnotte-o camponez, e Luiz Fernandes — o pintor.

Paulina Deschappelles tambem pouco differe de Leonor.

O desenlace, porém, é que varia.

Melnotte, estimulado por aquella paixão, corre a nobilitar-se nos campos de batalha, de onde volta coberto de glorias e de louros, que deposita aos pés de sua noiva.

Eu julgo sempre mais grandioso e mais moral, mais compativel com a nobreza dos sentimentos e com o criterio do personagem, mais exemplar e mais proveitoso para a sociedade, o desenlace do poeta inglez.

Morrer ingloriamente n'um combate singular, ás mãos de um primo parvo, alienar o futuro, succumbir sem lutar, seria um bom partido para um espirito de quiate inferior, mas nunca para Luiz Fernandes, que devia confiar no futuro, porque a consciencia e o talento lhe bradavam na alma.

Localizando a acção em Portugal, em fins do seculo 18, o distincto escriptor portuguez não percebeu que falseava o caracter dos personagens.

Leonor, aquelle coração que é um manancial de sentimento, aquella cabeça que é a propria cabeça da phantasia, nunca poderá ser uma morgadinha portugueza daquelles tempos, em que os proprios fidalgos faziam elarde da ignorancia, quanto mais as fidalgas. A educação das mulheres ainda hoje, na segunda metade do seculo 19, em Portugal e no Brasil, é tão incompleta, que bem se póde avaliar o que seria no seculo passado. Rarissima era a que sabia lêr por cima.

O perfil de Leonor é um monstrengo.

Aquella creatura ideal nem existe hoje, quanto mais naquelles tempos.

O poeta concebeu aquelle typo, aquella menina —sphinx, deu-lhe a intelligencia e o espirito, o coração e o sentimento, adornou-a com ama erudição e um cultivo admiraveis, mas incompatibilisou-a com os tempos que a viram nascer, com os costumes de sua época.

Ahi está a historia a protestar.

Luiz Fernandes é incoherente consigo mesmo.

Possuê o amor de Leonor. A sociedade e o preconceito interpõem-se. Elle não luta, nem tão pouco se sacrifica. O auctor fal-o suicidar-se, entregando-lhe uma espada, que elle não sabe manejar, para vingar-se de uma injuria, partida de um namorado idiota, sem imputabilidade, que elle mesmo já tem mostrado desprezar.

E' um fim bem ridiculo, que, certo, não merecia aquelle sublime utopista.

Foi mais feliz o auctor nos typos secundarios. A morgada e o capitão-mór são dois esplendidos *croquis*.

A estupidez deste e a virtude e severidade daquella são desenhadas com toda a verdade historica, de accordo com a educação e costumes da epocha. Mas quando os heroes são absurdos é tambem absurda a concepção, e a verdade destes não redime a falsidade daquelles personagens e por consequencia de todo o drama que nelles se basêa.

Finalmente o drama é, sem rodeios, mal construido.

Por vezes a acção enlanguece á força de expres-

sões guindadas, phrases longas e torneadas em excesso, superabundancia de imagens, quando situações ha em que as fallas devem ser concisas, laconicas, incisivas, para produzir o effeito dramatico.

Em França, por occasião da primeira representação do *Supplicio de uma mulher*, o drama archetypo, houve uma desavença entre Girardin e Dumas filho. Este ultimo, encarregado de corrigir a produção de Girardin e adaptal-a á scena, trans-tornou-a por tal modo que o illustre publicista declarou não ser seu o drama, não só pela idéa, como ainda pela linguagem, visto como nunca tivera *estyllo de telegramma*. Dumas respondeu e o publico sancionou suas emendas. Girardin reconheceu com certeza a sua sem-razão.

Si Pinheiro Chagas encontrasse alguém que lhe tirasse a superfluidade de palavra e corrigisse o *orientalismo* do estylo!...

No terceiro acto, por exemplo, não ha acção absolutamente. E' uma choraminga continua, um lyrismo monotono, interminavel. Ao monologo juncto á cruz segue-se a scena em que a morgadinha declara, contra toda a expectativa, a sua paixão ao pintor.

A situação não está preparada nem o dialogo se entrelaça. Elle e ella fallam um apoz outro, sem se interpellarem, nem se responderem.

Discursam ambos, devaneiam, e mais nada.

E' um idyllio obrigado a musica nos bastidores. O quinto então é insupportavel. Aquelle moribundo alli, a agonisar durante um acto inteiro; aquellas angustias que se prolongam fastidiosamente; a falta de movimento, de virilidade nas expressões;

tudo produz uma impressão desagradavel, e cança, mortifica o espectador.

E' um acto cujo unico interesse é o da morte de Luiz; as scenas succedem-se fria, pallida e descoradamente.

Tal é a obra de Pinheiro Chagas.

Não é um drama; é um ensaio de estylo.

—

ARDENTIAS

(Carta ao amigo Castro Rebello Junior)

Tenho entre mãos as tuas *Ardentias*.

São versos cheios de mimo e de encantos, possantes inspirações que arrebataram-te a imaginação e a alma para os mundos ideaes.

Teu livro é já muito conhecido, antes mesmo de ser publicado. Toda esta mocidade, no seio da qual tens sempre vivido e concebido todas estas chimeras luminosas, posso dizer que sabe de cór a maior parte dos teus lindissimos versos.

E' que nelles vê retratados todos os seus sentimentos, todas as suas aspirações, todos seus devaneios e crenças.

Sim, meu amigo, tu és um verdadeiro poeta.

Poeta pelo sentimento e pela imaginação; poeta pela cabeça e pelo coração.

Participas ao mesmo tempo do sentimentalismo de Lamartine, — o poeta do céu, e do arrojado de Hugo, o semi-deus de Jersey.

Um pouco de Varella e outro pouco de Castro Alves.

A's vezes teu canto é triste como o descalhir da tarde, melancolico como o gemido da alyone ou como a lua no mar, sentido como a prece fervorosa a resoar nas vastas abobadas de templo isolado e solitario; outras vezes é alegre como a anrora, cheio de galas e esplendores como um dia de pri-

mavera, festivo como o gergeio dos passarinhos,— os bardos da campina.

Teu livro tem paginas primorosas pela naturalidade, graça e sentimento. O meu desejo era transportal-as inteiras para aqui, mas como não posso contento-me com citar-lhes os nomes. São: *Sancta, A uma menina, Celeste, Barcarolla, Scenas.*

Porém, de tudo isso, o que eu mais admiro em ti é a facilidade do metro. Em toda a tua collecção não encontrei um verso sensivelmente duro. E's irreprehensivel na fórma.

Surgiram-me, do meio de todas as outras, duas descriptivas que agradaram-me summaente; são dous soberbos specimens nesse genero: *Programma e Vae dormir.*

Sem moldura é indubitavelmente tambem uma das tuas melhores produções, mas tem o defeito de não ser original. Augusto Vacquerie escreveu alguma coisa de semelhante sob o titulo *Miroir.*

A ultima noite de Jacques Rolla é uma bellissima poesia.

Comprehendeste perfeitamente quanto ha de sublime naquella mulher que procura aquecer juncto ao seio avelludado o cadaver do libertino a quem amou, já nos seus ultimos momentos.

Apagaste alguns traços ligeiros, uns toques longiquos de volupia e de sensualismo no perfil de Marion, a divina criação de Musset e transformaste a barregan em archanjo.

Tenho ouvido por ahi censurarem-te pela bocca pequena a exuberancia e o fogo da imaginação.

Não faço parte dessa grey, e de mim para mim entendo que a imaginação é um dote essencial a todo o poeta, que quanto mais a tiver, mais conseguirá.

Restringir a liberdade, pôr pêas á imaginação de um poeta é o maior dos absurdos que pôdem existir. Para mim não ha imagens arrojadas, disproporcionaes; a phantasia corre livremente o mundo da idéa—o infinito; é por si mesma alada, irrequieta, doida e, quanto mais sóbe, mais conquista. Conheço, no entanto, imagens improprias, baldas de analogia, e são essas unicamente as que eu re-provo.

O quanto vale a tua imaginação pôde ver-se na *Escravidão, Revolução, Ave, 24 de maio e 11 de agosto*, composições de uma força e de um arrojado notaveis porque, apesar de conterem algumas imagens que não são perfeitamente originaes, comtudo algumas ha de uma belleza e de uma propriedade a toda a prova.

Estás muito moço ainda. Tens muito tempo para te expurgares de alguns defeitos de que se ressentem teus versos, e, ou eu muito me engano, ou tu estás destinado para um grande futuro.

As tuas *Ardentias* são um cento de strophes em que desfizeste teu coração, são como que pedaços da tua alma de moço. Atravez dos teus versos entrevê-se um espirito cheio de illusões e de sonhos, deslumbrado por todos os grandes principios, por todas as grandes idéas, sente-se palpitar um coração a traspordar de affectos e de commoções, a revolver-se dentro do peito, açoutado pela rija procella das paixões.

Nem todos os que te lerem comprehenderão tudo quanto pensas e tudo quanto sentes; mas as almas bem formadas, os bons espiritos, saberão admirar e respeitar essas paginas brilhantes que ressumbram do patriotismo, do amor, das aspirações e das crenças da juventude.

A critica sensata saberá fazer justiça ao teu elevado merito e apontar-te-á, como conselheira e amiga, os escolhos que te cumpre evitar.

Quanto á maledicencia, á critica invejosa e estulta, essa despreza-a.

Eu sei que não faltarão Aristarchos para abocanhar os teus versos; mas volta-lhes as costas, e escreve uns *alexandrinos*, daquelles que tanto admiramos nós todos, teus collegas e amigos.

Adeus, meu poeta.

Na obscuridade a que estou condemnado pola minha nihilidade, si não fôra teu amigo, desde já estaria mordendo-me de inveja.

O MARIDO DA DOUDA

(Fragmento)

Carlos Ferreira era já um nome conhecido, não para os honestos e atarefados burguezes, nem tão pouco para os frivolos *habitués* da Opera, que allí vão simplesmente com o pretexto de exhibir a *toilette*, que trazem de cór duas strophes da ultima poesia do vate mais em moda e acham-se ao facto dos escandalos das actrizes mais galantes e de todos os mysterios dos bastidores e da politica.

Não. Filho do Rio Grande do Sul, a nossa Sparta, por aqui passou rapidamente e não obstante deixou luminosos vestigios, nas paginas do *Correio do Brasil*, onde escreveu uma serie primorosa de folhetins.

Em S. Paulo foi que começou de trabalhar com verdadeiro afan, animado e applaudido por toda aquella mocidade generosa, protegido por aquelle *meio* anti-burocatico, sob a influencia daquella atmospheria litteraria e scientifica da *cidade eterna dos sonhos e prazeres loucos*, no dizer elegante de Alvares de Azevedo, o Byron academico.

Ahi escreveu elle as *Rosas loucas* e as *Alecyones*, as duas collecções de versos inspirados, que vieram minorar a saudade e como que preencher a lacuna que se abria na poesia academica pela

morte prematura do bardo das *Espumas fluctuantes*, o immortal Castro Alves.

Um dia, porém, o nosso poeta, á similhaça do auctor do *Gonzaga*, abandonou a lyra por instantes e travou da penna de dramaturgo.

O seu primeiro drama chamou-se a *Calunnia* e foi escripto de collaboraçãõ com Felizardo Junior, um talento de primeira agua, que eu não sei porque motivo havia de condemnar-se posteriormente a uma obscuridade voluntaria.

A *Calunnia* foi levada em primeira representaçãõ para a inauguraçãõ do Theatro Provisorio, dessa cidade, em principios de 1873.

Tal foi o successo obtido, tal foi o acolhimento da imprensa e do publico, que dentro em breve o auctor da *Calunnia* apresentava os *Grandes e pequenos*.

Estava, pois, firmada uma reputaçãõ. Carlos Ferreira, á corõa de poeta, junctava a corõa de dramaturgo.

Longe de descançar sobre os louros collidos, o novel e infatigavel escriptor, retirando-se para Campinas, onde se collocou á testa de um dos orgãos da imprensa diaria, apezar das labutações e da responsabilidade de sua nova posiçãõ, aproveitou dos curtissimos lazeres para escrever as *Historias cambiantes* e finalmente o *Marido da douda*, arrojada concepção, vasada nos moldes do theatro modernissimo.

Iludido a respeito do criterio e do gosto do nosso publico, a quem repugnam os dramas de Alencar, como o *Jesuita*, e mesmo os de Dumas filho, como a *Estrangeira*, nutrindo a justa aspiraçãõ de fazer-

se conhecido na primeira capital do Imperio, trouxe-nos a sua derradeira produçãõ e fel-a representar no Theatro de S. Luiz. Nestes tempos calamitosos que atravessamos, o facto de apparecer uma peça original, é já por si um acontecimento. Quando mesmo essa peça não tivesse nenhuma valia intrinseca, representava pelo menos o trabalho nobre, o esforço individual em prol das lettras patrias, cujo descalabro tende a augmentar de dia para dia.

Não podia portanto deixar de ser bem recebido o *Marido da douda*, principalmente por parte daquelles que reconhecem a necessidade de animar a formaçãõ da litteratura nacional.

A imprensa unanimemente applaudiu o trabalho do joven escriptor, reconhecendo-lhe o raro merecimento da obra, as bellezas da fórma e do estylo, bem que pronunciando-se, mais ou menos declaradamente, contra a these que constitue-lhe o assumpto.

Foi assim que um distincto critico, que se disfarça com o pseudonymo de *S. Saraiva*, no seu folhetim da *Gazeta de noticias* sustentou que a these era mais assumpto de uma dissertaçãõ de medicina legal do que de um drama. Francamente, discordamos em absoluto dessa opiniãõ. As theses physiologicas tem tanto o direito de ser discutidas no theatro, como as sociaes, moraes e quaesquer outras.

A grave questãõ do adulterio tem sido um dos problemas mais discutidos em nosso tempo e quasi compõe o assumpto de todos as peças de Dumas filho. As causas que o determinam podem ser

bem diversas, a situação que elle cria na familia e por consequencia na sociedade, pôde tambem ser solvida de modos differentes. Dumas filho tem tido principalmente em vista, no seu theatro, a solução desse problema.

V

VARIOS

VARIOS

A EVOLUÇÃO DEMOCRATICA

As leis que presidem o desenvolvimento historico são tão inquebrantaveis como as leis que regem a materia.

O periodo evolutivo que atravessamos, no qual se tem reproduzido as luctas que occupam o vasto plano de toda a historia moderna, parece ter chegado ao seu termo.

A lucta entre o principio anti-democratico e o principio liberal, travada desde o começo da idade moderna, á qual o absolutismo veio estabelecer um equilibrio, primeiramente apoiando o elemento democratico do qual precisava para fazer face ao feudalismo, e ultimamente aniquilando-o porque via no seu desenvolvimento um novo perigo, não foi, contudo, terminada pela Revolução Franceza, sinão recomeçada, mudando-se os agentes.

A monarchia, que representava uma transacção, ao passo que a democracia a acção e a aristocracia a reacção, posta que foi esta ultima fóra decobate, passou a substituil-a sustentando a contra-revolução.

Foi, pois, sob essa nova face, que se renovou a pugna durante estes ultimos tempos.

A marcha da humanidade, impellida pelas leis fataes do progresso, é lenta e gradativa; depende de uma elaboração surda e mysteriosa, que se vae

consummando á proporção que surgem obstaculos. Estes, demorando-a, fortalecem-n'a.

E' por isso que o movimento reaccionario pareceu aos espiritos fracos ter levado decidida vantagem, já pelo esboroamento das instituições republicanas, já pela traição de Napoleão ás liberdades patrias, já pela Restauração.

Mas derrocar o edificio das liberdades publicas, construido em 89, não importava apagar a sua idéa na consciencia popular. Os germens já tinham sido lançados.

Podiam esses principios, em sua concretisação, desaparecer da face da terra, mas permanecer em abstracto no coração dos povos.

Assim foi. Perdida a sua objectividade social não poderia deixar de sê-lo de um modo transitorio, porquanto elles perduravam subjectivamente e ninguem poderia destruir-lhes a vida e o desenvolvimento moral.

O proprio Bonaparte, procurando suffocal-os em sua patria, proclamou-os por toda a Europa, ajudando com seu braço potente a destruir as velhas tradições, fazendo-se o maior apostolo da Revolução, levando a cada povo conquistado a consciencia dos seus direitos, despertando a todos da lethargia em que jaziam, substituindo as velhas dynastias por novos governos, novas constituições, fazendo-se ao mesmo tempo o coripeu da egualdade e o carcereiro da liberdade.

E' que a irresistibilidade é o caracter do actual movimento democratico.

A diffusão dos conhecimentos pelas aossas, deixando de ser monopolio de uma classe, de um

grupo; as relações do commercio e da industria; a navegação e os meios de communicação; a dilatação, enfim, da esphera social, onde se agitam, onde se chocam todas as actividades n'um desenvolvimento egual, commum e paralelo, deram-lhe uma força, um incremento que tornaram-n'o invencivel, chegando ao ponto de avassallar aquelles que se lhe oppõem.

O espirito democratico, de dia para dia, impõe-se ás instituições, introduzindo-se em todas as idéas, em todas as manifestações sociaes, dominando os pensamentos e os actos dos proprios governos e pelo adiantamento moral e material dos povos, neutralizando as forças da reacção conservadora.

O movimento de refluxo não pôde, pois, absorver ou paralyisar a onda invasora que sóbe desasombrada.

A retracção, sendo na razão inversa da impulsão, o principio monarchico enfraqueceu na proporção das conquistas democraticas.

Prevendo, no entretanto, a sua completa derrota, optou por uma capitulação. Em vez de dar ao inimigo uma victoria decisiva, preferiu fazê-la parcial.

Dahi o character democratico de que se revestiram as monarchias neste ultimo periodo da historia contemporanea.

Estará porém feita a paz ?

A fusão do principio monarchico e do principio democratico, realisada sob a fórmula constitucional representativa, não apresenta uma solução cabal ao problema social.

E' antes um consorcio hybrido, uma alliança

grotesca e impossivel, entre dous elementos oppostos, cujo antagonismo se evidencia pela propria historia, onde cada uma pagina assignala uma batalha, cada periodo uma tregua, um *etape* dessa longa e gloriosa campanha da liberdade atravez o tempo e espaço.

São dous agentes que se repellem; duas forças contrapostas; dous inimigos irreconciliaveis, o principio monarchico e o principio democratico.

Essa irreconciliabilidade é implicitamente reconhecida pelo systema monarchico-constitucional, tanto que elle pretende dar a um dos principios a força de repressão sobre o outro, o que importa confessar-lhe a acção nociva.

Estabelecer as garantias para o desenvolvimento de um nas condições restrictivas do outro, isto é, neutralisar a acção do rei para que possa subsistir a liberdade popular, é, nem mais nem menos, o reconhecimento da heterogeneidade dos dous elementos.

Assim, pois, o systema monarchico-constitucional assenta mesmo sobre o principio da desconfiança e da hostilidade; é illogico porque procura assimillar aquillo que lhe é fatalmente opposto.

Instituindo um poder perpetuo, hereditario, nega a soberania nacional: limitando-lhe a esphera das attribuições pelos preceitos constitucionaes, presta-lhe um culto, mas um culto hypocrita e mentido, porque esses preceitos pódem ser infringidos sem coerção possivel, porque o prestigio da realeza cerca-a de aulicos, a força armada garante-lhe os abusos e a perpetuidade do poder assegura-lhe o tempo de agir no intuito de solapar e sophismar as liberdades publicas.

Essas pretendidas barreiras oppostas á acção do poder, são outras tantas provocações e difficilmente a realeza se resignaria á inacção podendo dispor de armas taes como a corrupção e em, ultimo transe, da violencia.

Da primeira fez uso Carlos I descendo á infamia de atirar a responsabilidade sobre seus ministros, para escapar á vingança do povo, immolando a cabeça de lord Strafford, cuja amisade trahiui, o que fêl-o exclamar no supremo momento da morte: "*Nolite confidere principibus quia salus non est in illis ? !*"

Da segunda fez uso abertamente Carlos X, em França, collocando-se á testa da nobreza e do clero, para conspurcar e postergar os sagrados direitos do povo, até que succumbiu na lucta com as armas na mão, e seguiu cabisbaixo e vencido o caminho do exilio, coberto de ignominia.

Estes exemplos fecundos já ensinaram ao povo a duvidar da realeza para só confiar naquillo que elle proprio adquire por seus esforços, á custa do seu proprio sangue.

Napoleão, de volta da Ilha d'Elba, promettia ao povo respeitar as suas liberdades porque estava já convencido de que o genio de um homem não podia luctar contra o espirito de um seculo; mas a nação tinha o direito de duvidar do tyranno.

Mais tarde o Congresso de Vienna, reunido no intuito de garantir a liberdade e a autonomia das nações, mentindo escandalosamente ás suas promessas, veio confirmar essas suspeitas já bastante fundamentadas.

A' vista disso a consciencia popular despertada

pelo conhecimento pleno do direito e da justiça, não póde mais ser mystificada por essas formulas vans e pueris, por essas transacções impossiveis.

Portanto, a fórma monarchico-representativa que representa apenas uma transacção, um armistício na lucta dos dous principios, sendo por consequencia uma instituição meramente transitoria, perdeu hoje historicamente a sua rasão de ser, apesar de já não tê-la philosophicamente.

De onde concluímos :

A evolução democratica conduz-nos completamente á Republica, que é o verdadeiro governo do povo pelo povo.

—

A LEGENDA REPUBLICANA

Ellas são tres.

Deus mandou-as cada uma de per si, por sua vez, para consólo da humanidade.

E vieram !

Qual dellas a mais formosa, a ressentirem-se da belleza typica do empyreo, qual dellas a mais pura a denunciarem-se na propria essencia divina; qual dellas a mais querida, a inocularem-se no coração dos povos, a quem levaram a luz da redempção.

Em cada periodo critico da historia, quando a humanidade gemia nas trevas da ignorancia, nas dôres do captiveiro, nas angustias da morte, Deus volvendo os olhos para a terra, n'um impeto de compaixão, enviára uma por uma as tres virgens que hoje unidas peregrinam pelo mundo entre crimes e miserias; porém immaculadas, as vestes candidas, alvacentas, de neve, as fronte auréoladas pelo clarão da immortalidade, nos labios o sorriso do amor.

Ellas caminham impávidas, através o tempo e o espaço, serenas e magostas, conscias de sua missão grandiosa e sublime.

Nas horas de provação têm a coragem do martyrio; nos momentos de ventura um mixto de modestia e de nobreza que encanta, que fascina e que arrebatá.

Perseguidas, proscriptas, exiladas, não ha vél-as

murmurar uma só queixa, porque têm a confiança dos justos e a resignação das almas verdadeiramente grandes, contra as quaes é impotente a propria adversidade.

Desdenham defender-se dos golpes que lhes atiram, e só lhes oppõem a perseverança e a fé, que é o escudo inquebrantavel de todos aquelles que têm a consciencia de sua força.

Fracas, são invenciveis; indefezas, são invulneraveis.

Não ha na terra correntes para amarral-as; torturas para consumil-as; carceres para prendel-as nem poder que as subjugue.

Por vezes julgam-n'as mortas, e quando menos pensam, eil-as que resurgem, mais formosas ainda, calmas e sobranceiras, affrontando todas as iras, todos os despotismos.

Cada uma veio por sua vez.

A primeira, a mais velha, nasceu na idade antiga.

O mundo agonisava. Por toda a parte um espectáculo horrivel.

Os fortes opprimiam os fracos; os ricos cuspiam á face dos pobres, que lhes mendigavam á porta as migalhas do banquete sumptuoso.

Os patricios vergastavam os plebeus.

A mulher era a causa do peccado, e pagava com a escravidão a queda do genero humano.

O vicio se ostentava em toda a sua hediondez.

O direito era do forte; a justiça era só para o nobre; o gozo era exclusivo do rico.

Um dia, veio o filho de um carpinteiro, e disse: "Amae-vos uns aos outros."

—Quem és tu, vil embusteiro, que assim fallas, quando nós somos os senhores de tudo e a nossa vontade é a unica lei? bradaram a um tempo os potentados.

—Teus labios, que ousaram pronunciar similhantes palavras, emmudecerão para sempre!

E o martyr expirou no cimo do morro, pregado ao lenho, juncto ao qual sua mãe derramou a lagryma sublime que devia gerar a primeira das virgens! Chamou-se a Fraternidade.

A outra nasceu nos fins dos tempos medivales.

Os nobres tinham condemnado de novo a plebe á servidão. Pendido sobre a gleba, o povo regava-a com o suor e o pranto.

Não bastava isso.

Outr'ora expulsos do templo, voltaram os falsos sacerdotes, e não satisfeitos com as cadeias que lhe opprimiam os pulsos, algemaram-lhe tambem o pensamento e a consciencia.

A' voz de Savonarola e de Arnaldo de Brescia, elles responderam com a fogueira!

Das cinzas daquelles martyres, ao clarão daquellas chammias surgiu então a Liberdade.

A terceira, finalmente, é a mais recente.

O verdugo era outro.

A' Curia e aos senhores feudaes, succedera o Rei. Dahi, as mesmas lagrymas, os mesmos soffrimentos, o mesmo captiveiro.

Todos eram irmãos, todos eram livres, mas era preciso ainda que todos fossem eguaes.

Foi então que rolou nos degráus do patibulo uma cabeça ensanguentada.

A realeza era um superstição, um idolo; despeçado, aniquilara-se-lhe o prestigio.

O culto não resiste quando a imagem é profanada impunemente; para logo abala-se a fé, esvaem-se as crenças.

De facto:

Aquelle sangue que se espadanava nos degráus da guilhotina, ao rufar dos tambores democraticos, devia fecundar—a Egdualdade.

Ella foi a ultima.

* * *

Assim veio cada uma por sua vez. Deus mandou-as para consolo da humanidade.

A primeira é filha de Christo; a segunda, da Philosophia e a terceira da Revolução.

Traduzem:

A Liberdade—o Direito; a Egdualdade— a Justiça; a Fraternidade—o Dever.

Formam ainda a Trindade Social, que se resume n'uma só Idéa:

A Republica.

A LIBERDADE DE CULTOS

(Fragmentos de uma conferencia)

MEUS SENHORES :

Proponho-me hoje entreter-vos ácerca da liberdade de cultos, um dos artigos do vasto programma republicano, que nada mais symbolisa do que a consagração do grande principio da tolerancia. Em meio ás luctas encarniçadas de toda a sociedade moderna com a Egreja de Roma, aquella na sua marcha ascendente para o progresso, esta retroagindo para o passado, apparece a democracia trazendo á tona dos tempos a solução cabal ao momentoso problema, fazendo a tregua nos dous campos aguerridos; assignalando o reinado da paz e da harmonia, qual mensageira luminosa do futuro da humanidade. Ella inspirou-se nas proprias palavras de Christo: "A' Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus." A religião a esphera do espirital, ao estado a esphera do temporal. Ainda com o Christo disse á religião: "O teu reino não é deste mundo, abre mão de tuas ambições ao governo, de tuas aspirações de dominio e de poder." E disse mais ao estado: "Não te diz respeito a consciencia dos cidadãos, a sua fé, a sua crença, porque cada um responderá por ella diante de Deus e tu nada tens que vêr com a vida de além-tumulo."

A liberdade de cultos é o legitimo corollario, a consequencia logica, a deducção fatal, necessaria,

inevitavel da liberdade de consciencia. A liberdade de cultos está para a liberdade da consciencia, assim como a liberdade da tribuna, a liberdade da imprensa estão para a liberdade do pensamento. Não se póde dizer que é livre o pensamento, quando não é livre a palavra, quando não é livre a imprensa, porque a palavra e a imprensa são as duas fórmulas porque elle se manifesta, se exteriorisa, são, por assim dizer, a sua propria corporisação.

Assim tambem não se póde dizer que é livre a consciencia quando não ha liberdade de cultos.

Todas as religiões, desde as religiões primitivas do oriente até ao paganismo dos gregos, desde o pantheismo asiatico até o anthropomorphismo hellenico, desde o fetichismo até ao islamismo, desde o monotheismo judaico até ao christianismo, todas, todas ellas exprimem uma só coisa — a crença em um Deus. Todas ellas, disse um profundo pensador ultramontano, (notae bem) Xavier de Maistre, todas ellas são identicas na essencia porque todas encerram uma moral mais ou menos semelhante, mais ou menos pura, todas ellas ensinam a virtude, a justiça e o dever.

Assim todas unidas e eguaes pela mesma crença em um Deus, por uma mesma adoração para com um supremo Creador, a causa efficiente e absoluta do limitado e do contingente que somos nós, que é o mundo.

Para todos existe um Deus; o culto que se lhe tributa, o modo de adoral-o é que differe.

Mas, por outro lado, todas ellas pretendem ser a propria palavra de Deus transmittida pela tradição.

O character commum ás religiões é a revelação. No emtanto a verdadeira deve ser uma só; logo todas as outras são falsas. Mas qual será a verdadeira?

A minha, direi eu; a minha, dirá o mahometano; a minha, dirá o protestante e assim por diante.

Qual é pois o criterio para julgar da verdade de uma religião? Não existe nenhum porque a razão humana é impotente diante do dogma que se impõe á fé.

Si assim é, logicamente se depreheende que todas as religiões teem o mesmo direito de vida, fazem jus ao mesmo respeito e devem por consequencia conviver junctamente na sociedade, exercer livremente a sua lithurgia, o seu culto; si assim é, logicamente se depreheende ainda que o estado não póde fazer selecção alguma, não póde preferir nenhuma com exclusão de todas as outras; não póde proteger nenhuma em detrimento das demais.

Considerando agora que todas as religiões assentam sobre o mesmo principio, a auctoridade, claramente se comprehende que a intolerancia é um resultado da sua propria natureza; é da essencia de todas ellas. A verdade religiosa não é como a verdade scientifica que se discute, que se demonstra por intermedio da razão, da philosophia, que assenta sobre a liberdade. A verdade religiosa está acima da razão, porque vem directamente de Deus, repelle o raciocinio; não se discutem os dogmas: accetamol-os cegamente porque são de origem divina e como taes irrefragaveis.

Dahi o serem todas as religiões inimigas natas umas das outras. Cada uma brada por sua vez que

não ha salvação possivel fora de seus principios, de seu gremio; todas ellas se perseguem, todas ellas são intolerantes.

Mas a intolerancia religiosa não é, nem póde ser, condemnavel, porque está na propria natureza das coisas. Desde que uma religião admittir a verdade de uma outra, *ipso facto* tem-se suicidado.

Em nome pois de sua propria conservação, ellas teem o direito de impôr os seus dogmas, as suas leis, a todos os fieis, que a seu turno são obrigados em consciencia a reconhecer a sua auctoridade, emquanto não reneguem as mesmas crenças. Quanto aos incredulos, pela espiritualidade dessas mesmas penas, teem-nas como inefficazes, uma vez que não a professam porque reputam-n'a falsa.

A intolerancia, pois, emquanto puramente religiosa, é de todo o ponto justa e legitima.

O que se não justifica, o que se não legitima é a cumplicidade do estado nessa intolerancia, é quando o estado lhe presta braço forte, é quando o estado empresta effeitos civis a essas penas de puro fôro intimo, accrescendo então que influindo a religião em todos os actos da vida do individuo, desde o nascimento até ao casamento, desde o casamento até a morte, a pena tambem abrange toda a vida do cidadão, e o estado por consequencia violenta a liberdade de pensamento e a liberdade de consciencia, mentindo assim aos seus fins, desrespeitando direitos sagrados e inviolaveis, apostolando uma crença á viva força, absurdo inqualificavel, cujos resultados funestos attestam as paginas ensanguentadas da historia, de onde se erguem os vultos lividos, esqualidos, suarentos, de tantos martyres venerandos,

acnando ás gerações presentes com os farrapos da luminosa mortalha, a implorar-lhes justiça.

Longe, muito longe vão esses tempos em que os athenienses davam a beber aos philosophos a cicuta lethal que havia de envolver-lhes para sempre o pensamento na treva escura da morte, roubando-lhes a vida transitoria, embora para transfigural-os aos clarões esplendidos da immortalidade.

Longe, muito longe vão esses tempos em que os imperadores da Roma pagan immolavam nos circos e nos amphitheatros os primeiros christãos, os vexilarios da nova fé que devia mais tarde propagar-se pelo mundo inteiro, resistindo á acção destruidora dos tempos; da nova fé que, em meio á enorme catastrophe da invasão dos barbaros, a esmigalhar sob a pata dos corceis indomitos as ruínas fumegantes dos monumentos esboroados daquella imponente civilisação; apóz a tremenda hecatombe, resurgiu aureolada em mais vivos esplendores, magestosa e serena, á tona dos tempos medivae, como a pomba forasteira apóz o diluvio, trazendo a paz, a luz, a unidade áquelle immenso cahos, donde haviam de brotar as nacionalidades modernas; assimilando aquelles elementos heterogeneos, que depois de longa gestação deviam dar á luz a democracia, que é a redemptora dos povos.

.....
 Longe, muito longe, finalmente, vão esses tempos em que se travavam aquellas cruentas guerras de religião em que Carlos V e Philippe II na Hespanha, Francisco I, Carlos IX e Henrique III em França, Isabel e Henrique VIII na Inglaterra dis-

putavam a supremacia politica, especulando com o fanatismo dos povos.

Hoje passaram felizmente esses tempos nefandos de barbaridades e crimes, de miserias e vergonhas.

As religiões positivas foram banidas por incompatíveis com a liberdade de pensar e a razão humana, que é a scintilla divina, substituiu a revelação, que era a palavra divina.

A revolução trouxe, pois, a secularisação do estado como necessidade para a sua independencia e autonomia; consagrou os direitos inalienaveis e imprescriptiveis do cidadão, e por consequencia aboliu a intolerancia civil.

Mas o espirito reaccionario não tardaria a apparecer. A religião natural não podia prevalecer, porque era filha exclusiva da intelligencia, renegando a fé, que carece de alimentos uma vez que o sentimento religioso é innato no coração dos povos.

Foi baseado nesse sentimento, que o philosophismo havia desconhecido em seu generoso delirio, que a reacção tomou incremento e tem conseguido solapar o grande edificio da Revolução franceza.

De facto: posto que hoje seja reconhecido, universalmente, o salutar principio da liberdade de cultos, em nome da tolerancia, comtudo não é realizado em toda a sua amplitude, porque o estado não conseguiu secularisar-se completamente.

Logo no começo do presente seculo realisou-se a malfadada transacção pela qual devia renovar-se a pernicioso alliança entre o poder temporal e o espiritual; e si passaram os tempos em que o es-

tado impunha uma religião, abertamente, pela força, suffocava os gritos da consciencia ora nas chammas das fogueiras, ora nos instrumentos de tortura; todavia não é hoje menor a intolerancia civil, por ser indirecta e disfarçada.

E si não, consideremos alguns paizes onde actualmente vigora uma religião do estado. No curto limite da presente conferencia não me é dado registrar todas as perseguições dos governos contra os sectarios das religiões, que se oppõem ao culto dominante, qualquer que elle seja.

Apontarei perfunctoriamente algumas dellas, para demonstrar exuberantemente que a liberdade de consciencia mesmo no seculo XIX ainda não é uma realidade.

Hoje no vasto continente europeu predominam tres religiões e nenhuma dellas escapa á intolerancia civil. Começarei pelo catholicismo. O distincto escriptor Theiner, na sua preciosa obra que se intitula *Vicissitudes da Egreja catholica dos dous ritos*, faz uma resenha exacta das perseguições do governo da Russia contra a nossa religião que nesse paiz se manifesta sob o nome de Egreja Rutheniana, ou sob o nome de Egreja latina propriamente dita.

Jules Simon, na sua obra *Liberdade de consciencia*, extracta algumas dellas por onde se prova que, apezar do adiantamento e das luzes do nosso tempo, ainda se fazem conversões a golpes de knout e de bastão.

Os catholicos da Polonia, mesmo em materia espiritual são governados por um centro administrativo, cujos membros pertencem á Egreja Schisma-

tica, a religião official do grande Imperio Moscovita. Os decretos de 24 de junho de 1833 e 22 de abril de 1834 ordenaram o encerramento de todos os mosteiros, afim de que o seu rico patrimonio passasse a pertencer á religião do Estado. Por um outro decreto é estipulado que todo aquelle que aspirar ao sacerdocio catholico deve exhibir provas de nobreza, provar estudos completos em qualquer das universidades do Imperio, dar um substituto para o serviço militar, obter a permissão do ministro dos cultos e contribuir com a quantia de 600 francos para a caixa Provincial, em proveito do clero greco-russo.

Finalmente, meus senhores, por um decreto de 2 de janeiro de 1839 concede-se amnistia a todo o catholico condemnado a qualquer pena que seja, contanto que se converta á religião dominante e por outro decreto de 21 de março de 1840 são comminadas as penas mais severas aos schismaticos que se convertem ao catholicismo.

Deixando de parte agora a Russia, sobre a qual poderiam ser ainda citados um milhão de factos, passarei á Inglaterra, onde o quadro não é por certo menos desolador. Quero mostrar-vos como são tratados os catholicos na Irlanda. Não careço volver os olhos para os tempos em que seu acto de emancipação ainda não tinha sido feito, para esses tempos calamitosos em que O'Connell, o sublime orador cuja eloquencia era como que a condensação das lagrymas e dos gemidos de todo um povo agonizante, levantava-se impavido porque tinha a força do direito e da justiça, inspirado na poesia do martyrio, em nome de um povo de pariás a fazer frente a um

povo de algozes n'uma lucta insana, colossal, titanica, da qual havia de sair vencedor pelo *bill* de emancipação de sir Robert Peel, que é um dos maiores titulos de honra da administração do eminente estadista.

Pois bem: mesmo depois da emancipação dos catholicos, é bem conhecida por toda a Europa a situação precaria em que elles se acham diante do governo da Inglaterra.

Elles são excluidos da funcções de tutor do soberano, de regente do reino, de Lord Chancellor, de guarda dos sellos da Inglaterra e da Irlanda, de juizes das sessões, de Governador da Irlanda, de alto commissario da Assembléa geral juncto da Egreja da Escossia e finalmente de professores das universidades. Eis ali o que é a tolerancia na Inglaterra, o que é a liberdade de consciencia naquelle paiz, berço de todas as liberdades, no dizer de grande numero de publicistas modernos. A egreja catholica não cessa de clamar todos os dias contra essas oppressões, esquecendo, por outro lado, que commette os mesmos crimes.

Entende que é de toda a justiça que se lhe garanta a liberdade e no entanto não respeita a de outrem. Na França, na Italia, em Portugal, na Hespanha repetem-se as mesmas scenas approximadamente da Russia e da Inglaterra, scenas essas onde a intolerancia é tal que a egreja, além de fazer do estado seu cúmplice, pretende avassalal-o e reduzi-lo á obediencia.

Em vez de romper com um passado vergonhoso, a egreja catholica assume-lhe a responsabilidade, diante da civilisação que o condemna, e procura

recomeçal-o, abrindo uma lucta desastrosa contra as idéas do seculo, condemnando todas as grandes conquistas da humanidade, já no mundo politico e social, já no mundo scientifico. Os philosophos, os estadistas proclamam a liberdade de cultos, proclamam a tolerancia, que é a paz, a fraternidade, e os filhos do Christo irrisoriamente recusam-n'a.

Sim, positivamente são elles, unicamente elles, que pretendem destruir a Revolução, restaurar o reinado da intolerancia e como sejam impotentes para acender de novo a fogueira, carecem do poder temporal do estado, humilham-se a invocar a sua protecção. Sim, são elles os hypocritas, os embusteiros que não trepidam em rebaixar-se aos pés do throno, em sujeitarem a sancta religião do Christo, que lhes está confiada, aos caprichos e conveniencias dos governos, pela sede da riqueza, do mando, do dominio universal, e com o *Syllabus* na mão, o *Syllabus* que é o proprio codigo do obscurantismo, sustentam que a liberdade de cultos é condemnavel, porque não deve haver liberdade para o erro, esquecendo-se que deste modo confessam a sua propria fraqueza para destrui-lo, duvidando da Religião que professam, que deve durar eternamente e contra a qual não prevalecerão as portas do inferno; duvidosos, elles os primeiros, das proprias verdades que apregoam, por isso que temem a neutralidade do estado e confessam implicitamente a necessidade de seu apoio não só para viverem, como ainda para combaterem seus inimigos, já que a predica não basta, a predica que é o unico meio legitimo por que se deve impôr uma religião.

Meus srs: quando uma religião fórça os seus

fieis a obedecer-lhe, faz-lhes uma violencia á razão e á liberdade em virtude de um compromisso que elles contrahiram para com ella, pelo facto de lhe estarem ligados, em nome de uma autoridade que elles reconhecem; mas o estado sempre violenta o pensamento e a liberdade em nome de um culto, cuja verdade é desconhecida, embora essa violencia seja mascarada, como se dá entre nós. A nossa Carta constitucional, affectando prestar homenagem á liberdade de cultos, desmente-a comtudo estabelecendo uma religião de estado. Diz no art. 179 § 5.º que ninguem póde ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do estado e não offenda a moral publica, e no entanto estabeleceu no art. 95 que não poderá ser deputado aquelle que não professar a religião do Estado e exige para a occupação de todos os cargos eminentes do imperio e até mesmo para alguns inferiores um juramento catholico, o que importa obrigar aquelles que o não sejam ou a declinarem da aspiração a essas mesmas posições ou a perjurarem, o que visivelmente é contradictorio ao pensamento do § 14 do art. 179' onde se consigna que todo o cidadão póde ser admittido aos cargos publicos, civis ou militares, sem outra differença que não seja a dos talentos e virtudes.

Ninguem póde ser perseguido por não professar a religião do Estado e não obstante por esse facto a propria lei rouba ao cidadão grande numero de direitos, de regalias que lhe são inherentes, importando indubitavelmente essa privação uma violencia, uma perseguição verdadeira.

Não se póde dizer que haja entre nós liberdade

de cultos e de consciencia, porque o cidadão que usar della, que se apartar da religião do estado, é condemnado ao sacrificio de prerogativas que lhe assistem, e das quaes tem de se ver espoliado. A alliança entre a igreja e o estado é absurdo em face do direito publico moderno, e seus resultados perniciosos, já demonstrados pela Historia, quer anteriormente, quer posteriormente á Revolução Franceza, isto é, pelos factos contemporaneos, vêem-se finalmente, estudam-se claramente, na situação dolorosa de nossa propria patria.

Não ha muito tempo fomos testemunhas do conflicto travado entre o poder civil e o poder religioso; lamentavel conflicto que obrigou o governo a encarcerar dous ministros da religião, dous augustos prelados, desacatando-a portanto. O espirito publico indignára-se diante da temeridade daquelles dous homens, que sobranceiros ergueram-se ácima de tudo, calcando aos pés os sagrados direitos dos cidadãos, desrespeitando as auctoridades do paiz.

O governo, na impossibilidade de contêl-os, vio-se forçado a lançar mão de um meio extremo.

E no entanto elles estavam na esphera de suas attribuições e não tinham culpa de que não fossem estas perfeitamente discriminadas, ou, por outra, de que o estado tão intimamente ligado á igreja tivesse emprestado effeitos temporaes a penas puramente espirituaes. O Brasil, na sua constituição, em toda a sua legislação tinha deixado aberta a brecha por onde a igreja devia invadir o dominio das relações politicas e civis.

Por certo que não são os bispos os culpa-

dos, porque nada fizeram mais do que usar de direitos que lhes foram concedidos pela propria religião; e reconhecidos *ipso facto* pelo estado que a adoptou.

Incoherente foi o governo que, conservando e louvando o estado de coisas, não quiz acceitar as suas legitimas consequencias, os seus fataes resultados.

Incoherente foi o governo que, mantendo uma religião de estado, devendo-lhe protecção, auxilio, respeito, obediencia, foi o primeiro a calcar a na pessoa daquelles dous grandes bispos, que me são antipathicos pela causa que advogam, mas a quem respeito porque pelo menos souberam ser mais logicos, mais fortes, mais convictos do que o proprio governo.

Incoherente e arbitrario foi ainda esse mesmo governo, fazendo uma repressão que se não baseava na lei, e, o que é mais, a repressão de um acto que se continha na lei.

Collocando um governo na dura alternativa de saltar por cima do direito e da legislação ou de sacrificar a liberdade de consciencia, de acção, de pensamento que são o apanagio do cidadão e cuja guarda lhe está confiada, a questão religiosa veio praticamente tornar bem claro entre nós o absurdo de uma religião de Estado e implicitamente a necessidade da co-existencia de todos os cultos.

Em que peze, portanto, ao espirito reaccionario do catholicismo, que por intermedio de seu chefe supremo e infallivel, Pio IX, que na proposição 55.^a do *Syllabus* condemna a separação da igreja e do estado, ella em breve será completamente realisada em todas as nações civilisadas, porque assim o

exige a sciencia, a democracia e o espirito do seculo, contra o qual são impotentes todas as tentativas de uma egreja retrograda, mumia ridicula, todas as aggressões quixotescas e caricatas dos catturas de sotaina, apóstolos do erro e da treva.

Em que pese ao encarniçamento de um papa caduco contra os progressos e conquistas da civilização moderna, incompatibilizando assim a religião do Christo com a luz, com a verdade, a humanidade ha de proseguir sempre em sua marcha ascendente até á perfectibilidade.

Em que pese aos abutres do Vaticano, a razão humana ha de ser a eterna fonte da verdade, o santelmo da justiça e do bem que nos ha de guiar em meio das tempestades sombrias da ignorancia e do erro, o pharol do infinito, o proprio Deus immanente no homem, porque ella é o criterio que nos foi dado para regular todos os actos da nossa vida.

Póde pois o falso catholicismo levantar-se contra todas as grandes idéas do presente, contra o movimento da sociedade, anathematisar o pensamento, a philosophia, as sciencias, os descobrimentos e não conseguirá deter a luminosa torrente de factos que nos ha de conduzir ao futuro, e que é guiada e presidida pela providencia do Eterno.

Póde o catholicismo alliar-se aos reis e aos principes para suffocar as crepitações do cerebro e as pulsações do coração popular, porque a victoria tem de pertencer fatalmente á democracia, em cujos musculos athleticos turbilhona o sangue, a seiva do porvir.

A democracia é a affirmação da liberdade — que é

o direito, da egualdade— que é a justiça, da fraternidade— que é o dever; e o catholicismo, como inspiradamente nol-o diz o grande tribuno hespanhol, “é hoje a negação do progresso na historia, a negação da consciencia na moral, a negação do direito na politica, a negação da arte classica na esthetica e consagrou todas estas negações, como uma enorme hecatombe, nos altares do christianismo.”

Hoje a democracia affirma a liberdade de cultos e o catholicismo nega-a.

E no entanto a liberdade de cultos é, na phrase de um illustre escriptor, “o caracteristico do nosso tempo, a base da liberdade de pensamento, a fraternidade humana succedendo á intolerancia da Inquisição, a sociedade levantando sua justiça severa sobre o egoismo das eschololas e o dogmatismo das seitas, a reconciliação de todos os povos no seio da humanidade.”

A liberdade de cultos já é uma realidade em diversos paizes, na Suissa por exemplo, onde se asy-la á sombra daquellas montanhas alterosas um povo laborioso e livre, cuja historia contém luminosissimos fastos, a começar da sua gloriosa independencia, proclamada por Guilherme Tell, o libertador legendario, que travando da setta foi craval-a no peito de Gessler—o tyranno.

A liberdade de cultos é uma realidade nos Estados-Unidos, a nação modelo, a patria de Washington, de Franklin, de Lincoln; nos Estados-Unidos, onde florescem as artes, as sciencias, o commercio, a industria, onde reina desassombrada a liberdade, a justiça, a egualdade e o direito; onde o povo, o so-

berano mendigo, o eterno maltrapilho da historia, entrou na posse do grandioso patrimonio, que lhe, fôra extorquido.

E a liberdade de cultos ha de ser tambem uma realidade no Brasil!

.....

INDICE

	<i>Pags</i>
CARVALHO JUNIOR.....	VII
THEATRO :	
Prefacio... ..	3
Parisina	11
VERSOS :	
I Profissão de fé.....	87
II Nemesis.....	88
III Anthropophagia	89
IV O perfume.....	90
V Lusco-fusco	91
VI Simia	92
VII Ambæ florentes.....	93
VIII Scena de bastidor.....	94
IX Febre cibaria.....	95
X Margarida Gauthier.....	96
XI Plastica	97
XII Esboço.....	98
XIII Après le combat.....	99
XIV Idolo negro.....	100
XV Sulamita,.....	101

XVI	Adormecida.....	Pags 102
XVII	Helena	103
XVIII	For ever.....	104
XIX	A nova sensação.....	105
XX	En attendant.....	106
XXI	A***.....	107
XXII	No album de um collega.....	108

FOLHETINS:

Aspasia.	111
Necrologio de um.....	117
A estatua de carne.....	124
Um amor philosopho.....	131
Fervet opus.....	137

CRITICA:

O romance	145
A morgadinha de Val-flôr.....	151
Ardentias	157
O marido da douda.....	161

VARIOS:

A evolução democratica.....	167
A legenda republicana.....	173
A liberdade de cultos.....	177

RELAÇÃO

das pessoas que subscreveram para
a publicação deste livro:

Dr Alexandre Bousquet.....	1
Joaquim de Souza Ferreira.....	1
Luiz Reis.....	1
José Elysio dos Reis.....	1
Dr Joaquim Maldonado.....	2
Cesar Ribeiro.....	5
Arthur Barreiros.....	2
Augusto Neves.....	2
José Figueiredo de Araujo.....	1
Gustavo Fontoura.....	1
Dr Carlos França.....	1
J. M. da Cunha Vasco.....	2
Fontoura Xavier.....	1
Francisco Pereira da Silva.....	1
José do Patrocínio.....	2
Dr João Francisco de Souza.....	1

Um Apollinario.....	1
J. C. de Carvalho.....	1
Paula Ney.....	1
Domingos Lyra da Silva.....	1
Dr Ferreira de Araujo.....	1
Elysio Mendes.....	1
Dr Ferreira de Menezes.....	1
Henrique Chaves.....	1
A. L. Reis.....	1
Julio Braga.....	1
Alfredo Bastos.....	2
Dr Esperidião Eloy Filho.....	2
João Mendes.....	1
Dr Ferreira Leal.....	1
Thomaz Alves Filho.....	1
Claudio José da Silva.....	1
Antonio João Loureiro.....	2
Dr Serpa Pinto.....	1
Theophilo Dias.....	1
J. José dos Reis Junior.....	6
Dr J. E. Teixeira de Souza.....	2
Dr Rodolpho Dantas.....	2
Eduardo Ribas.....	1
Ezequiel Lourenço de Oliveira.....	5
Napoleão Jeolás.....	1

Luiz Navarro.....	1
F. Antonio da Costa.....	1
D. Narcisa Navarro.....	1
Um amigo.....	1
A. J. Pinto.....	6
Dr Belisario Augusto Soares de Souza.....	1
Adriano Côte-Real.....	2
Alberto de Oliveira.....	1
Salvador Muniz.....	1
D. Fanny de Sensburg Silva.....	1
Luiz de Andrade.....	2
Dr Fernando Alberto Vieira de Lemos.....	2
Dr Martinho Duarte Pinto Monteiro.....	1
José Caetano da Silva.....	1
Felicio Roque.....	1
Aroeira.....	1
Frederico Sensburg Silva.....	1
Antonio Julio de Carvalho.....	1
Alfredo Barreiros.....	1
Dr João Capistrano do Amaral.....	1
Meirelles.....	1
Celestino José da Silva.....	1
Arthur Azevedo.....	2
Visconti Coaracy.....	1

ERRATAS

A' pagina 104, em vez de —

Na massa do teu sangue, de cada arteria ou fibra
lêa-se :

Na massa do teu sangue, em cada arteria ou fibra,

A' pagina 106 em vez de —

Vem, Nini! não tardes, 'stou viuvo,
lêa-se :

Oh! vem, Nini! não tardes, 'stou viuvo !

Escaparam outros erros que o leitor facilmente
corrigirá.

